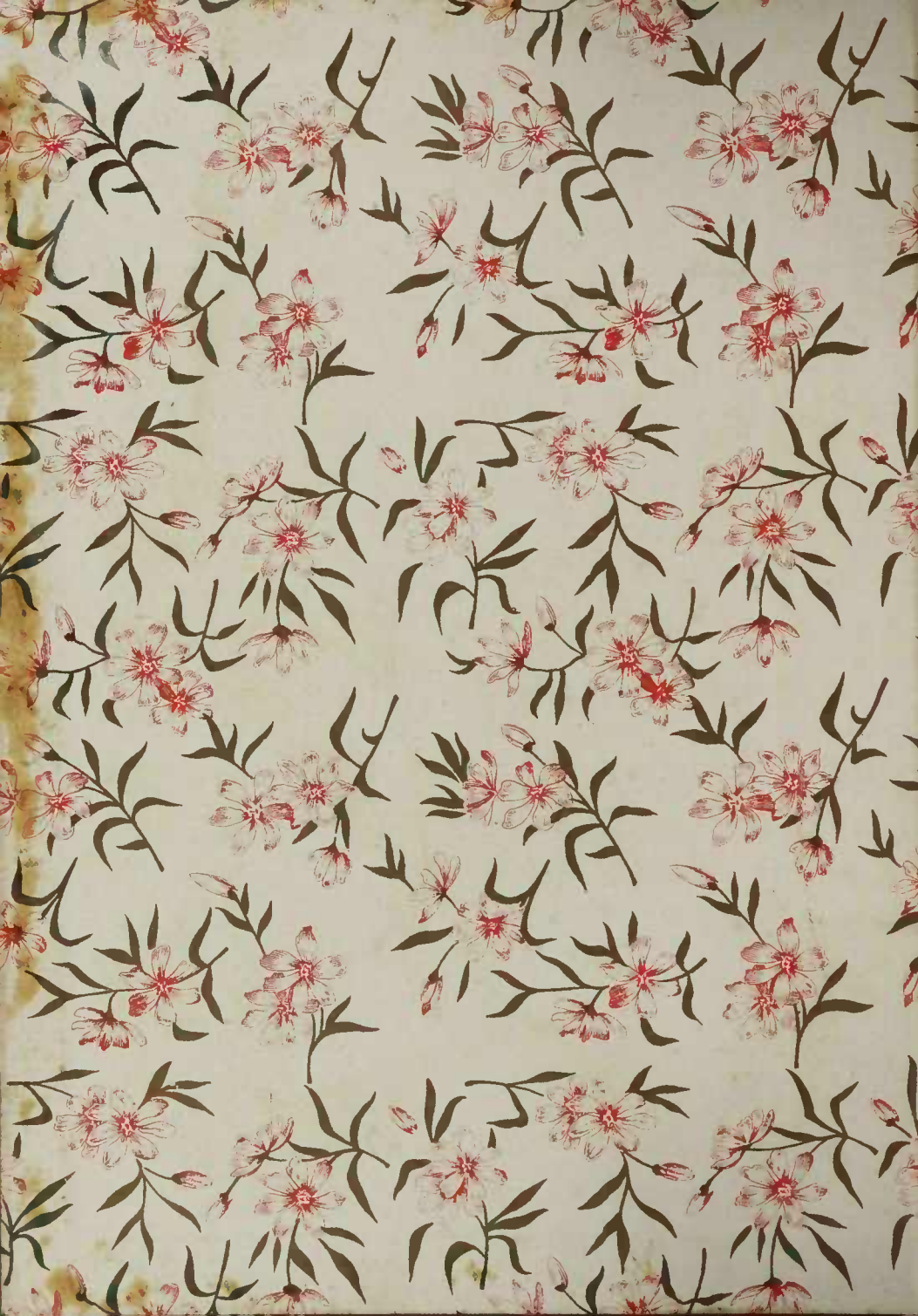


Francisco Quirino dos Santos

Estrellas 

 Errantes







FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS

Estrellas * * *
* * * **E**rrantes


3.^a EDIÇÃO



1905
Typ. a vapor LIVRO AZUL - A. B. de Castro Mendes
CAMPINAS



Dr. Francisco Quirino dos Santos



DEVE aqui ser explicado o apparecimento da terceira edição das *Estrellas Errantes*, a excellente collecção de versos do saudoso poeta campineiro, Dr. Francisco Quirino dos Santos.

Dezoito annos após a morte do inolvidavel homem de letras e jurisconsulto distincto, nos centros cultos do Estado de São Paulo, em muitos do Brasil, e em alguns de Portugal, ainda se fazem referencias aos trabalhos poeticos do Dr. Quirino, um dos mais illustres filhos desta abençoada terra.

A mocidade intellectual do nosso tempo ouvia ou lia taes referencias, mas o livro se tornara a pouco e pouco rarissimo; um ou outro colleccionador o possuia, guardado como se

guarda um thesouro; e para a pleyade brilhante dos talentos novos os maviosos carmes do vate desaparecido eram uma doce melodia, vaga, indefinida, echoando longe e ficando longe.

Ora, é á mocidade que compete, recebendo a tradição dos grandes vultos do passado, transmittil-a ao futuro. E como para julgar do merito dos homens notaveis, convém que o seu trabalho seja conhecido, uma nova edição das *Estrellas Errantes* se fazia mistér. Emprehehdemos essa tarefa.

* * *

Aquelle que devia ser um dos corypheus da democracia veio ao mundo num dia predeterminado. Foi a 14 de Julho de 1841 que Francisco Quirino dos Santos enriqueceu o lar de seus paes — o Major Joaquim Quirino dos Santos e D. Maria Francisca de Paula Santos. E a cidade de Campinas teve a gloria de lhe servir de berço.

Aos nove annos entrou para a escola, frequentando-a apenas oito mezes. Depois, levado para uma fazenda, ás margens do “claro Atibaia”,

que havia de cantar, entregou-se à leitura. Aos doze annos — diz Carlos Ferreira, um dos seus biographos — escreveu uma satyra, após haver lido, de par com historias de cavallaria, o *Werther* e uma collecção de versos em que figuravam os de Gonçalves Dias, João de Deus e outros.

De 1855 a 1859 fez em São Paulo os preparatorios para a matricula na Academia de Direito. Data desse tempo o seu inicio no jornalismo. Collaborando com Rangel Pestana, redigiu o *Lirio*, jornal dedicado ao sexo fragil; ao lado de Belfort Duarte, Campos Salles, Jorge Miranda e João Quirino, escreveu para a *Razão*, folha litteraria e politica da epoca. Nesse orgam entreteve varias polemicas.

Formado em 1863, depois de brilhantes estudos, no anno seguinte publicou a primeira edição das *Estrellas Errantes*, sendo o livro elogiado grandemente por João Carlos de Souza Ferreira, Luiz Guimarães, Pessanha Povoá, Pimheiro Chagas, etc. Innocencio Francisco da Silva, em seu notavel dictionario, fez honrosa referencia ao poeta estreante.

Francisco Quirino redigiu o *Correio Paulistano* (1864—1865), foi promotor em Santos (1865—1867), sendo acintosamente demittido por questões politicas; mais tarde fundou a *Gazeta de Campinas* (1869).

Em 1876 sahio a lume a segunda edição de seus versos.

Advogado em Campinas ao sahir de Santos, aqui se tornou um dos notaveis jurisconsultos de nossa terra. Teve no jury as causas mais difficeis e conseguiu esplendentes victorias.

Homem politico, abolicionista e republicano, era deputado provincial quando falleceu em São Paulo, a 6 de Maio de 1886.

Amigo dedicado, foi chefe de familia exemplarissimo, deixando prole numerosa que sabe honrar seu nome glorioso.



De parte, porém, o advogado, o politico, o philantropo, o honrado chefe de familia, digamos algo do poeta, sem intenção de critica.

Na ocasião de sua estréa nas letras, o grande desterrado de Jersey vibrava raios da nova Pathmos contra o usurpador da liberdade franceza, o terceiro Napoleão.

O astro fulvo do romantismo rebrilhava em toda a plenitude

E no Brasil se realisava o quarto periodo da evolução romantica, na classificação de Sylvio Romero.

O bardo das *Espumas fluctuantes*, por sua vez, tangendo a lyra que o immortalizou, com fulminantes estrophes derrocava a Bastilha negra, audacia que mais accresceu valor ao seu êstro.

Não fez menos Francisco Quirino dos Santos: hugoano, épico, imaginoso, o plectro de que usava achou cordas para tanger, de envolta com poesias lyricas, versos para decantar as grandezas de sua patria.

Os grandes homens, como Carlos Gomes mereceram-lhe encomios; teve endechas para decantar o escravo; louvou o trabalho; e meigamente prestou um culto á sãude, nesse *Re-*

novare, que é uma das suas mais bellas inspira-
ções.

Eis, em resumo, o que disseram os com-
petentes, por occasião das duas edições das
Estrellas Errantes.



Este livro, pois, augmentado com diversas
produções do vate, esparsas pelos jornaes, pela
terceira vez sáe do prélo para glorificação de
seu autor.

Que o releiam os velhos, todos os que o
conservam como um thesouro; que o leiam os
moços, todos os que o não conhecem, e terão
a certeza de que Campinas possuiu um dos
melhores literatos do mencionado periodo evo-
lutivo de nossas letras.

Esta edição não visa sómente apontal-o á
admiração de coevos e posteros. E' tambem
justa homenagem prestada ao Campineiro que
teve o espirito illuminado por esses preciosos
dotes que elevam o homem á consideração
geral: a bondade, a intelligencia, a illustração.

Elle passou qual uma “estrella errante” no azul da arte campineira, mas o seu trabalho, essas meigas rimas ahi ficam, nitidas, vivas, a projectar serena claridade sobre o nome do illustre morto.

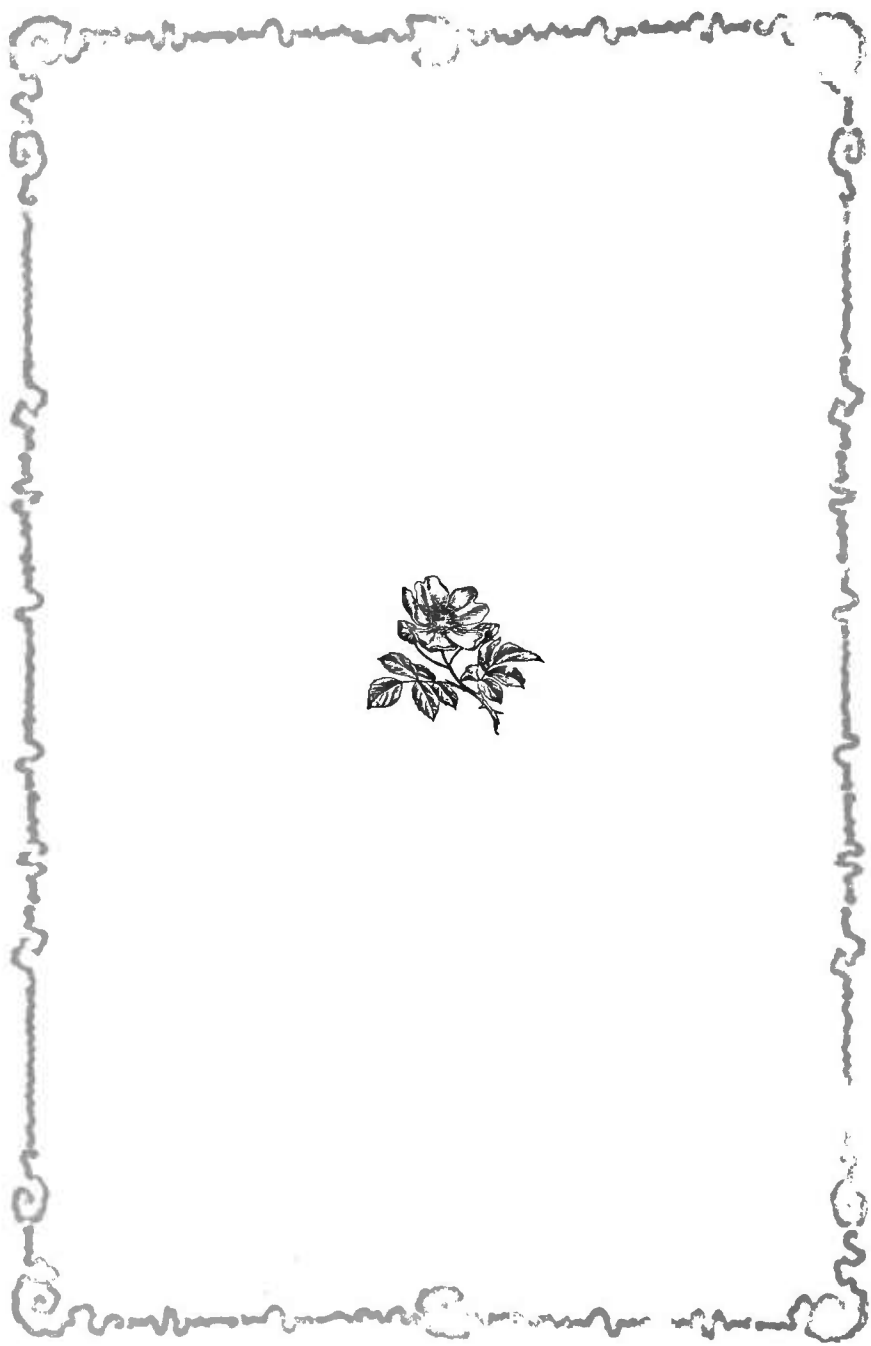
Destina-se a venda deste volume para a erecção de um monumento que, mais cedo ou mais tarde, Campinas deve elevar á memoria de seu filho distincto.

E’ um dever imposto a todos nós, campineiros natos ou de adopção, porquanto honrar o Dr. Francisco Quirino dos Santos é obedecer ao preceito dantesco

Onorate l’altissimo Poeta!

Campinas, Setembro de 1904.

*Benedicto Octavio.
Leopoldo Amaral.*



A vida

Eil-a, a estação gentil! E' elle, ó natureza!
Setembro o terno mez enfumaçado já:
Cantos por todo o ar! modilhos na deveza!
A rispida araponga, o meigo sabiá!

Accorda! accorda, ó bella! ó primavera, estende
Os braços semi-nús e o ninho deixa enfim:
Aos brilhos da queimada um teu olhar accende
Entre os lenções de fumo -- estrellas de rubim!

Ergueu-se! e ainda a rever o enorme vilipendio,
Que o frio ao monte e ao val em seus estragos fez,
As dobras do sendal, onde dormira o incendio,
Abrindo alegre e a rir, acolhe o ingenuo mez.

E em bandos a crescer a multidão enceta
O gyro seu ao réz de umbriferos covis :
O timido veado, a onça anachoreta,
E em atomos de luz crysalidas subttis.

Por entre as algas vae, ás nymphéas se agarra
A provida formiga, aventureira audaz,
E avança, sem temer as vaias da cigarra,
Em frigidis marneis o seu gyro sagaz.

Então em voltas mil as cupulas de verde
Elevam-se a vestir os vastos cipoaes ;
Rede que fez o inverno e pezaroso perde
Para hymeneu do orvalho e as folhas virginaes.

Os ramos vão de par e a ousada trepadeira
Os galhos colossaes em laços abranger,
E, como ampla cortina, as flechas da palmeira
Em franjas de esmeralda ao templo suspender ;

Ao templo em que o prazer, o murmurio, o bulicio,
A vertigem do amor envolve a criação,
Entreabrindo ao fulgor de um pallido resquicio
Aos impetos do ser — a vida ! a immensidão !

Desde o penhasco aonde em thronos de basalto
O tremulo condor erguido ao ar fluctua,
Até aos boqueirões em que de sobresalto
O riacho opprimido e a fria larva estúa,

A festa! a festa, ó Deus! o mundo exalça e agita!
A terra, a agua, o céu, raios loiros a flux,
Parecem ir beber á lampada infinita,
A'quelle immenso amor que une o espaço á luz!

Beijam-se as aves já, prende-as febril aneio!...
E' a espessura o leito, as flores são o véu!...
Que doce tintinar! que suave gorgueio!
Ai, lindo céu de amor! ai, fundo amor do céu!

Côres da primavera! ó côres encantadas!
Perfumes d'amplidão que inda passaes por mim!
Sombras que o sol abraça em ancias namoradas
E doidas de o fugir abraçam-no por fim;

Longinquo sussurrar das vozes do deserto,
Em harpas immortaes que vibra incerta mão ;
Notas que o vento exhala e eleva ao longe e ao perto,
Sonhos d'almo sorrir em languida afflicção ;

Imagens que o porvir em nitido sacrario
Ergueis doirando o umbral á dôr que espera e crê,
Aos paços em que é véu esplendido sudario
E degráus a esperança, a caridade e a fé ;

Ao pallido clarão da minha atroz saudade
Na estrada que deixei brilhaes como aureo pó !
De tanto coração, de tanta mocidade,
Em laminas sem côr um grão de areia só !

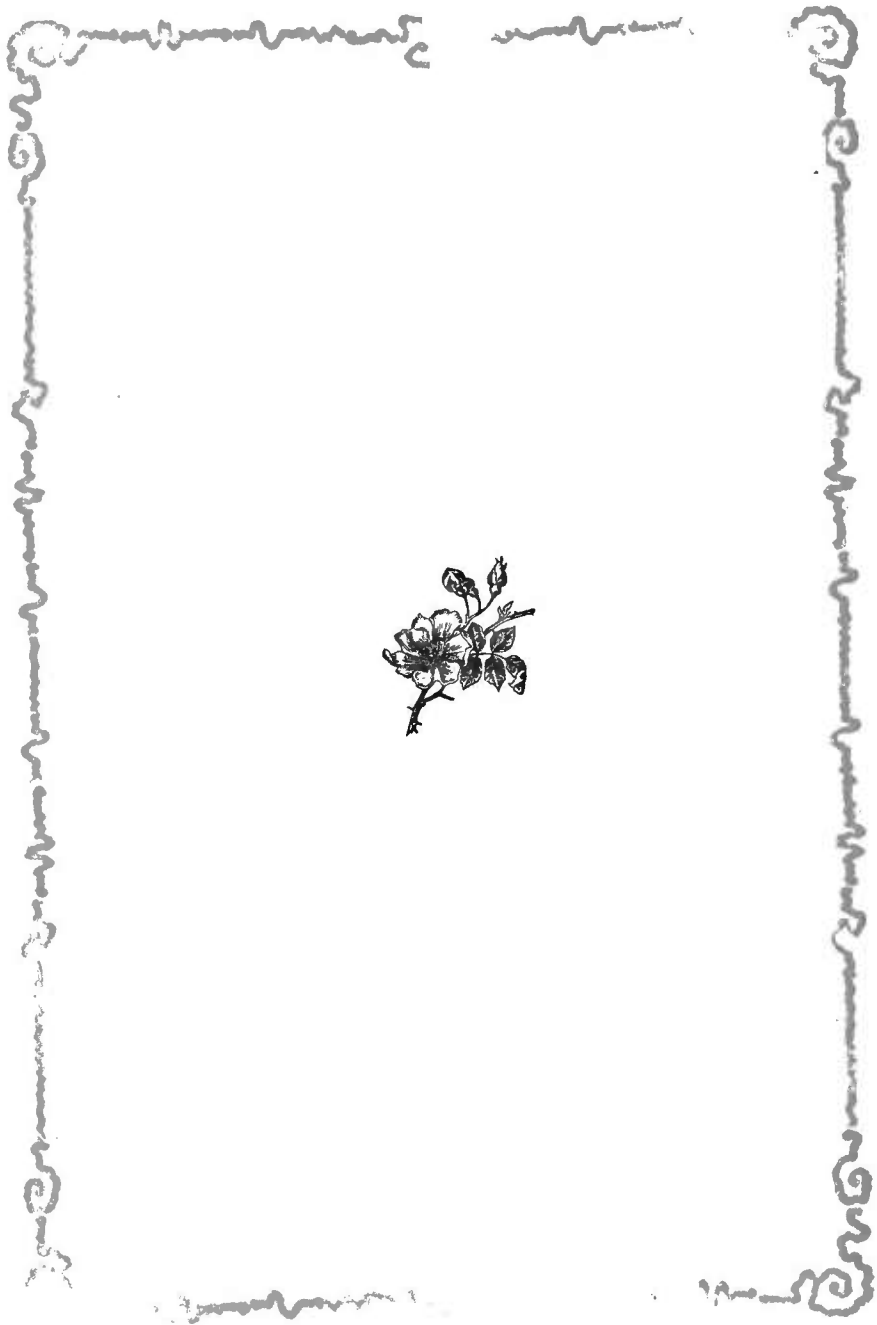
Aqui !... era bem esta a solitaria cava,
As brenhas que eu amei correndo a noite e o dia :
Tendo sempre um adeus a tudo que passava !
Tendo um hymno de amor a tudo que morria !

Ao manto da saudade abrindo a nevoa extensa,
Eu sinto no meu peito a vida resurgir :
Ancia, prece que vae, numa supplica immensa,
Das cinzas do passado ás trevas do porvir !

Ai! si eu pudesse ao vago em que o olhar se cança
E, disco d'oiro, quer fundir-se no esplendor,
Subir! subir! subir! como sóbe a esperança
Aos seios do infinito em canticos de amor!...

Sorridente, aves, correi, esplendida cohorte!
A's arvores da serra, ás cannas do paul!
Arroja-te, minha alma! alma, cede ao transporte!
E voa ás amplidões, ao páramos de azul!





© raio

.....urendo claresc
TACITO.

Fulmineo, roto, em chamma
O disco do horisonte,
Por entre o val e o monte,
Sinistro albor derrama !

A lava ardente, informe
Surgio na alta cratera !
O insecto, a ave, a fera,
Tudo se acoita e dorme !

Num rapido desmaio
O ar tremeu ! Distende-o,
Em seu medonho incendio,
A furia, a morte, o raio !

Estruge, rompe, abala
As nuvens que illumina !
O espaço — vasta ruina !
Ao seu rugido estala !

E brame e ronca afflicto !
E rola e salta e logo,
Por entre anneis de fogo,
A's raias do infinito,

O plumbeo céu descerra !
E espelha os sôes profundos
Das abas de outros mundos
Ao tremedal da terra !.

Salvè, Poder ! resumo
Da incomparavel Força !
Meu ser em vão se esforça
Por comprehender-te o rumo !

Inda que, ó luz, tu corres
O teu longinquo trilho,
Eu sinto em mim teu brilho!
Como eu, tambem não morres!

Como eu que vejo imbelle,
Nesta ancia que me opprime,
Um impeto sublime
Que o — nada — em mim repelle.

Tu vais de astro em astro
Aos paramos extensos,
Deixando em globos densos
A fórma do teu rastro!

Tu és o extranho laço,
A grande e rubra teia
Que une á vida a ideia,
E a vista ao verme escasso!

Tu és a ampla cortina
A' face do Universo,
Que envolve em aureo berço,
A criação divina!

Tu és a enorme lente
Da alma e do sentido,
Que o atomo perdido
A Deus torna patente !

Mysterio — sonho intenso
Da fronte do Senhor,
Do eterno seio immenso
Tu és o immenso amor !



Quien ama no vive

Quando em teus olhos scintilla
Por entre a negra pupilla,
Essa luz vivida e pura
Que nos meus se vem cravar,
Não sentes um vago incerto
Palpitar pela ventura
Que tanto mais desaparece
Quanto mais nos vemos perto ?
Oh ! nesse eterno aspirar
Das sombras ao eterno gozo,
Não vês que vae-se o repouso,
Que toda a vida estremece ?...
Quando estás longe de mim,

Nessa saudade infinita
Que os seios dilata, agita
Num sonho meigo sem fim ;
Quando tudo se illumina
De um raio vital na terra ;
Quando o sol no adeus se inclina,
Ligando no mesmo abraço
As nuvenzinhas doiradas
E as penedias da serra ;
Lançando a vista no espaço,
No azul que separa o monte
D'entre as brumas do horisonte ;
Com o teu morbido olhar,
Buscando ancioso o esplendor
Que se morre além do mar,
Por ter avistado a imagem
De alguma etherea visão
No quasi extincto fulgor, —
Mas que esvai-se na passagem
Do importuno turbilhão ;
Não julgas sentir a vida
Exhausta quasi, perdida,
No desvairado debate
Desse lutar da razão,
Contra a materia que abate
O amor ao limbo da treva
E o espirito que o eleva
Ao ideal do prazer ?...
Pois, isto assim é viver ? !

Maio de 1863.

Horas de luz

Que noite aquella de encontradas scenas !
Como ainda me correm na lembrança
De tanto susto as lancinantes penas
Que a minha exhausta mente flagellavam
Da horriavel incerteza nos martyrios !
 Era a noite da esp'rança
Que de ha muito meus olhos divisavam
 Entre os vagos delirios
De uma cega paixão, fatal, sem termo,
Quando ella abraça e opprime o peito enfermo.

Era a noite de um baile. Os doidos pares
Gyravam junto a nós na tropelia
Da ridente folia.
Quantas juras se davam nos olhares !
Que de amores nasciam,
E quantos não morriam
No abandono e no tédio do canção !

Tu firmada em meu braço
Como triste e calada caminhavas !
Mal, a furto me olhavas !
Tinhas na fronte o emblema do despeito
Entre rosas e lírios estampado,
Teu olhar magoado,
Teu riso contrafeito,
O compassado aneio
Que te agitava o seio,
Oh! não podiam, não! mentir nessa hora,
Não podiam velar o teu desgosto :
Póde a gente occultar a dor no rosto
Si o coração lhe chora ?!

Eu triste, eu sem tino, eu já perdido,
Sem saber o motivo extranho, occulto
De tamanha mudança,
Eu dizia commigo : — si não ama
Porque me fez nascer tanta esperança ?

Porque me accendeu n'alma a dura chamma,
Que mais voraz agora ainda se inflamma?
Soltaste um flebil ai, tão comprimido
Que par'ceu-me trazer o teu indulto.

Chegámo-nos depois a uma janella.
Escuro estava o céu, tristonha a noite ;
 Nem arvores gemiam
 Do vento ao frio açoite,
 Nem lá no ar se viam
Os desmaiados raios de uma estrella.
 E eu quasi prostrado
Com força te apertava a cinta airosa ;
 Meu olhar desvairado
Buscava adivinhar no teu semblante
O que tinhas na mente fervorosa.
 Do soluço arquejante
Deslaçaram-se então não sei que phrases
 De lastimosa queixa!
 Assim talvez a endeicha,
Que a rola da floresta ao vento sólta,
Tem o afflicto pungir, quando não volta
O esposo que foi ter a mãos fallazes !

Teus olhos pouco e pouco se animaram
Daquelle fogo esplendido e divino,
 Que ao rosto purpurino

Subito eleva em labareda o pejo ;
Teus seios ondulantes palpítaram
Como accezos em tumido transporte
 De expandir um desejo!...
 Era a lucta cançada
Entre a cólera immensa concentrada
E inda maior o affecto, inda mais forte !
 E, como na mesma haste
Abre o botão e pende a flor mirrada,
Ostentavas em vivido contraste,
No gesto mudo — altiva magestade
E no morbido olhar — a piedade !

Tu falaste por fim ! magicas falas,
Que eu bebia em tua bocca palpitante,
 Qual bebe o viajante
Nos effluvios subtis da calma sésta
 O perfume da fraga
Onde a casa avistou risonha, maga !
 Já perto pelas salas
 Ia o termo da festa,
E nós entregues a um sentir profundo,
Esquecemos nessa hora a todo o mundo !

Tu me disseste então que eu já não tinha
Em meu peito traidor uma só veia
Que pulsasse por ti de amor sincero,

Que outros laços, emfim nova cadeia
 A *outra* sujeitava a vida minha!
 E teu labio severo
 Disse um nome indistincto ao meu ouvido!
 O que eu disse não sei!... mais que um gemido
 Não foi, ó Deus! por certo.

Vi! oh! vi, nessa hora, que inundavam
 O teu olliar também grossas correntes
 De lagrimas que as vózes te embargavam!
 Vi teu vulto coberto
 De um extranho fulgor, de um brilho intenso
 Como esse que ha de estar de Deus na face,
 Quando os olhos clementes
 A'lgum delicto immenso
 Inclinar piedoso,
 Ou quando bonançoso
 Vir o justo que em paz no céu entrasse!

Tu leste em meu semblante
 Toda a innocencia que me estava n'alma;
 E o ciume fatal, naquelle instante,
 Desfez-se em ancias de amorosos prantos.
 Dois triumphos iguaes de gosos santos
 Colhemos naquella hora abençoada:
 Tu de seres na terra idolatrada

Mais que quanta mulher o mundo encerra!
Eu de ter encontrado em ti, na terra,
De meus anhelos a almejada palma!

A sala era deserta
Ao voltarmos dalli; serena, aberta
Coava a luz dos vidros transparentes :
Rompia a madrugada,
Nos espaços dos céus ;
Nas campinas olentes
Tudo estava em repouso !
Ai ! recorda : co'a voz entrecortada,
Nos transes da paixão,
Tu me apertaste a mão !
Que amor ! que vida ! que sorrir ! que gozo !
Naquelle extremo adeus !

E depois ! dessa noite, de taes scenas
Que ficou para nós ? Uma lembrança !
Uma folha no livro do passado !
E o temor e o receio de que o fado
Venha trocar, de novo, em duras penas,
Tantos sonhos e anhelos ideaes !
Oh ! pois aquellas horas de esperança
Não têm de voltar mais ? !...

Menina e moça

De oppresso e occulto na gaza,
O tremor te arfa o corpinho,
Como o sussurro de uma aza
Que surge á beira de um ninho!

Como o pejo sóbe e alaga
E a tua imagem circumda,
Dessa aureola de luz vaga
Que de alma os olhos inunda!

Quando ao limpido universo
A nossa terra unio Deus,
— Este pequenino verso
Da ode immensa dos céus! —

Abrio nella o paraiso,
Rosea estancia peregrina :
Quiz ajuntar-lhe um sorriso
E fez então a menina !

A' flor dos labios divinos,
Rompendo o verbo sidereo,
Nasce em flocos purpurinos
O ser, o encanto, o mysterio !

E os seus hombros nús reveste
Aquelle candor que passa
A fórma aerea celeste
Num aureo disco de graça :

Collar de sonhos que, aos beijos,
Tecem os anjos no espaço !
Em que os elos são — desejos
E são — ais — o pé e o laço !

Menina e moça te afaga
O medo!... a esp'rança!... quem sabe?
Essa prece de amor vaga,
Que em língua de homens não cabe!



Amor de salvação

Contemplai a casa ao longe :
E' toda branca a parede,
E o telhado pardacento
Parece o capuz de um monge
Que vaga sombra despede
Sobre um pallido semblante
Todo bondadé e tristeza!
Correi o amplo cercado
Onde á tarde passa o vento
No bulicio agonisante,
E vêde aquella deveza :
A casa, como um segredo,
Do socego e da ventura

Alli posto na espessura —
D'entre as frestas do arvoredó,
Ha de seguir-vos de par :
Assim a rola na estrada
Vai saltando descuidada,
Mas fugindo ao nosso andar,
É nas voltas do caminho,
Ora avulta num raminho,
Ora some-se a voar !

Como é formosa a miragem
De toda aquella paisagem !
Até nas pedras do monte
Nuas, soltas as raizes
Do triste cardo a pender,
Têm phantasticos matizes,
Quando o sol pelo horizonte
Cinge em lubricos ardores
Serras, valles, bosques, flores,
Ebrió de luz a tremer.

Doida a brisa, a brisa em ancia,
Qual murmurio na distancia
De indistinctos, crebros — ais —,
Agita a doce fragrancia
Dos floridos cafezaes ;
E enlaçando as debeis folhas

No constante voltar,
Vai deital-as mansamente
Pelas aguas da corrente,
Que ao meio corta o pomar :
De esmeralda verdes bolhas
Num fio d'alvo collar !

Alli passei toda a infancia
Naquella adorada estancia;
Oh! sonhos da mocidade!
Oh! que dorida saudade !

* * *

Quando o irmãosinho chorava
Ella o trazia cantando
Junto ao tronco da paineira,
Onde a selva mais trançava
Os laços da trepadeira.
Depois, depois suspirando
Ia até a encruzilhada,
A ver as aves em bando
No vôo incerto e vivaz,
Unindo a alegre toada
Co'a dança dos *tangarás*.

Não sabe, não, como é lindo
Errar nos bosques scismando,

Quem nunca andasse sósinho
No deserto escuso, infindo,
A parar de quando em quando,
Já seguindo o trilho umbroso,
Já o desvio tortuoso :
Vendo sempre, sempre a matta
E acaso um ruído, um ninho
Onde a vida se dilata,
Das ramas por entre o véu,
E ao longe apenas o céu !...

* * *

Uma vez, era ao sol-posto,
E vinha como apressada
Aquella visão serena !
A voz tenra, frouxa, amena,
O collo todo a tremer...
Pairava então no seu rosto
Um como sorriso aereo,
— Raio, esperança, mysterio ! —
Essa aureola do prazer,
Que vem d'alma incendiada
Morrer nos labios a custo,
Quando a graça, o pejo, o susto
Vestem no anjo a mulher !

Pelo musgo da barranca
Voava travessa inquieta,

Toda mimo, toda branca,
Pressurosa borboleta :
Era qual outra menina,
Deixando a larva mofina.

Quiz seguil-a, então, a bella ;
E o pobre insecto, de vêl-a
Bateu as azas, fugio.
Ella cançada, arquejante
Sobre a moita verdejante
Foi assentar-se e...

(de leve

O perfume da folhagem
Talvez passando na aragem,
Tenha venenos ou teve
Naquelle instante...)

dormio !

E o pae -- o feitor -- na ausencia,
Descuidado além, na roça :
A um lado -- a casinha, a choça,
E o silencio em derredor !...
Entre nós só a distancia
Que vae da casta innocencia
A essa vontade -- supplicio,
Echo informe da consciencia,

Sombrio, insondavel, tredo
 Laço do instincto, descripto
 Pelas gottas do suor
 Entre a orla do infinito
 E a aresta do precipicio,
 Quando a vertigem do medo
 Céga a coragem do amor!...

E fui!

Ao languido aneio
 Arfava naquelle seio
 Um certo occulto rumor,
 Como si a alma estivesse
 Resumida numa prece,
 E fosse o altar peregrino
 Aquelle corpo divino,
 E fosse Deus o pudor!

Foi uma loucura immensa
 Da paixão a chamma intensa
 Que enfim meu ser abraçou!
 Em seu pescoço mimoso
 Tentei meus labios roçar...
 Mas, quando o férvido beijo
 Um relampago do gozo
 Por minha frente passou,

Não sei que extranho lampejo
Veiu-me a vista turbar !
Voltei a face e tremi !
E' que nessa hora senti,
Só o contacto fatal
De uma lamina glacial :
Pois, d'entre os seus hombros nós,
Cahiam como aurea veia,
Elos de fina cadeia
E nelles preza uma cruz !

* * *

Depois quando ella accordou,
Quasi em extasi fixou
Em mim o olhar desvairado,
E correu para o cercado.

Não chorei, oh ! não chorei !
E hoje o Senhor me envia
Uma suave alegria
Na saudade que dilata
Os sonhos que já sonhei !
Ai ! que alli só fiquei eu,
A noite, o deserto, a matta,
E ao longe apenas o céu !



Ignis Soror!

A MEU AMIGO SR. JOAQUIM BONIFACIO DO AMARAL.

Recitada quando se inaugurou o collegio Culto á Sciencia

Havia o chaos e o nada e a escuridão disforme
E o silencio a ennoitar todo o vazio aos céus!
A sombra em denso véu corria o vacuo enorme!
E só, d'entre o infinito, a contemplar-se — Deus!

Emfim, na mente augusta a idéa fulgurante
Abre-se á vida, ao ser, em turbilhões a flux!
Estende-se o Universo! e ao brado retumbante
Ao mundo faz-se o verbo e ao verbo faz-se a luz!

Mas triste, abandonado, o homem perde o ninho
Onde sorriu-lhe a esp'rança e a ventura d'apoz ;
Sangra-lhe o corpo a dor no ponteagudo espinho :
No irmão que amou primeiro acha o primeiro algoz !

E passa, e passa errante ao deserto sem termo,
A' planície, á devesa, ao bosque, aos alcantis ;
Em tudo vem-lhe a magoa, a morte, o frio, o ermo !
Tudo lhe enturva o olhar e a carreira infeliz !

Um dia surge além a estrella precursora,
O astro que a innocencia e a candura traduz ;
Inunda-se de amor a chammejante aurora :
A alma é o novo céu e o novo sol é a cruz !

Aos raios da palavra ergue-se agora o templo !
O direito e a razão fundem-se ao limiar ;
E dão no santuario ao sacrificio o exemplo :
A prece é a caridade e a consciencia é o altar.

O' grandes ! ó pequenos ! é de todos a esmola !
O espirito tem fome e em ancias se desfaz !
Em frente da cadeia edifica a escola !
E vão-se a guerra e o crime : a educação é a paz !

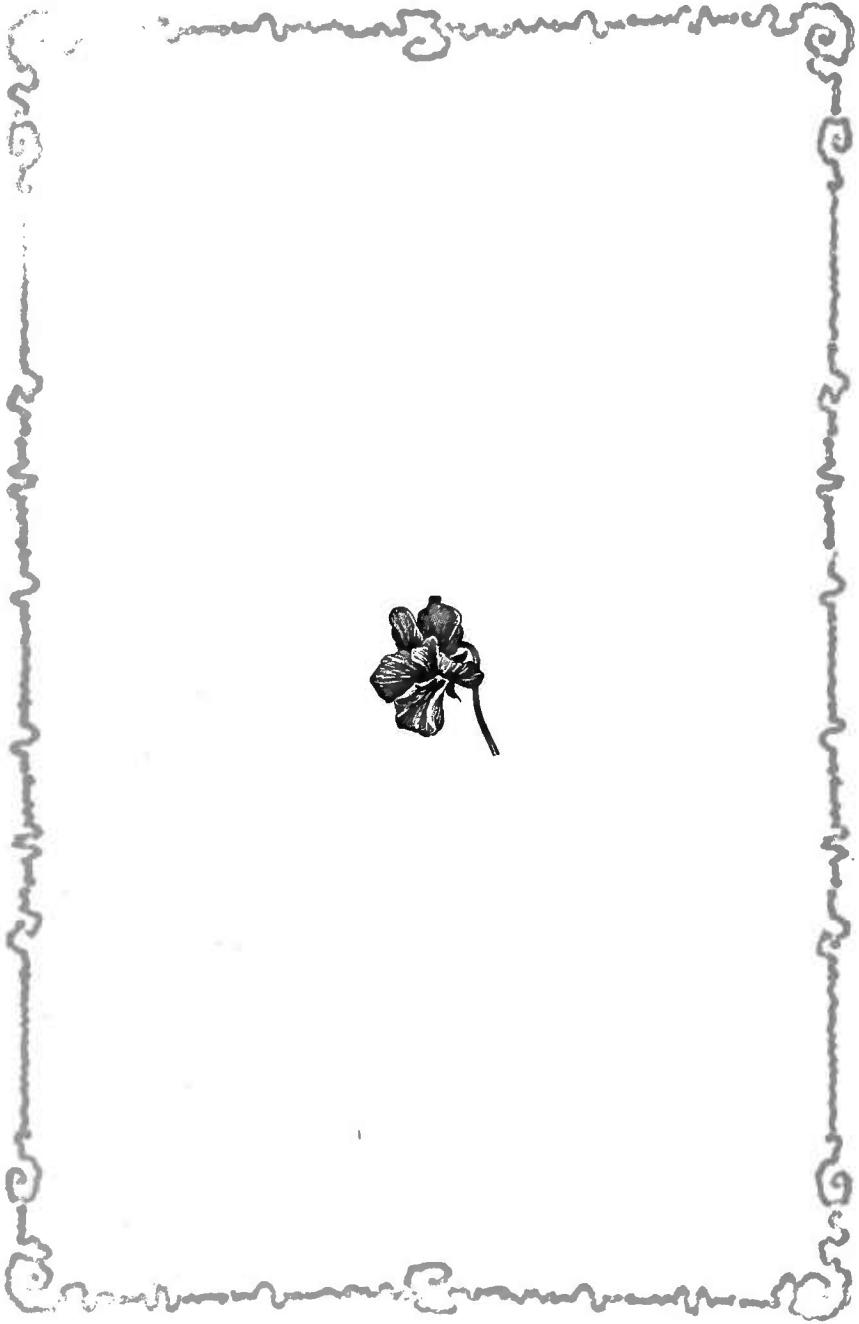
Forme-se na familia a tenda do trabalho :
A infancia e a mulher consagrem o porvir !
De uma sáe o aroma, de outra cáe o orvalho,
Nos seios da alegria a flor da honra a abrir !

Na choça do operario e na mansão do rico
O anjo do progresso immerso de esplendor,
A' grandeza real, como num aureo disco,
Esmalta a c'rôa, e o sceptro em per'las de suor.

Havia o chaos e é dia ! A multidão dormente,
O povo ha de subir, subir pela instrucção !
Na escada do futuro ha dois degráus sómente :
No peito — a liberdade, e na frente — a razão !

Vêde como a sciencia atira-se no espaço !
De orbe em orbe vai, ao Creador se alteia !
A's raias do mysterio esmaga o ferreo laço
A vontade, o poder, o relampago, a idéa !





Suzanna, a odalisca

ORIENTAL

Da noite rolam as sombras
 Nas alfombras
Das paisagens de Stambul;
As bandeiras da mesquita
 Brando agita
O vento manso do sul.

No escuro do immenso espaço,
 Tenue, escasso
Morreu da lua o clarão;
Um somno pesado e mudo
 Cobre tudo:
A terra, o céu, a amplidão.

O eunucho sómente vela,
Sentinella
Das vastas salas do harem :
Onde o Grão-Senhor repousa,
Ninguem ousa
Turbar a calma, ninguem !

De custosa architectura
Na moldura
Se entrelaçam os festões ;
Do tecto as luzes que pendem
Se desprendem
Dos mil accesos brandões.

Odóro, fragrante, intenso
Arde o incenso
Nas pyras d'ouro e marfim ;
Da casa em cada contorno
São adorno
Só diamante e rubim !

E o senhor das mil captivas,
Que de esquivas
Rendidas amantes fez,

Nos seios da favorita,
La dormita
Dos sonhos na languidez.

A cada ardente desejo
Mata um beijo
O delirante prazer!
Em cada beijo amoroso,
Novo gozo
Vem um desejo accender!

Mas Suzanna do ciume
Sente o gume
Profundo n'alma a pungir!
Suzanna altiva, divina,
A mais fina
Das finas per'las do Ophir!

No desgrenhado cabelo,
Farto e bello,
Que pelo rosto lhe cae,
Resvala o pranto aljofrado,
Derramado
Sem desprender um só ai!

Corre em fio como o orvalho
Que do galho
Do tronco tomba no val ;
Como a chuva que nas plagas
Cae em bagas,
Cae em bagas de crystal !

Do Bosph'ro quebram-se as aguas
Pelas fraguas
Dos alagados marneis :
Tal sempre o amor que se exalça
Se espedaça
Da vida pelos parceiros !...

Mas d'entre a negra pupilla
Eis scintilla
Um raio vivo de luz...
Ergue a fronte... e um sorriso
Indeciso
No gesto se-lhe traduz !

Como, ó sombra, a horas mortas
Tantas portas
Vedadas queres transpôr ?...

Como vaes tu não sentida,
Atrevida,
Ao leito do Grão-Senhor ? !

De Sára nos lindos braços
Frouxos, lassos,
Reclina a frente o Sultão,
Do amor no extremo holocausto
Que inda um hausto
Ergue ás chammass da paixão.

O rico turbante ao lado,
Desligado
Da cintura o yatagan ;
O eunucho por elle vela,
Sentinella
Até que venha a manhã.

Eis chega a sombra atrevida :
Não sentida,
Ao leito as sedas recúa !
E contra a face arrugada,
Descançada,
Do Sultão conchega a sua !...

O corpo que o fogo aquece,
Estremece,
Pois que o veneno sentio!...
E um beijo, quasi dormindo,
Sára rindo
Em seu senhor imprimio!

De novo raiava o dia,
Mas dormia
O Turco sem respirar!
Somno de morte, pesado,
Estampado
Só tinha no turvo olhar.

Em roda tudo repousa,
Ninguem ousa
Romper a calma do harem;
No chão, inerte, estendido,
Esquecido
O eunucho dorme tambem!



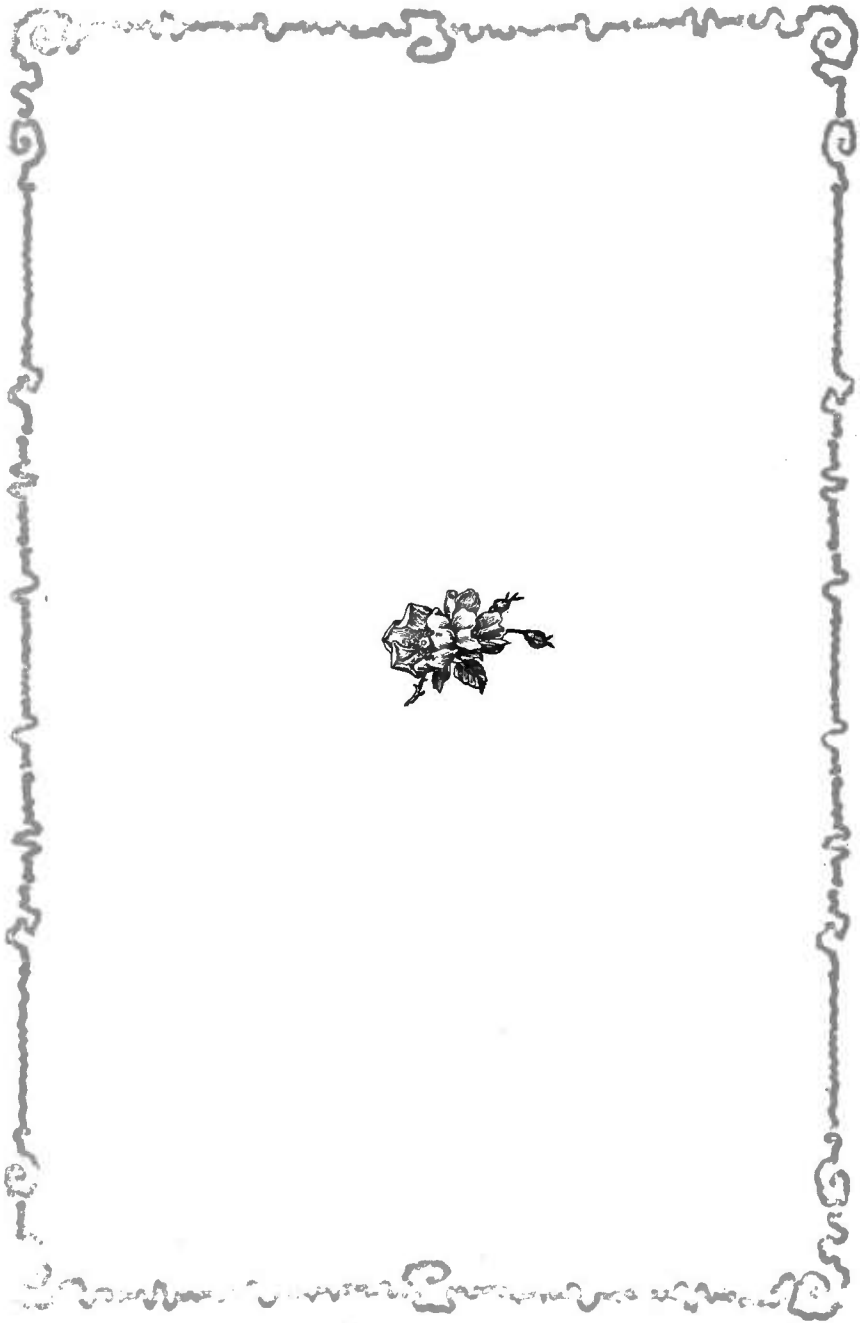
Nessun maggior dolore !

Si de repente um timido desejo,
Como um raio furtivo do sol-posto
Em nuvem d'oiro d'entre o céu de Agosto,
Cahio, passou pela tua alma em pejo ;

Si a curva airosa do teu seio lindo,
Ninho dos sonhos que a existencia aquece,
Banha a esperança, e a infinita prece,
Entre susto e prazer, abre cahindo ;

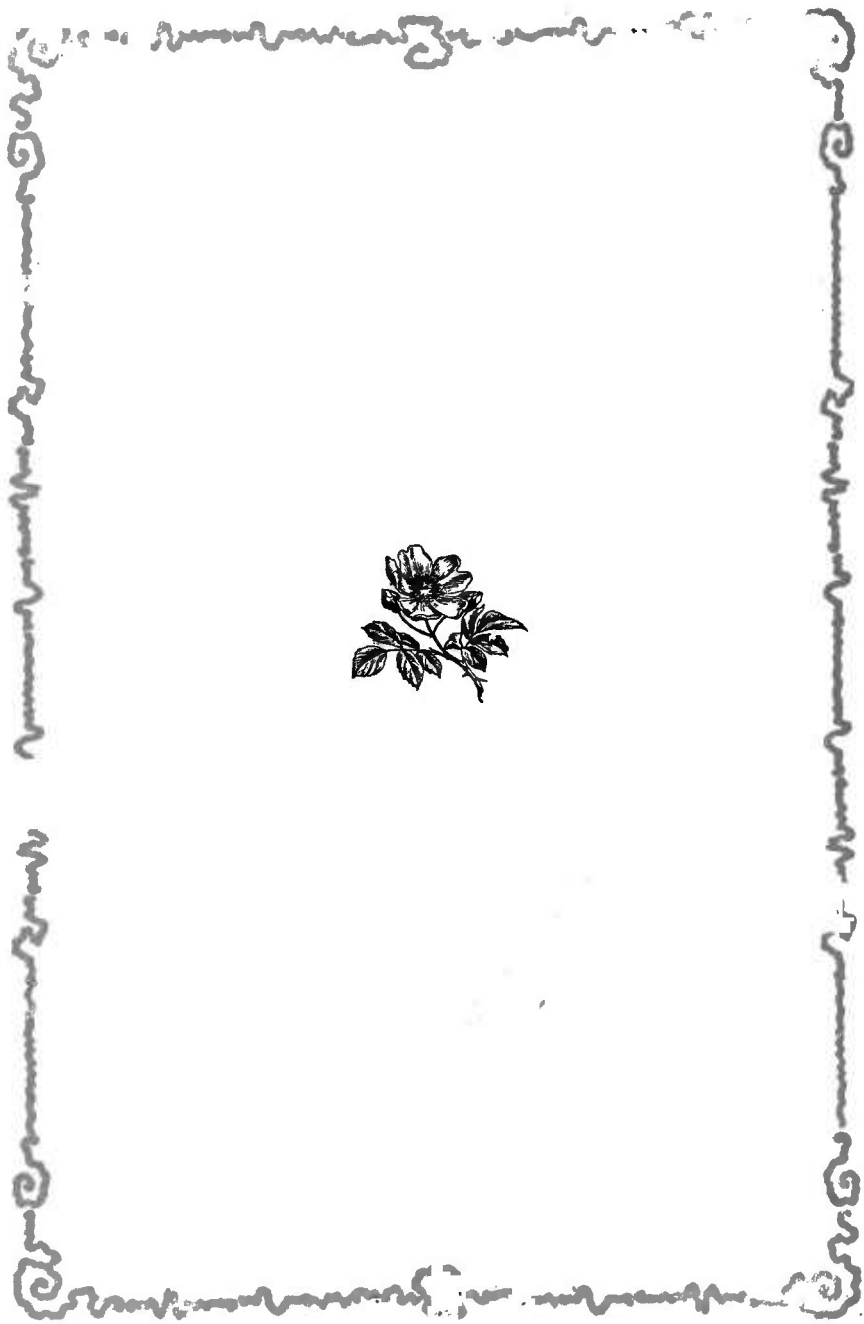
Si aonde vaes tu pedir a vida e o goso,
Acha o teu coração — ancia é tremor,
Anjo, tocaste o pomo venenoso !

E vens do paraiso á terra e á dor !
E vens despir o manto luminoso !
E vens perder-te ás solidões do amor !



Duas creanças que a tremer se olhavam :
O meu desejo e o teu sorriso — ó flor !
Ambas do gozo no limiar paravam :
Uma de susto e a outra de pudor !





A VOLTA

Eis-me enfim ! Já de novo a teu lado
Volto ainda a gozar da existencia :
Após noite pesada da ausencia,
Vejo o sol em teu rosto a fulgir !
Ai ! que instantes crueis de saudade !
Que momentos de amarga incerteza !
De ti longe, senti que a tristeza
Vinha em prantos meu seio affundir !

Foram nestes lugares bemditos
Nossos dias mais ternos, mais lindos ;
De sorrisos, de sonhos infindos
Nossa quadra da vida melhor ;
Onde eu via nascer cada aurora,
Cada vago e solenne sol - posto
Uma aureola de amor em teu rosto ;
Um sorriso em meus labios — de amor !

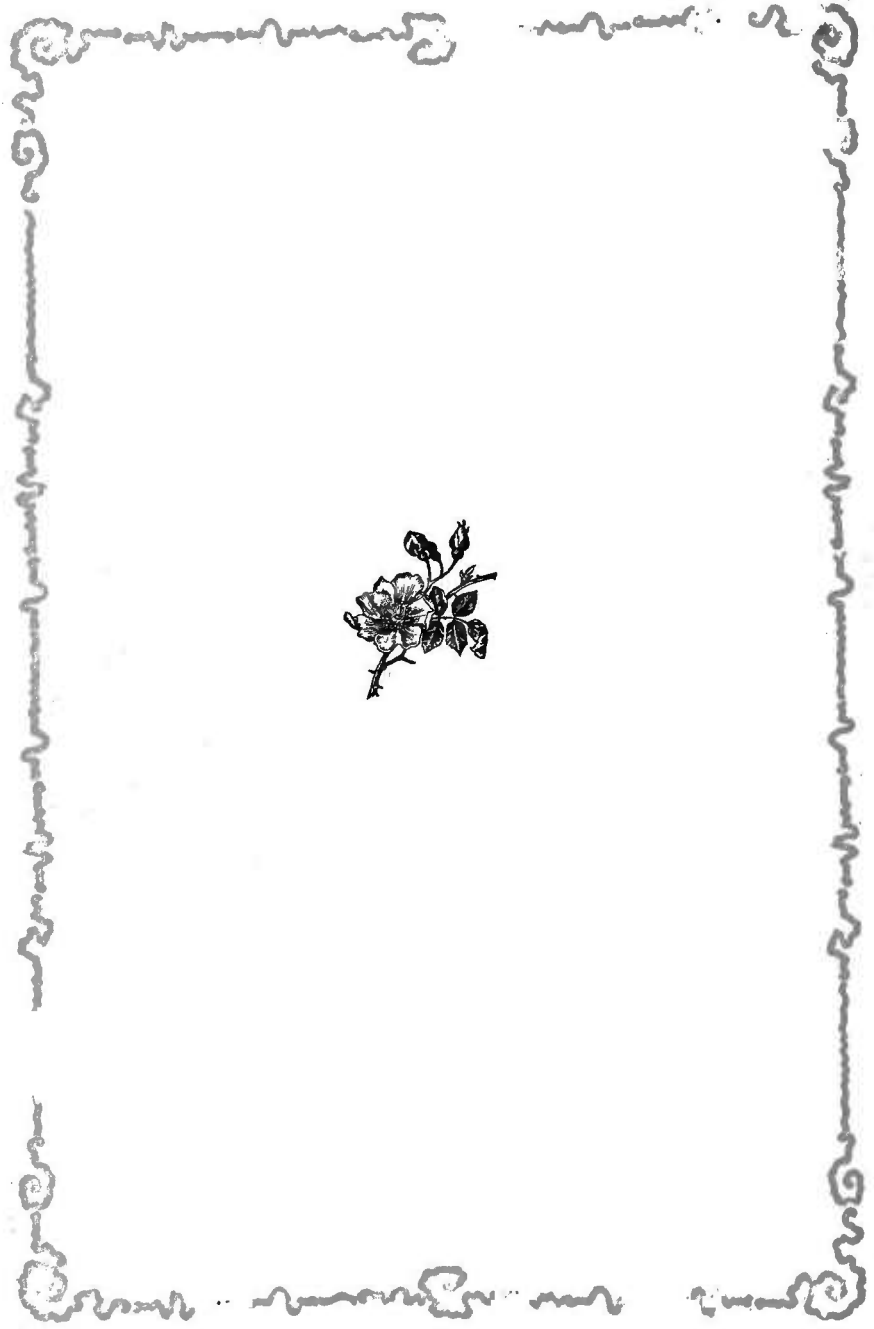
Como ainda me estão na lembrança
Essas intimas horas passadas,
Em que loucas as vistas casadas
Tinham tão eloquente falar !
Quando o seio infantino te arfando
Num palpito de langue pureza,
Tantas mostras de eterna firmeza
Tu me davas no morbido olhar !

Mas nas folhas de agreste ramagem
Tudo é morto, deserto e gelado,
Frios raios de um sol desmaiado
Mal luzir-nos o inverno deixou ;
Já da terra a nudez desolada,
Revestindo da morte os pallores,
Vem dizer que findaram-se as flores !
Vem dizer-nos que o encanto findou !

Porque havia de o tempo tão cedo
Desterrar estes gozos suaves!
Porque o doce sussurro das aves
Converteu-se em tão funda mudez?...
Não choremos! de algoso penhasco
Nasce às vezes a flor mais viçosa;
D'entre as brumas da quadra invernosa
Brotam sonhos mais bellos talvez.

E inda mesmo que tudo acabasse
Nos encantos do céu e da terra,
Que de todo faltassem á serra
Seus perfumes, seu floreo matiz;
Persistindo este affecto profundo,
Não sou eu tão feliz a teu lado,
Tendo o mundo em teu rosto adorado!
Tendo a vida em teus olhos gentis!

Oh! bemdita a estação da existencia
Em que o peito bater mais ardente,
Em que a alma em teu rosto innocente
Mais ditosa, mais forte luzir!
Sê bemdita, ó mudez inspirada,
Tu que em luto depões a deveza,
Vens matar na minh'alma a tristeza,
Vens em risos meu seio affundir!



Anjo do inferno ou do céu,
Esse poder quem te deu,
Com que dominas assim ?
Inda o meu amor persiste !
Inda em ti minha alma existe !
Inda tens o imperio em mim !
Quando em horas de martyrio,
Me volteiam na lembrança
Aquellas noites passadas
Em tanto vago delirio
De ventura e de paixão ;
Aquelles dias perdidos

Em devaneios sem fim :
Em que o teu olhar casavas
Com meus olhos embebidos
Em tua frente gentil,
E vejo que já perdeste
O riso brando, celestes,
Que dava tanta expressão
Ao teu semblante infantil,
Que mais e mais se expandia
Quanto em mim se reflectia ;
Eu digo commigo então :
«Está, pois, tudo acabado !
«Naquelle seio gelado
«Já não ha mais coração !»

E' tão contraria esta vida,
Que muitas e muitas vezes,
Encontramos os reveses,
Quando os pensamos passados ;
Quanto mais santos nos crêmos,
Mais delictos commetemos,
São mais feios os peccados !
Quem sabe si tu, querida,
Não tens disto a prova em ti !
Numa hora de desvario
Talvez, no excesso do amor,
Eu te levasse o amargor !
Quem sabe si te offendi ?...
Oh ! mas o fragil raminho

Que o vento rijo deitou
 Sobre a margem da corrente
 Que culpa terá – coitado!
 De lhe ir turbar o caminho?
 Si tu me julgas culpado,
 — Sem o querer, innocente —
 Eis-me constricto a teus pés,
 A implorar o teu perdão!
 No desespero, no ardor
 Que as faces hoje te inunda,
 Que me opprime o afflicto peito,
 Que a alma afflicta me circumda,
 Nesse pesado despeito,
 Tu bem vês minha humildade,
 O teu triumpho bem vês!
 Si houve offensa e si a maldade
 Foi só minha, anjo querido,
 Como, pois, ri-se o offendido?
 Como chora o aggressor?!

Volve os teus olhos aos meus;
 Mostra que tens em ti mesma,
 Aquella porção divina
 Que á mulher bella illumina
 Das puras chammas de Deus:
 Piedade, anjo, piedade!
 Não me crimines em vão!

Oh! tu não tens coração!



Hjems

O sol fulgindo tremulo
Além desaparece ;
Dos montes sobe e cresce
Um plumbeo turbilhão ;
E da celeste abobada,
Em nevoa a lua envolta,
A' terra apenas solta
Seu pallido clarão.

E' triste tudo ! Gelido
Nos troncos ruge o vento,
Qual grito de um lamento
Que o echo prolongou !
Sumiu-se o matiz flórido
Do val e da collina ;
A estrella vespertina
Em nuvens se occultou.

Não soam mais os canticos
Nas rusticas choupanas ;
As timidias serranas
Não sonham mais de amor.
No lar o fogo accende-se :
Ao pé sentam-se unidos
Os filhos mais crescidos,
Em torno ao lavrador !

De espaço a espaço, tímido,
Por entre o vão da penha,
Em sua voz roufenha
O mocho ergue o piar !
Sombria mudez, tetrica,
Silencio funerario
Ao quadro mortuario
Mais negro vem tornar.

Mas tudo passa rapido
Nas scenas deste mundo :
Da dor na taça — o fundo
A f'licidade tem ;
O dia á noite prende-se,
A espr'ança á vã chimera ;
E a mesma primavera
Apoz os gelos vem.

Ha de voltar esplendida
A quadra florescida !
Ha de voltar a vida
Ao bosque, ao campo, á flor ;
Hão de soar dulcissimos
No lar que a nevoa alveja
Da humilde sertaneja
Seus canticos de amor.

Do sol os raios próvidos
Revestirão a serra ;
A agua, o ar, a terra
A luz fecundará ;
Da noite os fogos rutilos
Terão novos fulgores,
E o astro dos amores
Mais brilho então terá.

A mim talvez, ai misero !
Não voltará o gozo !
A quem perde o repouso
Jámais resurge a paz :
A' dor do viver intimo
Não ha de haver conforto,
A um peito que de morto
Perdida a esp'rança traz.

Oh ! qual o cantor languido
Sósinho na floresta,
Saída a doce festa
Com seu feral gemer,
Assim, minha alma, eleva-te
Ao louco teu transporte !
Oppõe á vida — a morte !
Ao riso — o teu soffrer !

Julho de 1862.



Nunca mais

Nunca mais — é um som funereo
Como o adeus do moribundo,
Quando parte deste mundo
Entre soluços mortaes !
Recordando as alegrias
Que a sorte nos tem roubado,
A's lembranças do passado
Nós dizemos — nunca mais !

Cheia de magua e remorso,
Na fronte da incauta virgem,
Quando de amor na vertigem
Perde as flores virginaes ;
Nos ramos do cedro altivo,
Si o raio queima a floresta,
Nas folhas que o inverno cresta
O que se lê? — nunca mais !

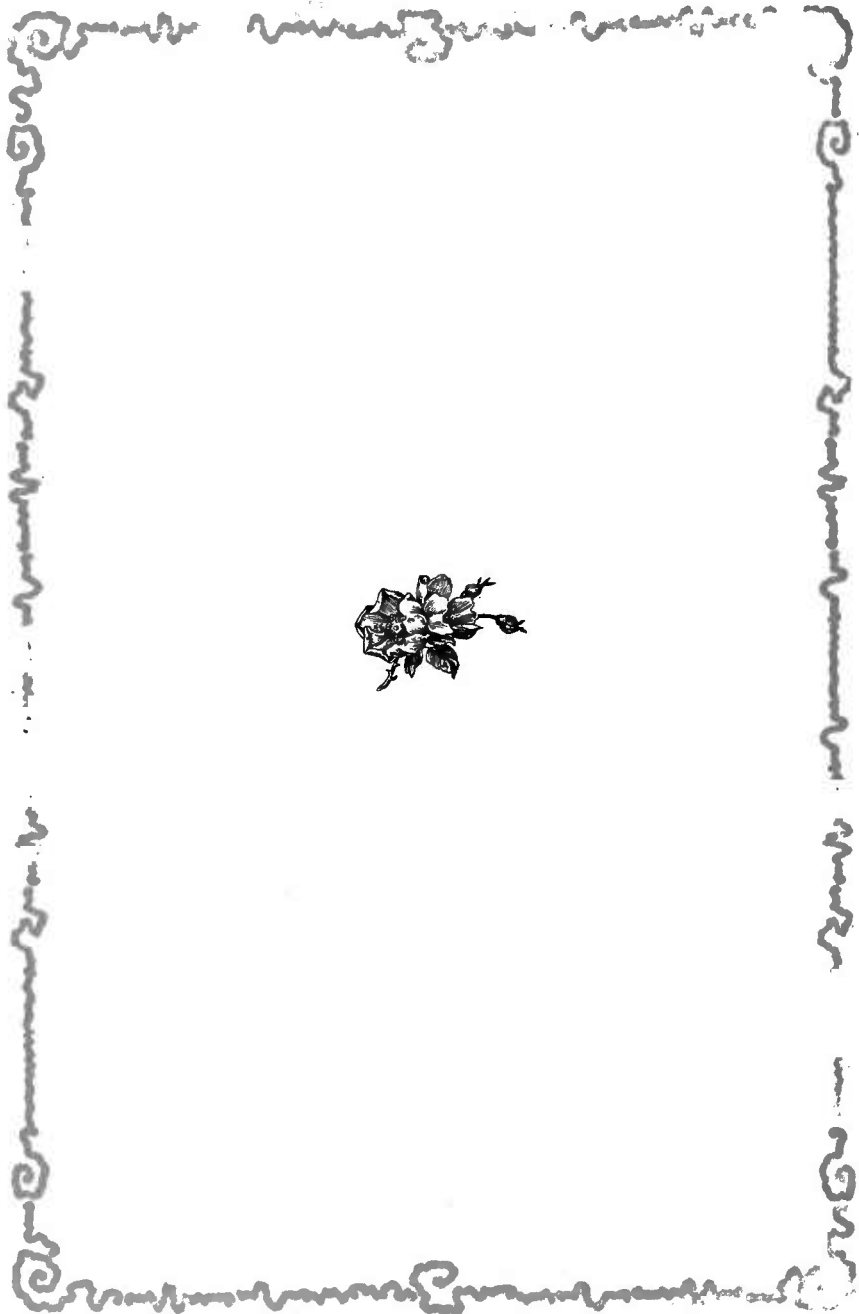
Passam os annos e os mezes,
Passam as noites de amores,
Passam as horas melhores
Do nada pelos umbraes !
No vazio da existencia
Longo olhar triste fitando,
A tudo que vae passando
Diz o homem — nunca mais !

Nunca mais — é um desengano !
E' uma longa saudade
D'um tempo de f'licidade
D'aureas crenças divinaes !
Nunca mais ! diz-se entre prantos
Quando a esperanza é perdida !
Perdem-se os sonhos da vida
Quando se diz — nunca mais !

Não sei porque neste dia
Claro, esplendido, formoso,
Em que tudo é riso e gozo,
Tudo cantos festivaes,
Um pensamento secreto,
Que o meu ser opprime e cança
Aos anhelos da esperança
Vem dizer-me — nunca mais.

24 de Junho de 1862.





Canto inaugural

AOS DRS. SALDANHA MARINHO E FALCÃO FILHO

*Recitada quando se abriu o
caminho de ferro entre Jundiahy e Campinas.*

Os sec'los são degráus immensos do infinito !
Ao limiar do espaço onde o tempo volteia,
Fundem-se a alma e a luz num gyro louco e afflicto !
A morte é uma ficção, porque não morre a idéa !

O ser accorre ao ser ! A' face do universo
Tudo caminha e vôa em turbilhões a flux !
O Senhor diz : — subir ! — e espalha, verso a verso,
— Hymnos do seu poder — a vida ! a força ! a luz !

O homem tambem vai á lucta, ao movimento !
O atomo-rei suspende o olhar perscrutador !
E fita e abrange a terra, a agua, o fogo, o vento !
E segue ovante além, roçando a gloria em flor !

Rendeu-se humilde o chão ! o mar curvou-lhe a esteira !
O ar, o proprio raio o genio audaz venceu !...
Mas hoje o que lhe accende esta ancia aventureira ?
O mysterio ! o ideal ! a immensidade ! o céu !

Lançai a aurea escada ao aureo firmamento :
O vulto — humanidade — emfim sae da união !
Dos sonhos no fervor gera-se o pensamento !
Os caminhos são veias — tendem ao coração !

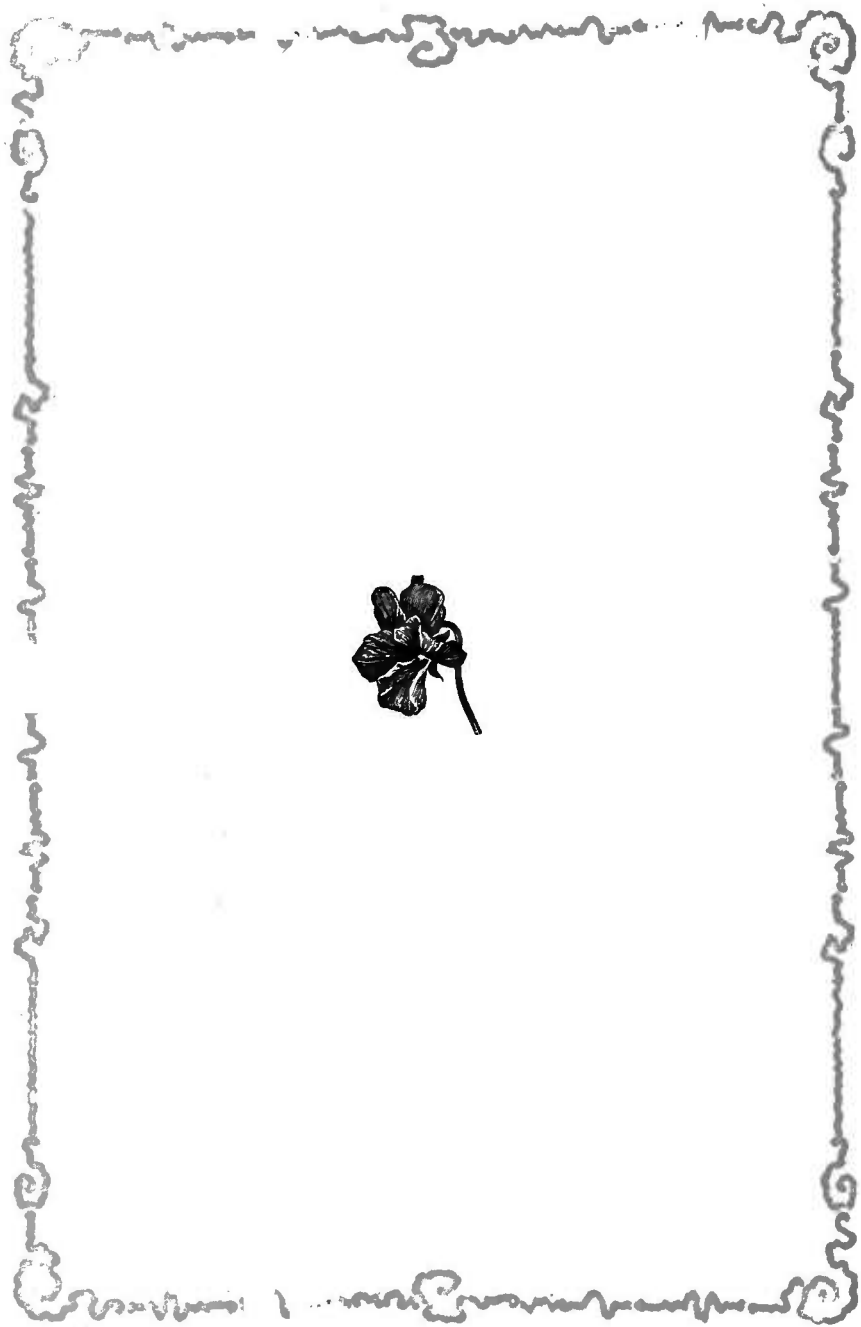
Transmuda-se em familia o que antes era o povo !
O braço se une ao braço, a voz se prende á voz !
Acabou-se a distancia ! o mundo é um lar de novo !
Deixai passar o carro : as turbas vão d'apoz !

Deixai passar, oh ! sim ! a estrada é o rubro laço
Que aperta das nações os fulgidos laureis !
Deixai passar o carro — o sacrosanto abraço
Que vai de irmão a irmão em tremulos anneis !

Os sec'los são degráus immensos do infinito !
A's rodas do progresso, - a aureola, o esplendor,
A idéa vem d'alli no gyro louco e afflicto !
Chamava-se o trabalho : ha-de chamar-se o amor !

11 de Agosto de 1872.





Hymno do Riachuelo

Sobre a liquida esmeralda,
Revedo o nobre perfil,
Todo ao vento se desfralda
O pavilhão do Brasil :
Alli do seu alto fuste,
Como de irmão para irmão,
Falou isento de embuste,
Falou de paz e união ;
Alli pendido da lança,
A quem cuspiu-lhe na paz,
Fala de morte e vingança !
Fala de guerras fataes !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Na indomavel fortaleza
Lá o despota ficou,
E sorrinho aguarda a presa
Que a buscar os seus mandou.
Lá fica. De lá seguro,
Com suas hostes a flux,
Onde firme em cada muro
A confiança reluz ;
Preparando horrenda festa
Ao triumpho que antevê,
Mostra ao mundo, ao mundo atesta,
Quem foi outr'ora e quem é...
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Quem foi que ao peito indefezou
O pranto e a magoa levou ?
Quem, nas aras do desprezo,
As leis da honra immolou ?
Oh ! vergonha ! impôr-se a farda
A' creança e ao ancião !
A Providencia retarda,
Não esquece a punição :
Caíam ! fujam impotentes

Essas phalanges servis !
Si tu, justiça, não mentes !
Si vós, armas, não mentis !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Fulge o raio !... rasga o vento !...
Silva horrisono !... cahio !...
E no incendio atroz, sedento,
As érias boccas cingio !
Em lava o espaço converte !
E ruge ! e passa ! e lá foi !...
Entre a chamma a chamma verte
E a propria chamma destróe !...
Aqui sai de sombra um cerro !
Um mar de sangue lá sai !
Sobre o ferro cai o ferro !
Sobre o morto o morto cai !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Coragem, bravos, coragem !
Mostrae o peito ao revez :
Já no choque da abordagem
Contra um vaso se erguem tres !...
O torvelinho que importa
Das balas, no seu vai-vem ?
Fere, parte, rompe, córta,
Mas não espanta a ninguem !
Si o soldado brasileiro,
Quando exausto morde o chão,
Tem no esforço derradeiro
O derradeiro braço ? !...
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Eis das aguas, fluctuante,
Com ufania surgio
A náu que o nome gigante
Tomou ao gigante rio :
Como o aspide que estúa
Medindo os que o vão ferir
E, por momentos, recúa,
Para os golpes dividir ;
Orlas de fumo e de fogo

No ar tremulo bordou !
Um e outro... e outro logo,
Encontra, bate, quebrou !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Somos heróes ! si á victoria,
Pura de extranho labeu,
Cabem os loiros da historia
Levando a honra em trophéu !
Somos fortes ! si a grandeza
Mais em galas se pompêa,
Onde sobre a dôr não pésa,
Nem ao vencido encadêa !
Somos grandes ! si no esforço
De quem repelle o baldão,
'Sobredoirá-se o desforço
Entre o direito e a razão !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !

Das vagas ao rubro espelho,
Dando a effigie triumphal,
Perde o igneo apparelho,
Pouco a pouco, o som final.
E o archanjo — rei da gloria
Duas c'roas nos cingio :
Uma — o brio da victoria !
Outra — a victoria do brio
E o pendão aureo, jocundo,
Rompe o ar, ondêa aos céus :
Pela nossa gloria — o mundo !
Pelos nossos fados — Deus !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados — Deus !



Um dia exaurido nas luctas da sorte,
Cançado, da morte bem junto me achei !
Teu rosto adorado volveste-me, ó virgem,
Da louca vertigem tremendo accordei !

Nas fragas desertas, nos ermos do mundo,
Roçando no fundo que o abysmo entrevê,
Conduzes meus passos por entre as ruínas
E alegre me ensinas os trilhos da fé.

Nas horas que o bosque desfaz-se em perfumes
E um facho de lumes percorre a extensão ;
Que ao longe do outeiro no placido encosto,
De um vago sol-posto vacilla o clarão ;

E o astro saudoso seu manto alvejante
Desdobra distante no immenso alcantil,
Por entre a espessura, veloz, terra á terra,
Nas bargas da serra pairando gentil ;

Eu julgo o universo pequeno recinto
P'ra as ancias que eu sinto de um gozo maior !
Teus olhos serenos me trazem bonança
Dizendo — «esperança na vida melhor» !

Das sombras da terra me acenas sorrindo !
Num extasi infindo me elevas ao céu !
Em mystico amplexo nos une o destino,
Num sonho divino meu ser prende ao teu !

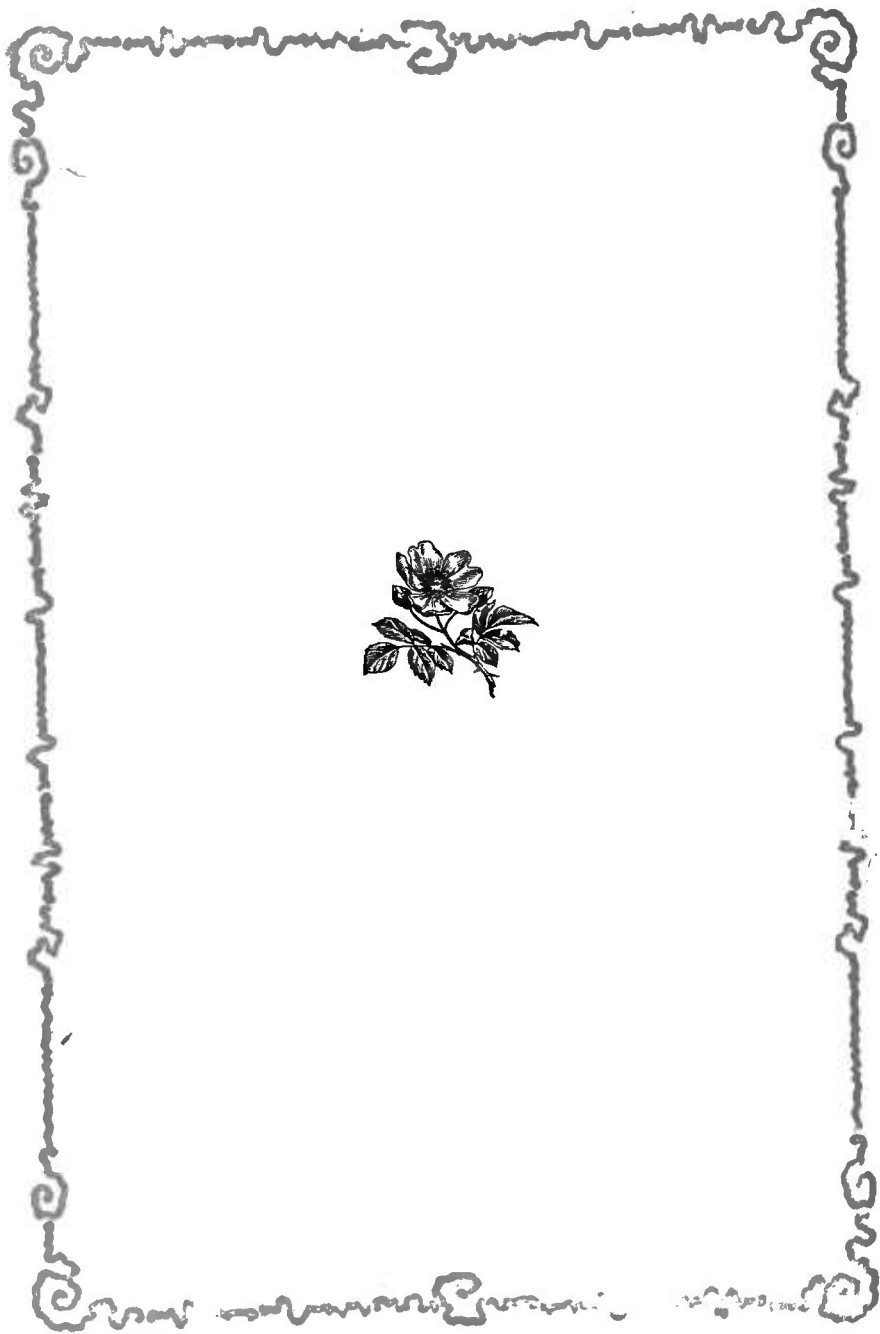
A's vezes scismando minh'alma estremece,
Nas trevas parece querer se afundir !
Buscando as venturas de um frio passado
No vacuo enublado de um longe porvir !

Não sei que tristeza meu peito circumda,
Meus olhos inunda de prantos, num ai !
Nas feias miserias dos homens attento,
E em cru desalento meu rosto descai !

No mar de meus sonhos, então, branda estrella,
Calmando a procella, derramas a luz !
Chorando me apontas um mundo infinito
Com sangue descripto nos braços da cruz !

Abril de 1863.





Sombras e raios

O pomo que se esquia
Aos raios do sol quente,
A flor tem rediviva
Em nitida semente.

Num véu de orvalho imerso
Abrindo o arbusto vem :
O espaço é o aureo berço,
Porém a terra é mãe.

Tu choras quando o aroma
Erguendo a flor punícia
De teus seios, a toma
Um beijo, uma carícia !...

Oh! vê que estranha seve
Inunda o coração :
A superficie é neve,
E o intimo é vulcão !

Teu riso é a flor que avulta
E que incessante morre ;
Quando parece occulta
Ao labio emfim te accorre !

Botão, pomo, semente,
De si renasce o amor :
Tu choras de contente!
E' mãe tambem a dôr!



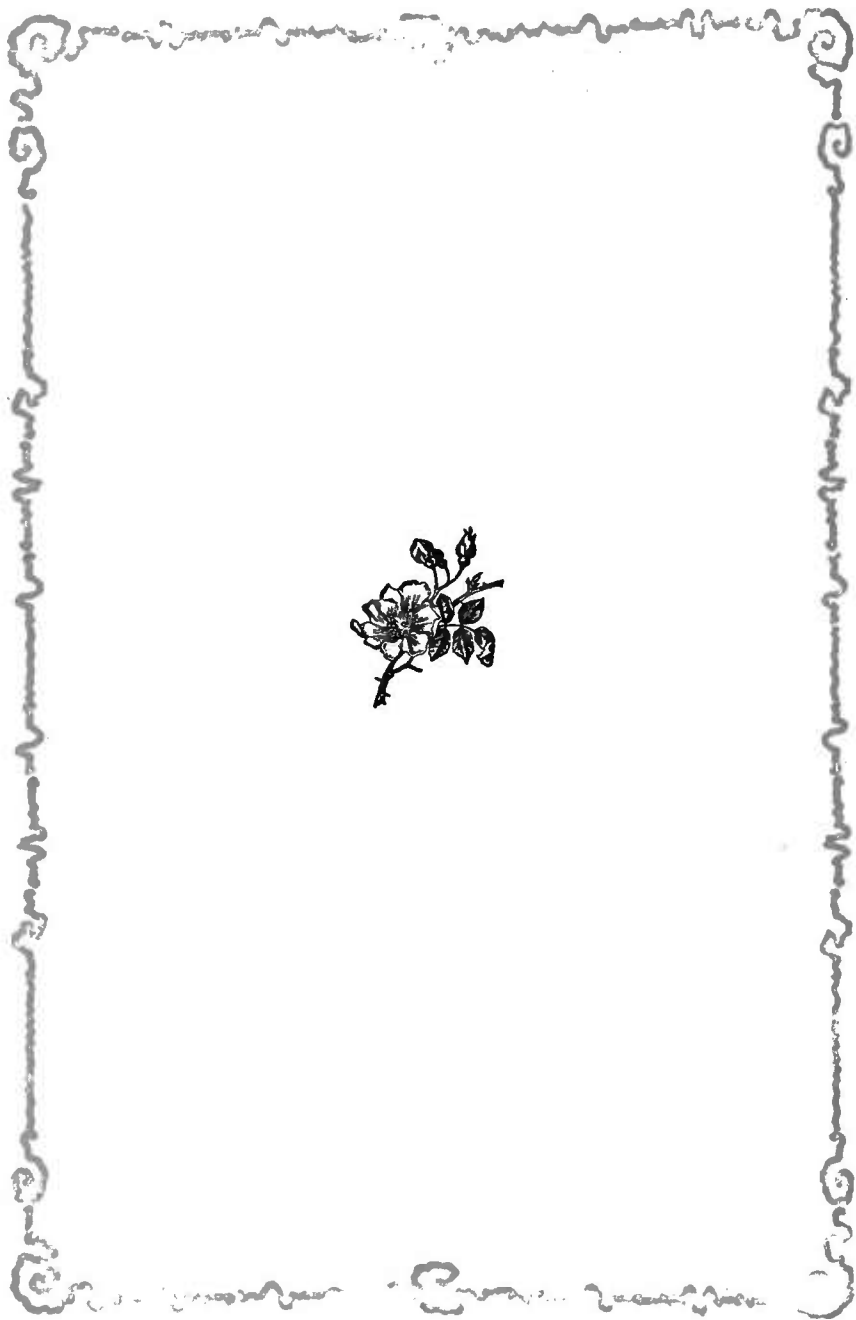
O olhar

O olhar quando estremece,
E os corações abala,
O olhar é como a fala,
Que a alma inunda e aquece.

O olhar quando resvala
E a palpebra humidece,
O olhar é como a prece,
Que o pensamento exhala.

Mas quando num sorriso,
Ao rosto purpurino
O olhar derrama o pejo,

A' luz do paraizo,
Então, no iman divino,
O olhar, ai Cynthia, é um beijo !...



No partir

Quando erguida no vôo inda incerto
A avesinha que alegre se empluma,
Sob as folhas que a aragem perfuma,
Atirar-se do bosque entre os véus,
Ai! que lances de enorme saudade!
Que delírio de amor e de susto,
Pe'o ninho que fica no arbusto!
Pelo vacuo da vida nos céus!

E teus olhos, teus languidos olhos
Já procuram, já tentam perdidos
Ver no espaço que exhaure os sentidos
Aureas fitas do albor matinal!
Ai! teus olhos na lagrima occulta,
Testemunha de uma ancia latente,
Já se afogam no azul transparente
Entre as nuvens de opala e coral!

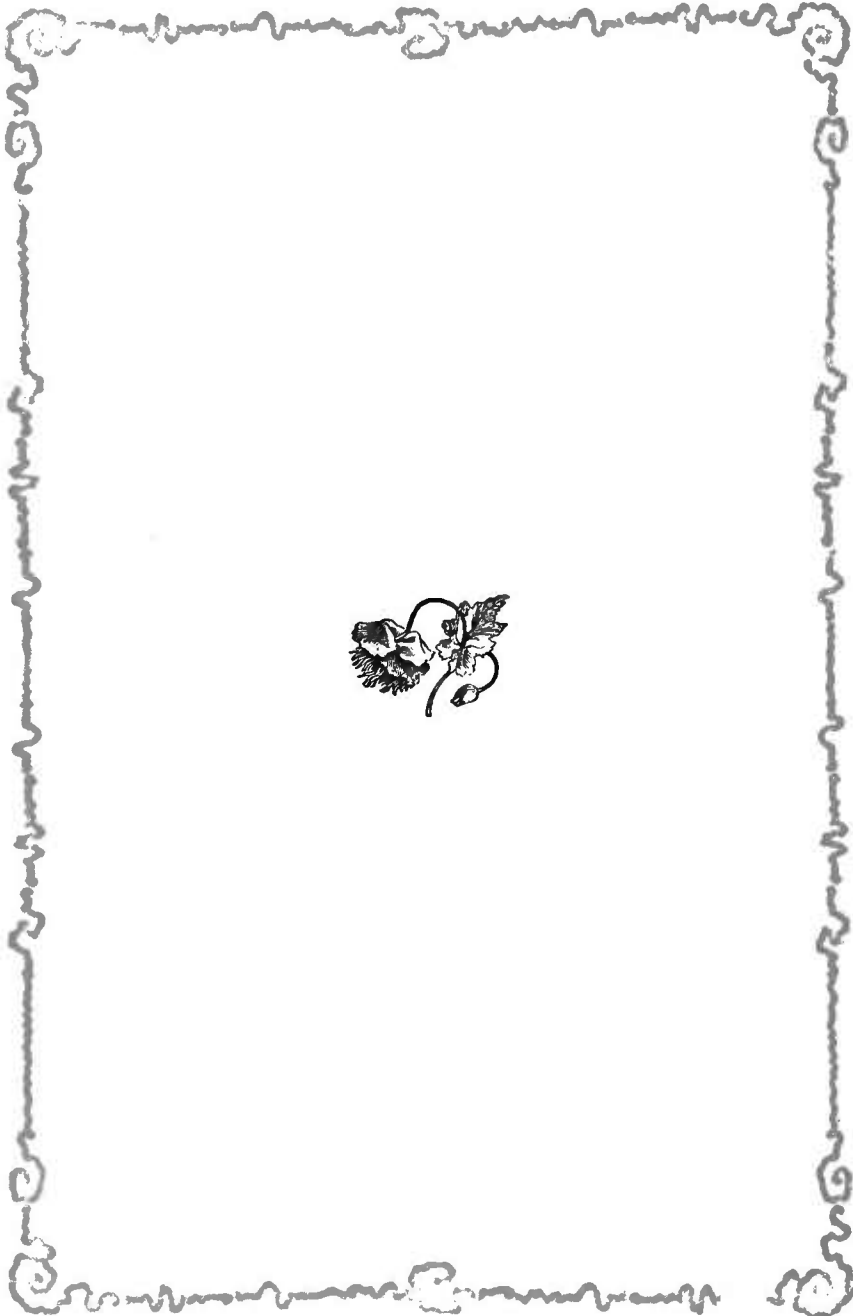
E' que vais numa supplica immensa
Indagar a secreta morada,
Onde o brilho da aurora orvalhada
Abre em sonhos o esquivo porvir;
Vaes correr os caminhos da sorte
A sabor de um inquieto desejo,
Dar a alma num tremulo beijo,
Aos deliquios de um vago sentir!

E foi nesta casinha adorada
A surgir dentre os verdes pomares
Que tiveste na infancia os cantares,
As suaves caricias de mãe!
Esses mimos de amor sem limites,
Que em segredo de paz e innocencia,
Fecham todo o matiz da existencia,
No sacrario da honra e do bem!

Ai! que a negra vertigem do abysmo,
Tem veneno que encanta e fascina!
E' de todos a pallida sina
Encaral-o a sorrir e a tremer!
Pois como é que ha de a gente furtar-se
Ao destino que arrasta e que impelle?
Vai! oh! vai! pobre victima imbelle,
Ao sussurro, ao bulicio, ao prazer!

E aqui fica na encosta da serra,
A mirar-se nas aguas sósinha,
Como em doce abandono, a casinha
Junto á sombra dos frescos vergeis!
Tendo aos pés, no declivio do valle,
A corrente que passa e murmura,
Como um hymno perpetuo á ventura;
Mais formosa que o paço dos reis!...

Oh! não voltes a fronte saudosa!
Ai! não voltes o languido rosto!
Porque o ultimo acerbo desgosto,
E' ver longe o passado a sorrir,
Quando vemos na estrada deserta
O vasio sem termo do mundo,
Quando tudo é silencio profundo
Entre as nevoas do incerto porvir!....



O filho da lavandeira

Um dia, nas margens do claro Atibaia,
Estava a captiva sósinha a lavar ;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre creança que o vento açoitava,
De frio e de fome chorava e chorava.

A misera negra com o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abrazado
De magoas, de angustia, de susto e de amor.
Pendendo a cabeça no collo da escrava,
A pobre creança chorava e chorava.

« Meu filho querido, no meio dos mares,
« Lá onde governa sómente o meu Deus,
« Lá onde se estendem mais lindos palmares,
« Porque não nasceste cercado dos meus?
E a pobre creança no seio da escrava,
Fitando-a, tristinha, chorava e chorava.

« Meus pais lá ficaram : são livres, cantando
« Que vida contentes que passam por lá !
« E tu, meu filhinho, commigo penando,
« Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam : o sol declinava,
E a pobre creança chorava e chorava.

« Ai não ! que dos pretos as almas não morrem !
« Havemos de ainda p'ra os nossos voltar :
« As aguas tão mansas dos rios que correm,
« Nos levam bem vivos ao largo do mar.
Nas aguas já meio seu corpo nadava,
E a pobre creança chorava e chorava.

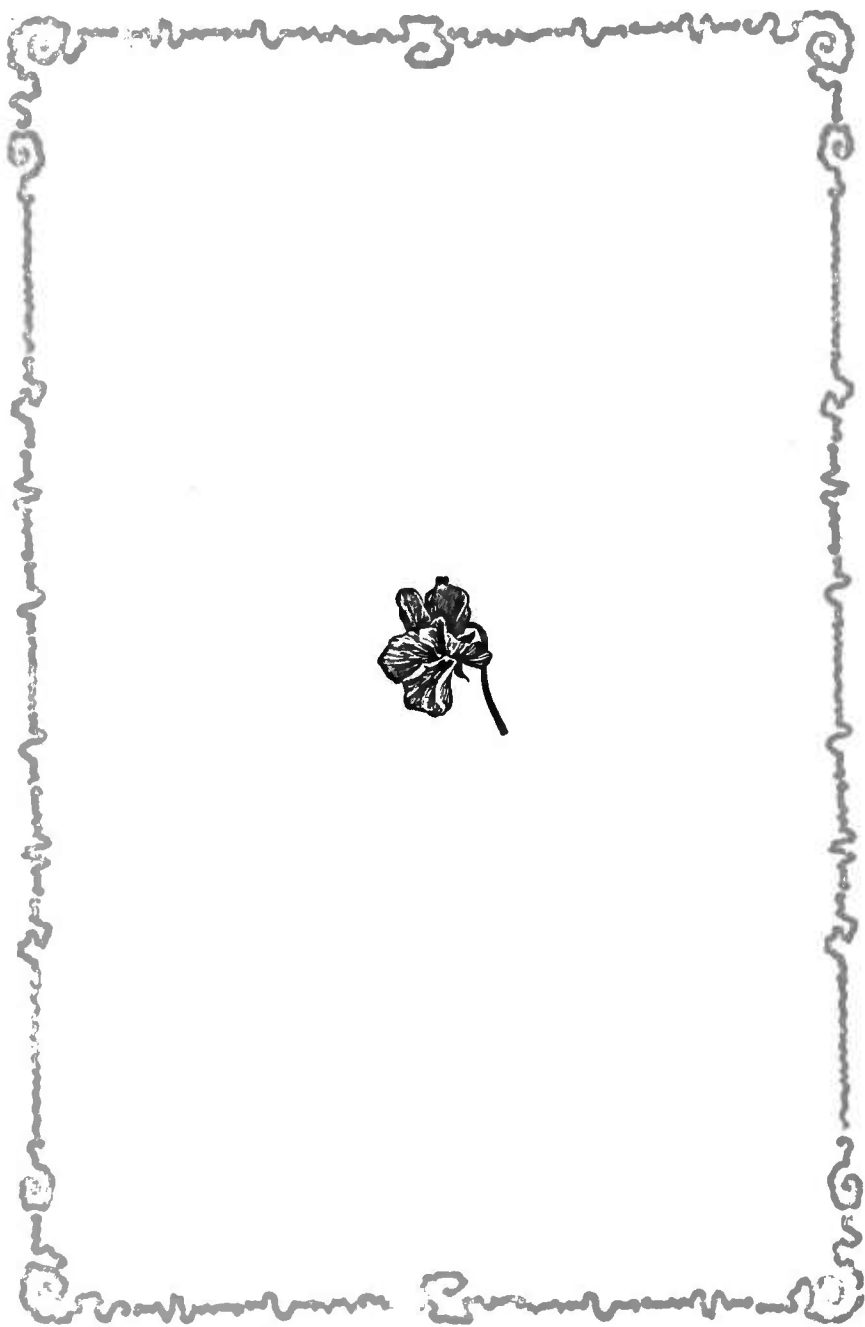
« As aves, os bosques, as serras que vemos
« Não são como aquellas de onde eu nasci !
« Tão doces folgares risonhos quaes temos,
« Tão bellos, tão puros não ha por aqui.
Os fundos gemidos o echo levava,
E a pobre creança chorava e chorava.

« Oh ! vamos, meu filho, ao solo jocundo
« Aonde a existencia nos corre gentil ;
« Enquanto captivos houver neste mundo
« Os negros não devem viver no Brazil !...
A casa era perto : chamavam a escrava ;
E a pobre creança chorava e chorava !

Assim soluçou ; e no seio estreitando
O caro filhinho, nas aguas cahio ;
Depois, muito tempo de leve boiando,
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava !
Si a pobre creança nem mais lá chorava !

Janeiro de 1861.





Dois Colombes

A A. CARLOS GOMES

Cai a tarde : desdobra em roxas voltas,
A languida mantilha da saudade,
Como um sudario com as orlas soltas,
Na face morta á toda a immensidade !

E a noite chora lagrimas de fogo
Ao fundo espaço — tumulto disforme,
Onde o vento murmura um fragil rogo !
Tudo sucumbe ! o proprio tempo dorme !

Ai de quem volve pelo vacuo immenso
O olhar perdido em convulsões afflicto !
Ai de quem segue pelo rumo extenso
Os sonhos da alma ás portas do infinito !

Porque da esp'rança pela estranha plaga
Nunca ha prazer que dessedente o anhelos !
Porque o desejo que entre sóes se alaga
Chumba-se á terra por anneis de gelo !

No oceano das éras sobem, descem
A hora, o dia, os seculos tardios !
Espumas, ondas que nas praias crescem
Rolando a vida e os seus despojos frios !

Mas o vôo do genio audaz, profundo
Resvala e passa pela equorea alfombra !
E surge e surge, dentre mundo e mundo,
A' luz subindo por umbraes de sombra !



Uma vez, era um pobre, um sonhador, um louco,
Achava enorme o céu e o mundo achava pouco :
Medio com a vista de anjo e a vontade de ferro
Na abobada celeste a multidão dos sóes ;

E, sobranceiro á dor, ás blasphemias, ao erro,
Encarou do infinito os lucidos pharóes.
De astro em astro vai a indomita coragem !
Une-se ao precipicio, arroja-se á voragem
Num impeto fatal ! e aos pincaros, alteia
O sonho, o pensamento, a inspiração, a ideia !
E segue e segue ovante em rapida vertigem,
A morte, o inferno, a sombra olhando-a de soslaio,
A propria immensidade a demandar na origem :
Tem por degráus o abysmo, a tempestade e o raio !

E lhe diz o Senhor :

— A que vens do teu ninho
Nas camadas do ar entre-abrindo o caminho ?
— Eu vim pedir, Senhor, um raio teu sómente :
A terra é tão pequena e o teu manto tão grande !
Oh ! delle uma porção, a ponta mais fulgente
A novas regiões se desdobra e se expande !
Alli da humanidade o fadado renovo
Ha de apontar, crescer ! ha de crescer-te um povo !
Eu quero vel-o, ó Deus, esse paiz sidereo,
Onde tudo é fulgor, é grandeza, é mysterio !

E a voz do Creador falou dentre as espheras :
— Vai ! suspende ao trabalho a fronte augusta e nobre !
Eil-o, o jardim formoso, a paisagem que esperas !
Abre os niveos portaes : Eu criei — tu, descobre !

Alta fluctúa a esplendida floresta
Em lisa cama de intima folhagem
Os seios dando á tepida bafagem !
A flor se occulta e espreita em cada fresta,
Como offendida do amoroso enredo
 Que em tremula toada
A brisa tece, na hora d'alma sesta,
 E a lympha despenhada
Entre os degráus de asperrimo lagedo.

Sobre os galhos perpassa a ave isolada
Do meigo bando que adormenta o estio ;
Placido banho suspirando incerta
A's largas folhas, á magnolia aberta,
— Amphoras curvas transbordando orvalho
De onde o insecto fulgurante exalta
 A cada fino esgalho
As leves pontas do mimoso fio,
Que em vago disco refrangendo esmalta
E cinge e abrange — nitida cadeia,
 Mansissimo recato —
Do ninho imbelle a complicada teia.

 Altivo sobre o matto,
 Em mudo desafio,
Ao norte erguendo a encanecida fronte
 Entesta no horizonte,
Do calvo morro o escalavrado cimo :
Tal, no vitreo declive de algum rio
O tapir se levanta envolto em limo.
Da verde riba ao cannavial dormente

O humido pello entre-fiando, ás gotas,
Chuva de uma hora, que nos juncos brilha
Em tenue véu de pallida escumilha,
 E foge de repente
Levada ao céu em commoções ignotas ;
Ou cai no fundo de escondidos cofres
 A's flores da orchideia
 Abrindo de haste em haste,
 A crystalina veia
 Em que — puro contraste ! —
Ondeia o musgo debulhando aljofres !

Correndo as largas fitas de esmeralda,
A' copa que a vestir rutilas gemmas
O annoso tronco ás amplidões desfralda,
 Em custosas algemas
Contornam os cipós, a casca e o gomo :
 Pendente, longa charpa,
 Aperta a flor e o pomo,
 Em gyro d'aureas voltas,
Sustendo as folhas pelo vento soltas !

O' linda patria dos gentis palmares !
Em ti véрте o calor tanta belleza,
Que rompendo d'além dos vastos mares
 Attrahida, surpresa

A luz se humilha até, desfeita em bagas,
Entrar, como em segredo,
As clareiras e a medo,
Beijar-te a relva que em teu seio afagas !

* * *

Artista, eil-o, teu berço ! eil-o, o teu floreo berço !
Aqui, novo Colombo, o teu vôo desprende
Aos páramos de azul. Entre as nuvens immerso,
Perlustra, mede o trilho ! Eia, condor, ascende !

* * *

Agora á humanidade, ao fadado renovo
O Eterno hade sorrir :
— Eil-o que nasce, o povo !
Os dois genios iguaes abraçam-se por fim.
Ambos são immortaes — Eu criei-os assim ;
Uma corta ousado o mar e descortina a terra !
O outro encara o céu : o proprio céu descerra !
Abre, ao novo clarão, um novo livro á historia !
E ás ferteis regiões hoje descobre á gloria !

Novembro de 1870.



Esperar !

Para sempre a meu lado na terra
Vae trazer-te afinal o destino :
E' chegado o momento divino
De meus labios se unirem aos teus !
Aureas nuvens rasgando ao futuro
Vejo ao sol da ventura, orgulhoso,
Já na terra essa aurora de gozo
Que os eleitos vão ter junto a Deus !

E inda queres tardar esse instante,
Essa hora de ha tanto esperada,
Entre sustos e anhelos sonhada,
Sempre vista da sorte ao revez !
Maltratar inda o peito com ancias,
Anceiar inda em fera amargura,
Presentir e temer a ventura
Por um falso capricho talvez !

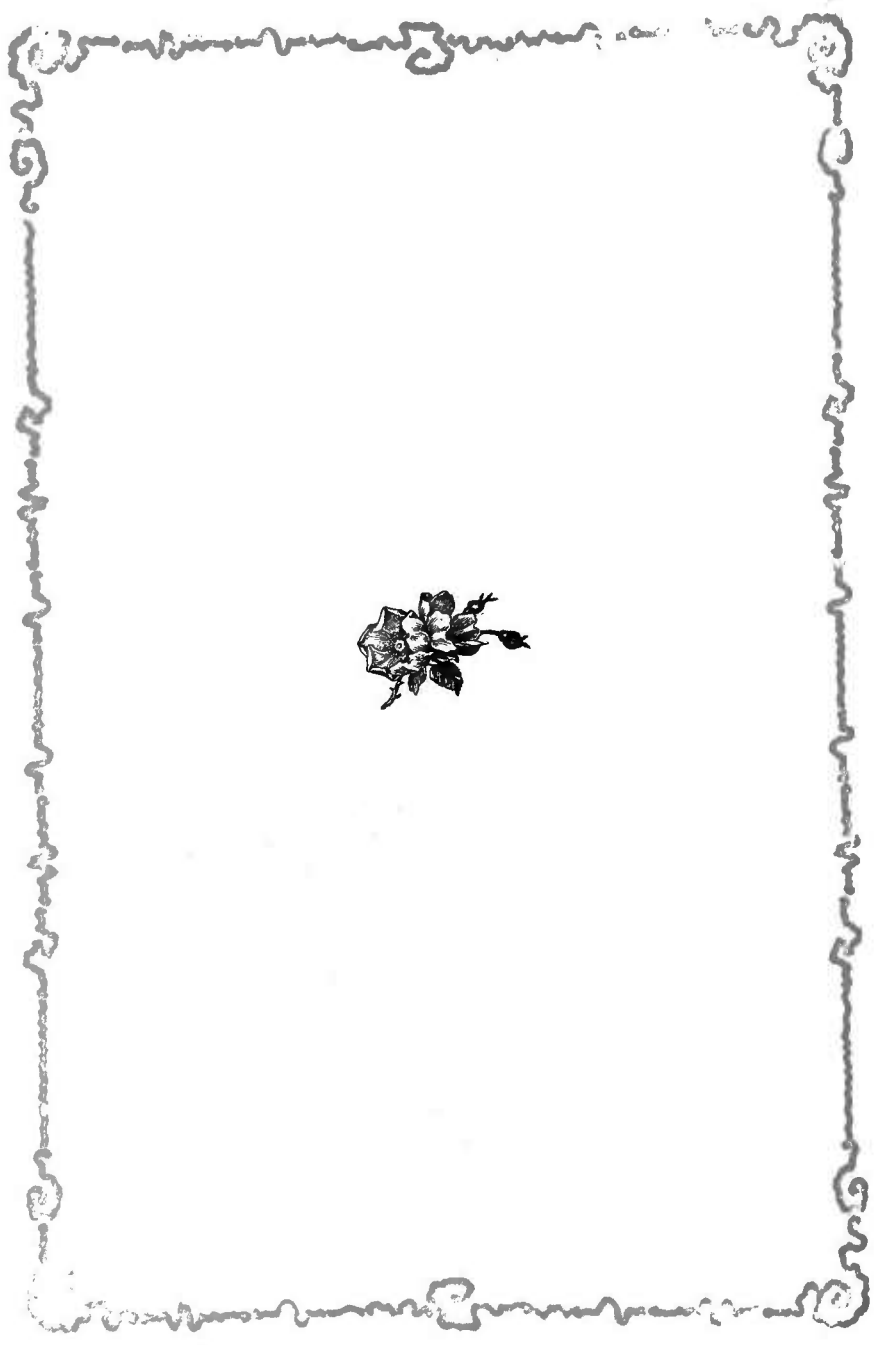
Duas vezes a rola da encosta
Suspirou á chegada do outomno,
E do inverno no gelido somno
A folhagem do bosque dormio !
Duas vezes meu seio abatido
Vio passar a estação dos verdores,
Supplicando a teus olhos as flores
Que nos campos da vida não vio !

Esperar ! quando os raios dardejам
Pelos schistos do trepido rio,
Nas campinas olentes do estio
Viste o bando das aves esp'rar ?
Pois si o canto saudoso se extingue
Entre o escuro da basta ramagem,
E' que ao doce murmurio da aragem
Meigas, doidas se estão a beijar !

Esperar ! si em teu gesto já treme,
Impaciente do triste degredo,
O clarão que de balde, em segredo,
Tenta ainda occultar-te o pudor !...
Esperar !... si o desejo opprimido
Com mais força o teu rosto illumina,
Mansa abelha que ao peito se inclina
Por sugar de teus labios a flor !

Oh ! não queiras por mais um capricho
Retardar essa hora bendita :
Eu bem sei que o teu seio palpita !
Eu bem sei que tu soffres como eu !...
Aureas nuvens rasgando ao futuro,
Quero ir ter nos vergeis da esperança
Essa luz que na terra se alcança
Quando um anjo desprende-a do céu !





Pudor e amor

(RIMAS)

Si eu fito afflicto na tua frente ardente,
A custo e em susto meu faminto olhar,
Singelas, bellas, odorosas rosas
Do pejo eu vejo teu semblante ornar.

Que santos cantos de risonhos sonhos
Ao peito affeito a padecer me vêm!
Minha alma a calma da esperanza alcança,
E a vida, ó qu'rida, mais enlevos tem!

E' que inda infinda, como outr'ora, agora
Te inflamma a chamma que os amores dão:
Não falas, calas; mas no aneio o seio
Esplende, accende, no rubor — paixão!

Ai tremes! temes que, na infancia, a esta ancia
Do bello anhelos, que a affeição te deu,
A inveja esteja com atrozes vozes,
Cuspindo e rindo a macular-te o véu!...

E logo o fogo das peiores dores,
Que a terra encerra no seu antro aqui,
Te inunde e afunde na fumaça a graça
Que Deus dos céus te dispensára a ti!

Por isso o viço das formosas rosas
Do pejo eu vejo — abraçar-te o albor!
Commigo eu digo, na minh'alma em calma:
— Não mente! sente, como eu sinto, amor!



A Carlos Ferreira

NA NOITE DA TERCEIRA REPRESENTAÇÃO
DO SEU BELLO DRAMA

A CALUMNIA

Duas corôas sagram-se ao proscenio !
Duas corôas de immortal victoria :
— A da honra que o povo eleva ao genio !
— A do genio que eleva o povo á gloria !

No pedestal dos seculos descripto
O amor, que as tece, do porvir se alteia !
E abre e rasga, ás portas do infinito,
O céu da consciencia ao sol da ideia !

Tu vens, poeta, ás multidões errantes,
Sonhar tremendo aos raios da verdade :
São teus braços, teus louros rutilantes :
A razão ! o direito ! e a liberdade !

O Senhor disse á luz :— surge ! illumina
A vastidão dos seres pelo espaço !
E tu disseste á arte :— luz divina,
Inflamma os corações no immenso abraço ;

Abraço da esperança, grande, nobre,
Que desperta o calor e o movimento !
Que tem sorrisos para o rico e o pobre
Que estende á propria dôr força e alento !

Abraço que confunde o templo e a escola,
Doirando-lhes a cupula nos céus ;
Na licção e na prece erguendo a esmola,
A esmola d'alma junta aos pés de Deus !

Abraço de um mysterio fulgurante,
Da fé, da crença immaculada homilia ;
De lagrimas e flores gotejante,
Erguendo a humanidade na familia !

Tu vens, poeta! as multidões te acolhem
Hosanna! Hosanna! ao louro teu sublime!
Do verbo augusto os labios teus se molhem
A's santas aguas que o soffrer redime!

A' rubra aurora surge a divindade,
Aos dois poderes desprendendo a escada:
O vate e a turba: a vida e a immensidade!
A voz e a penna supplantando ao nada!

Duas corôas sagram-se ao proscenio!
Duas corôas de immortal victoria!
-- A da honra que o povo eleva ao genio!
-- A do genio que eleva o povo á gloria!

Campinas -- Outubro -- 11 -- 1873.





Supplica

Quando eu te procuro no olhar desvairado
Passando a tremer,
Teus olhos formosos, teu rosto adorado
Não debes volver.

Não debes ! dos olhos no tímido beijo
Nossa alma sorri !
E o riso em meu seio, na vida só vejo
Si vem-me de ti.

Meu unico instante de crença e ventura
 Só nisso é que está;
Si a sorte m'o rouba, que immensa tortura,
 De mim que será!

Tu pensas que o mundo, com tredo reclamo,
 Nos vota o rancor;
Mas isso que importa, si eu sinto, si eu amo,
 Si é santo este amor!

Um dia ha de o mundo tremendo do insulto
 Cahir-nos aos pés:
Virá, de humilhado, pedir-nos indulto
 Do mal que nos fez!

E o mundo que importa, si acaso condemna
 Tão funda paixão!
Si o mundo espezinha quem soffre, quem pena,
 Quem tem coração!

Rebrama dos homens no pelago undoso
 Medonho escarceu!
E nós longe, longe, nas azas do gozo
 Subamos ao céu.

Subamos ! Subamos ! Num languido abraço
Descança-te em mim :
Depois, sempre juntos, cedendo ao canção,
Morrámos pôr fim !

Morrámos ! e as almas sulcando o infinito
Sem putridos véus,
Afoquem-se unidas num somno bemdito !
Nos seios de Deus !...

Qual murcha a campina, qual secca a floresta
Si o sol lhes faltou,
E extinguem-se os risos, extingue-se a festa
Si o inverno chegou ;

Assim a minha alma descae desmaiada
Sem vida, a chorar,
Si ás trevas que a cercam a chispa é vedada
Do teu meigo olhar.

Si queres tu mesma cortar-me a ventura,
Matar-me o prazer,
Oh ! faz' que dos olhos a tua luz pura
Não doire o meu ser !

Mas inda assim mesmo luctando um momento
Na dura viuvez,
Irei, já sem vida, meu ultimo alento
Depôr a teus pés!

Outubro de 1862.



A LOUGA

Sparsc le trecce morbide

Sull' affannoso petto.

MANZONI.

1

Ella vinha cançada. Era de dia :

— O sol claro a luzir —

Tinha um fogo nos olhos que abrazava ;

Impavida, incessante caminhava,

E era sempre a sorrir.

Que sorriso, meu Deus! como passava
D'alegria ao furor!
Seus labios sons queixosos murmurando,
As vestes, insensata, espedaçando,
Mordia-se na dor!

Muitas vezes cahindo de joelhos
Fitava muda o céu.
Depois volvia os olhos espantados,
Firmando-se nos pés ensanguentados,
Rasgava o peito seu!

II

No meio da multidão,
Passa a coitada sosinha!
Na frente se lhe adivinha
O signal da maldição.
Todos sorriem-se, todos!
E dão-lhe insultos e apodos!
Ninguem estende-lhe a mão!
Hoje aponta-se a desgraça,
Com vil escarneo na praça,
No meio da multidão.

Naquella scena immoral
Oh! quem mais louco parece:

O mundo que a escarnece
Em seu enlevo brutal,
Ou ella do mundo a rir-se,
Nas ancias a retrahir-se
Do negro accesso infernal?!...
E todos os que passavam,
Mulheres, homens, entravam
Naquella scena immoral.

E era bella a sorrir!
Tinha nos olhos pisados,
Grandes, vivos, desvairados,
Tamanho fogo a luzir!
Em desalinho cahidos
Os seus cabellos compridos
Iam-lhe os seios cobrir;
Profundas manchas no rosto
Tinha-lhe aberto o desgosto,
E era bella a sorrir!

Quem era a pobre mulher?
Porque havia em seu delirio,
Nos olhos sempre o martyrio?
Nos labios sempre o prazer?
Como o espelho da existencia
Destinou-a a Providencia

A assim constante viver,
Mostrando aos homens na vida
Aos gozos a dor unida?
Quem era a pobre mulher?

E' a louca! — a turba o diz!
E — louca! louca! — sorrindo
Vae a triste repetindo
Em seu sonhar infeliz.
Remordendo o corpo exangue,
Em jorros desata o sangue
Dos seios lindos, gentis!
Sorri-se a tudo e a todos
Emquanto com vis apodos
E' a louca! — a turba o diz!

III

Eu a vi, ó meu Deus, rasgando as vestes,
As fórmas virginaes
A' turba desenvolta ir amostrando!
Umas vezes sorrindo, outras chorando
Entre arrancos mortaes.

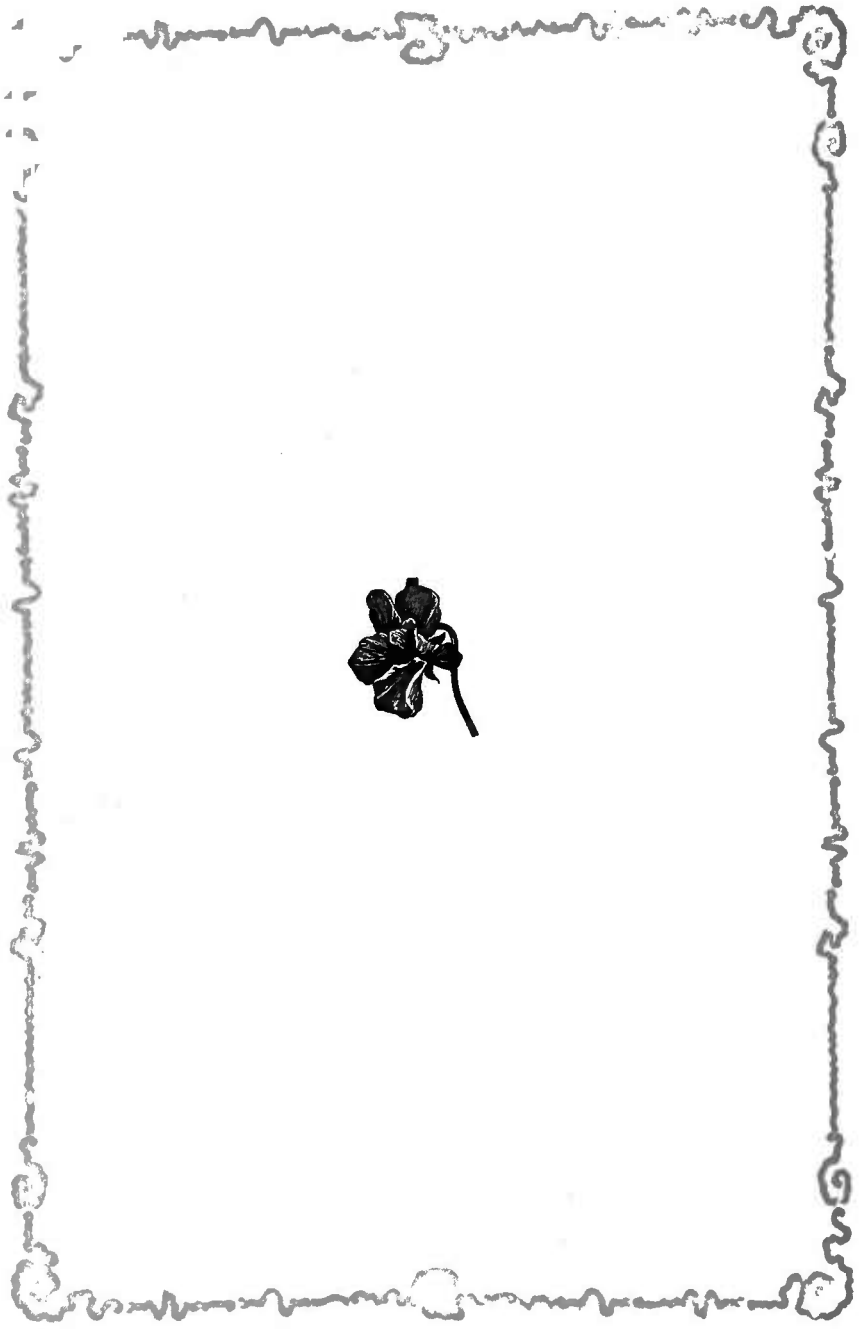
De quando em quando extatica parava
E cantava tambem;
Depois rompia em gritos tão profundos,
Que os echos repetiam gemebundos
Nas encostas além.

Nas fortes convulsões do desespero
 Como ella se extorcia!
E saltava-lhe o sangue espadanado,
Em torrentes do corpo espedaçado
 No furor da agonia.

E passava, ó meu Deus, ia alto o dia ;
 A turba em derredor !
Ella olhava-a, sorrindo-se p'ra todos :
O mundo escarnecendo-a, em vis apodos.
 Insultava-lhe a dor !

Setembro de 1862.





Anhelos

Si nesta terra não houvesse agora
Tanta alma fallaz e traiçoeira,
Eu quizera sonhar neste deserto,
De infindo amor, á sombra da palmeira.
Eu quizéra ditosa nestes sitios
Vêr inda a raça primitiva e bella :
Ai, que viver! isento de cuidados
Eu passara feliz no meio della !

Eu quizéra de tarde nestes ermos
Ouvir cantar o sabiá fagueiro,
E descendo do alto das peróbas
Vêr a pomba molhar-se no ribeiro.
Eu quizéra dormir sob estas folhas,
A' beira deste monte enfumaçado ;
E depois acordar ao som do grito
Da araponga gentil, mansa, a meu lado.

Ah ! porque, grande Deus, tu não fizeste
Minha terra não ser jámais captiva ? !
Que ainda errasse nella dos selvagens
A gente destemida, brava, altiva !
E eu pudera viver neste deserto
Tão venturoso á sombra da palmeira,
Tendo a meu lado a virgem dos meus sonhos
Com a face gentil não traiçoeira !

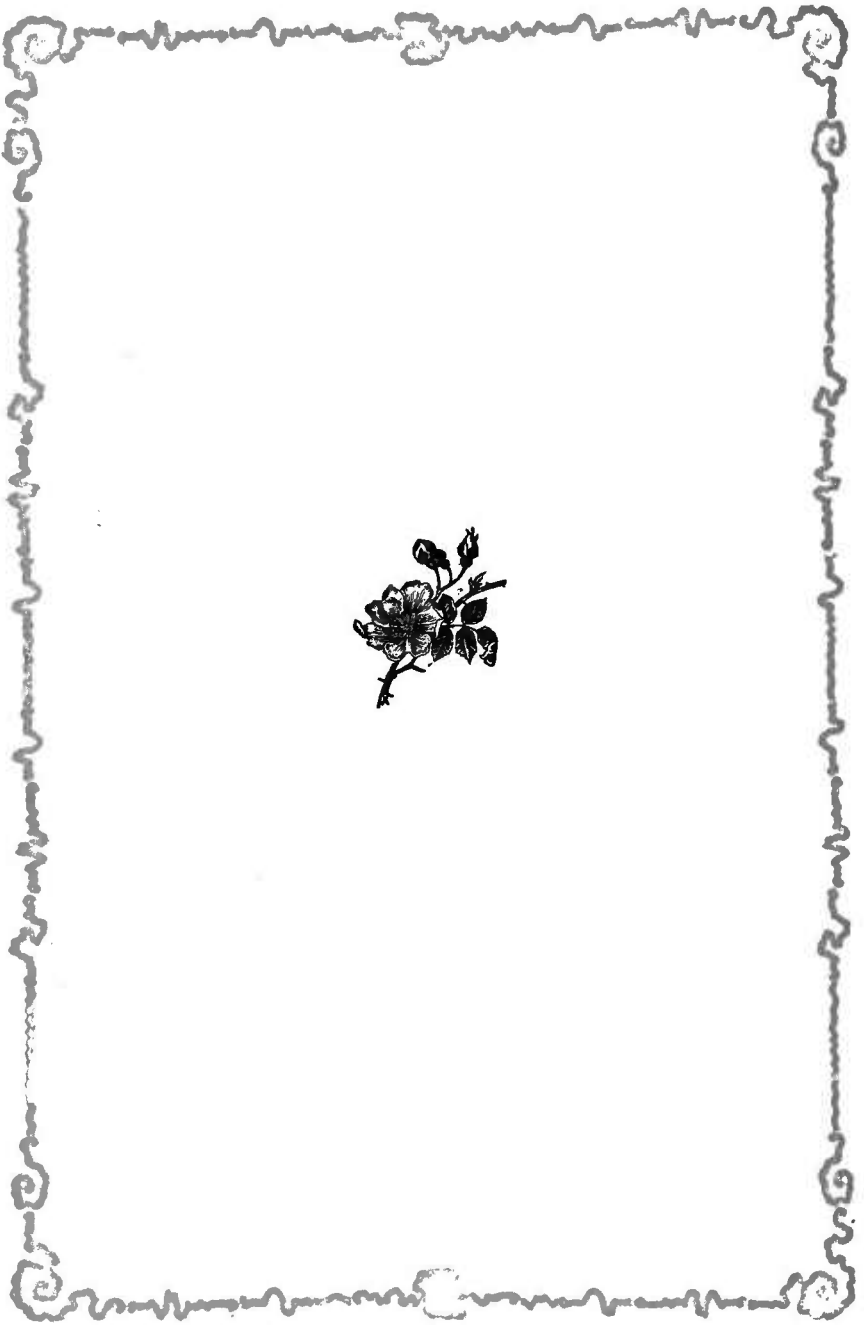
Suas formas do céu nuas de enfeite
Singelo adorno contornasse apenas,
Entre-doirando as graças da belleza
No arfar mimoso das macias pennas.
Eu quizera a seu lado venturoso
Descuidado correr pela campina,
Ler dos seus olhos na mudez sublime
Toda a innocencia candida e divina !

Eu quizera lhe ver o pé mimoso
Saltando em susto a limpida ribeira ;
Os seus seios de amor tremerem ternos,
O seu corpo cahir pela canceira !
Ai, porque, grande Deus, selvas e mattas
Não mais avultam na longinqua serra ?
Porque as hordas errantes dos selvagens
Varreste agora desta minha terra ? !

Este mundo é tão negro e tão medonho !
E' tão esteril nelle a pobre vida !
Entre os golpes da inveja e da mentira
Passa a virtude triste e comprimida !
Nas comas do arvoredado sobranceiro
Galas o sol, e seiva a chuva escorre ;
Mas no fundo do valle não penetra
Uma gotta de orvalho á flor que morre !

Oh ! si ainda, Senhor, voltasse um dia
Todo esse drama da primeira idade,
Quando sob estes bosques se enlaçavam
A alegria, a ventura, a liberdade,
E não houvesse nesta linda terra
Tanta alma fallaz e traiçoeira,
Eu quizera viver unido a ELLA,
Em doce abraço á sombra da palmeira !

1860.



Dous tempos

D'ogni dolcezza vedovo,
Tristo, ma non turbato,
Ma placido il mio stato,
Il volto era seren.

G. LEOPARDI.

Ha neste mundo frivolo
De sombras e chimeras,
Horrificos momentos
De angustias infernaes :
Da vida o fundo ergastulo
Abrange duas eras
Em que os soffrimentos
Sentimos pungir mais.

Uma correndo passa-se,
Quando a nossa alma em flores
Nenhum dos sonhos gratos
Sentiu ainda cahir :
E' esse vago anhelito
Que espalha em seus ardores,
Não só pesados tratos,
Mas crenças no porvir ;

E' esse pranto férvido,
Que a sorte em seus revezes,
Derrama em nosso peito
Em ondas de paixão ;
E' esse amor que pede-se
Aos astros muitas vezes
E que, de noite ao leito,
Tambem se pede em vão.

Essa sem custo vive-se,
Porque nossa alma é virgem
E ainda os desenganos
Coitada ! não sentiu ;
Porque da roaz duvida
Na sordida caligem
Os mais risonhos annos
Murchar-se ainda não vio.

Mas quando o amor indomito
Em nosso seio cresce
Às plagas sem abrolhos
Rompendo o aureo véu!
Quando na imagem candida
A rir nos apparece,
Abrindo a nossos olhos
A força, a idéa, o céu;

Quando de um goso incognito
Em mundos encantados,
Corremos á conquista
Nas ancias do prazer,
E que, parando extaticos,
Amando e sendo amados,
Se perde a nossa vista
Nas nevoas de soffrer;

Porque da terra eleva-se
Alguma sombra amára,
Que ao pégo dos martyrios
Nos vem arremeçar;
Negra, funesta, tetrica,
Dizendo ao homem — «Pára!
« Dissolve os vãos delirios
Do teu louco sonhar! »

Ai! como então nessa epocha,
Aos vincos da desgraça
Alastra em nós o estrago
Desse torpor lethal!
Erguendo o turvo calice,
Nossa alma inerte passa,
Bebendo, trago a trago,
O luto, o tedio, o mal!

Muitos cahindo pallidos
Immergem na loucura
A dor, que lhes retalha
O peito, audaz, feroz;
Outros, com frio escarneo
Saudando a sepultura,
Se envolvem na mortalha
De um crime vil e atroz!

Todos no somno gelido
Buscando o esquecimento,
Ultimam a romagem
Rasgando o coração!
De pé, na magoa impavidos,
Sorrindo ao soffrimento,
Oh! quanto mais coragem
Não é viver-se então!...

Duvidas

Se d'um anjo a gloria queres,
Serás anjo, se fizeres
Contra o destino, um feliz.

G. CASTELLO BRANCO.

Quando eu passo e te vejo a fronte altiva
Reclinada na mão nivea e gentil,
E que dos olhos teus a luz tão viva
Enlaça-se dos meus no ardor febril,

Eu não sei o que sinto!: a vista deito
Desvairada, abatida pelo chão!
Eu não sei o que sinto! e no meu peito
Parece-me a estalar o coração!

E' que vejo em teus labios um sorriso
Que confunde no seio o mal e o bem,
A tecer-me no umbral do paraíso
Esta cifra do inferno — o teu desdem !...

Então á mente em febre e vacillante
Mil idéas me vêm, e eu digo assim :
Talvez de mim se lembre neste instante :
Talvez ella a sorrir zombe de mim !

Como o infante que em rorida folhagem
Busca á beira de um rio a flor colher,
E, vendo-se attrahido da voragem,
Tenta fugir e sente-se pender,

Assim tambem em fundo precipicio
Talvez só torne o amor que em sonhos vi!
E pensando me ser teu rir propicio
Sómente perdição eu ache em ti!

Quantas horas sem norte eu vou perdido!
Quantas, quantas sem tino eu vago a sós!
E segue-me o teu rosto, anjo querido,
Como segue o remorso ao crime atroz.

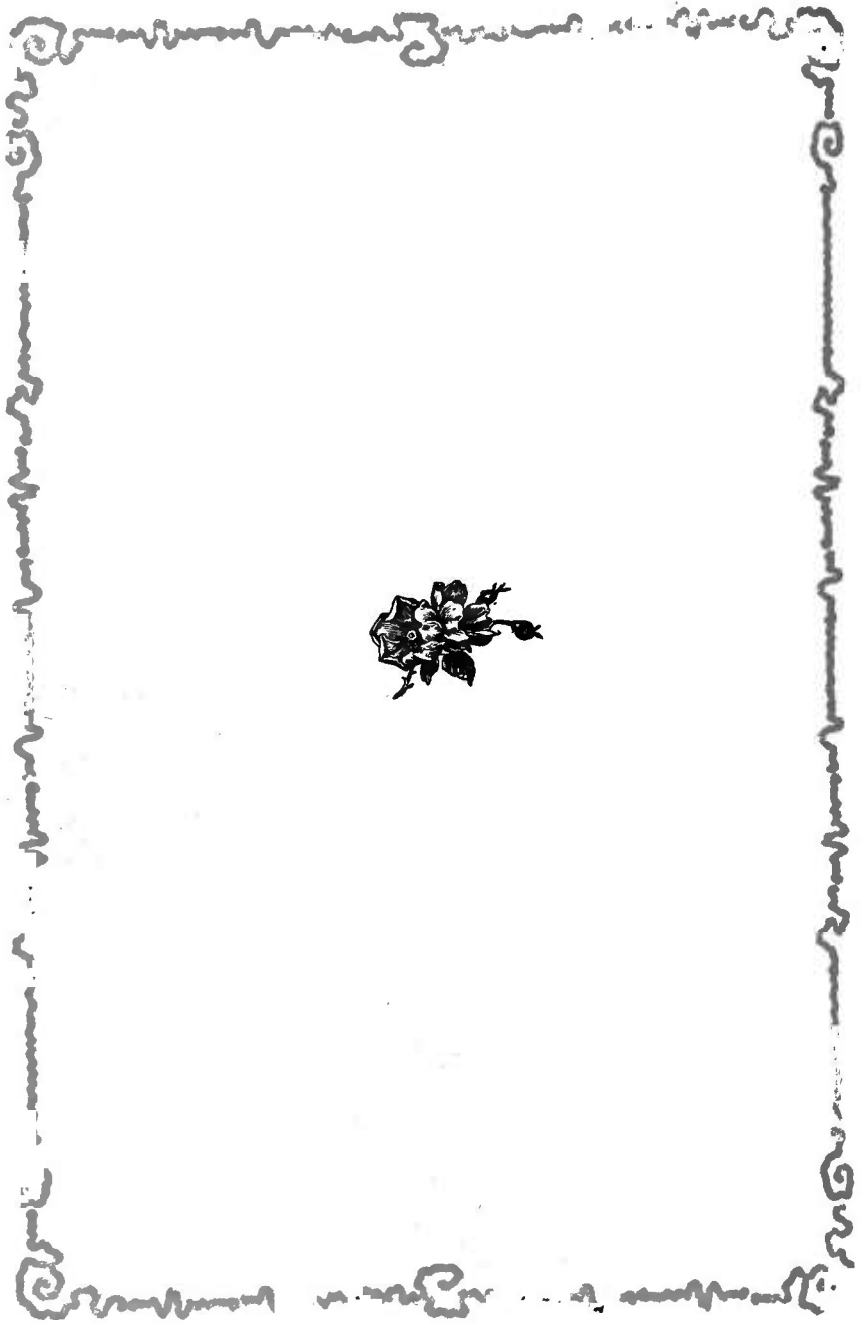
No meio dos festins passo calado
Qual um corpo sem luz pela amplidão!
Mendigo de affeições, abandonado,
Ninguém sabe atirar-me o negro pão!

Depois, findando a triste e vão romagem,
Quando desce o crepusc'lo e morre o dia,
Cobarde, eu te procuro!... e na passagem
Tu fitas-me inda assim --- toda a alegria!

Eu não sei o que sinto! o pensamento
Abraza-me nas chammias da paixão!
Suffoca-me o soffrer! falta-me alento!
E estala-me no peito o coração!

Novembro de 1862.





Sonhos

A JOSÉ MARIA LISBOA

Sonhar quando a nossa alma desabrocha
Nos olorosos prados da innocencia!
Sonhar na primavera da existencia
Em crenças encantadas de ventura!
Sonhar quando cançado a vida afrouxa
Ao pé da sepultura!

A hera que se eleva e humilde cresce
Por entre altivos bosques, sóbe a custo
Nos galhos enramados a prender-se ;
Mas que apoio encontrou ? debil arbusto,
Que ao mais pequeno sopro desfallece
Desvalido a pender-se.

A vida é como a hera que viceja
Em carcomido tronco sempre erguida :
Aspira, almeja a luz, encara o espaço ;
O tempo arraza o tronco e treme a vida :
Oução que ao lodo volve — o homem beija
O barro frio e escasso !

E inda assim sonhamos ! inda agita
A chamma do existir doce chimera
Em nossos corações, no peito exangue !
Por mais profunda a dor não dilacera
A viscera escondida em que palpita
Mais forte o nosso sangue !

Tu vês a gloria e o amor ? — mixto encantado ! —
São duas esperanças de um só goso !
Dois puros ideaes do mesmo anhelo !
Duas ilhas iguaes num mar formoso !
Dois raios immortaes de um astro bello
De um céu ignorado !

A gloria aqui na terra em vão se alcança
Quando morre abafado o sentimento!
O amor vive um instante e logo finda!
A inveja despedaça uma esperança!
Esmaga outra esperança o sofrimento!
E o homem sonha ainda!

Sonhos! sonhos! o riso e a desgraça,
A miseria que a mão supplice estende,
O ouro que a desdenha e vae-se altivo,
O mais sublime gozo, o ardor mais vivo,
E' tudo um sonho vão, sombra que passa
E ninguem comprehende!

Sonhar!... Sonhemos, pois, em quanto arde
Um livido phanal na immensidade
Do negro e turvo mar que na inclemencia
Sulcamos, de profunda escuridade!
Em breve ha de expirar a fria tarde
Do dia da existencia.

Então dormir! -- sonhar talvez ainda!
Nas trevas do amargor gemer perdidos,
Sem a estrella gentil com que sonhamos!
Dormir! sonhar! meu Deus! nos dias idos
Hora a hora rever a imagem linda
Dos sonhos que afagámos!

Depois uma saudade! — o desalento!
Depois a morte e os crepes funeraes!
Depois no rosto o pallido sudario!
No vazio do peito um cinerario!
Um tumulo sem nome — o esquecimento!
Um sonho e nada mais.

Abril de 1863.



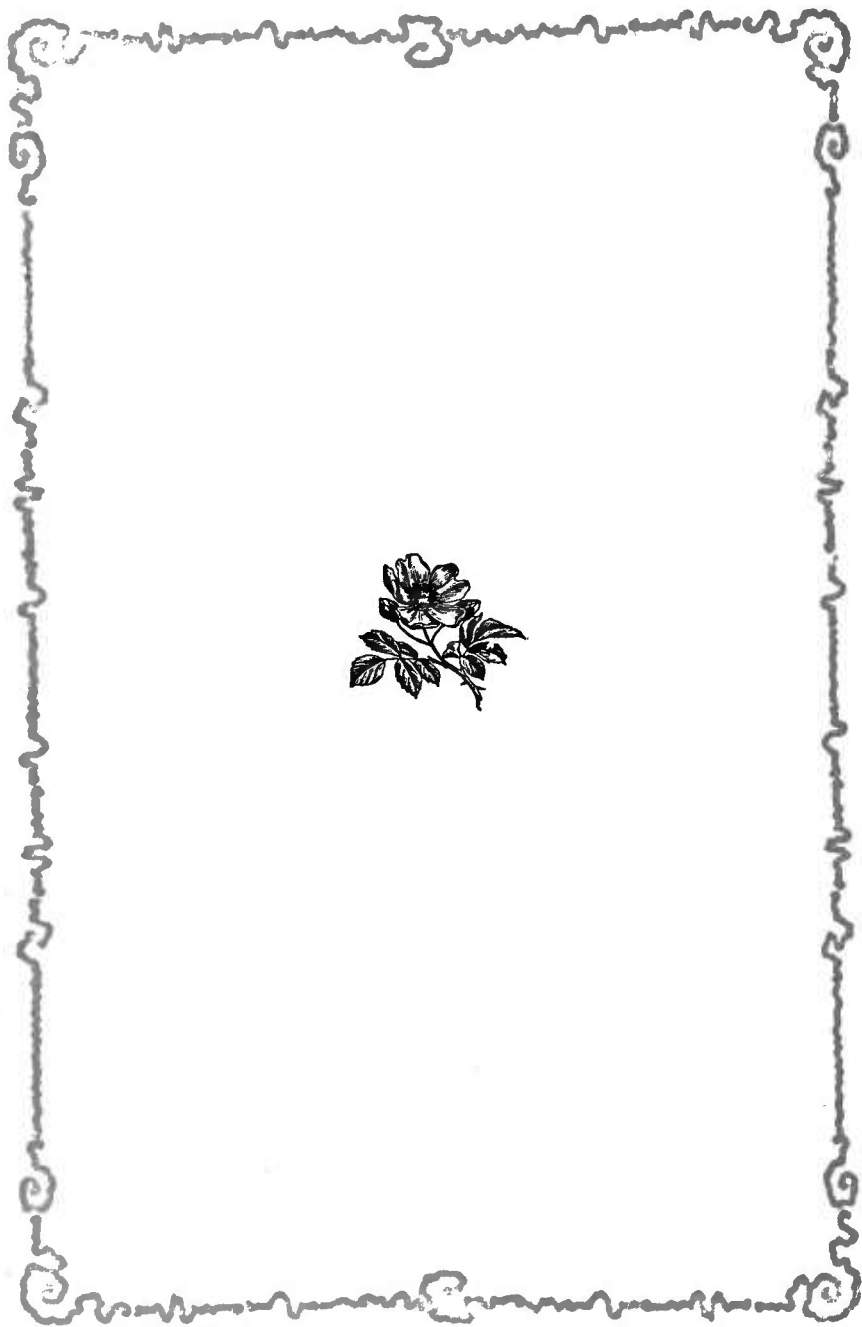
Todo y nada

Pois tu não vês nos ares scintillantes
O sol morrendo em ondas de fulgores?
E assim, nadando no perfume, as flores
Largam ao vento as pétalas boiantes!

E o amor e a gloria, e os risos da innocencia
Afogam-se nas chammas da esperanza!
Tudo que busca a mente e pede e alcança,
Tudo succumbe e esvae-se na existencia!

Oh! sonho! oh! luz de um paramo azulado!
Como te envolve o manto da orphandade
Doirando os haustos do prazer gozado!

Por mais que suba o peito na anciedade,
Por mais que deſça a idéa no passado,
A alma é um sopro, a vida é uma saudade!



Noite de estio

Quem tornou tudo fel quanto aprazia?

SAL DE MIRANDA.

Porque mostras, ó lua branca e triste
A meiga face neste céu tão bello?
Eu não amo os teus raios: a luz frouxa
De tua pallidez vem magoar-me!
Eu não amo-te, não! a tua imagem
Vem lembrar-me outros tempos, outras éras
Que doces me embalaram aprazíveis
Os dias da existencia!

Não te lembras
das vezes que beijaste-me esta fronte
quando eu, calado, extático, te olhava
ão cheio de esperanças e de anhelos?
quando eu interrogava-te, si acaso
tinhas visto, — e pallida passavas
deixando-me a sonhar fitando o espaço?
Oh! epochas bemditas de ventura
oram essas talvez: amava e cria!
quem ama e quem crê, quanto é ditoso!

Oh! tu me achavas só quando nascias,
ela esteira do val me debruçando,
tu pela algosa ençosta das campinas,
a namorar teu rosto; á mesma hora
alvez que em rudes cantos te saudava
o misero africano, e em ais sentidos
o *sem-fim* lamentoso erguia langue
o seu piar funereo na floresta!...

Nunca mais volverão horas daquellas!
Nunca mais em meus olhos encovados
la de verter o pranto o doce allivio
da esperança e do amor! Oh! talvez nunca
tu veja mais na terra um peito amigo
m que possa encostar a exhausta fronte!
o ente que eu prezava mais no mundo,

A mulher de meus sonhos mais ardentes
Hoje está morta, pallida e perdida!
Bella ainda da luz, do encantamento
Das ethereas visões; mas feia e torpe
Das manchas e dos vincos da maldade:
No corpo o céu conduz, o inferno n alma!

Astro saudoso

O tempo da innocencia vae tão longe,
As noites em que aos raios teus fulgentes
Meus seios se expandiam de prazeres.
Nesse tempo eu queria-te, adorava-te,
Hoje não, que não posso mais fitar-te
Sem perder-me nas ancias da saudade.

Porque vens tu mostrar-me, ó lua meiga,
A branca face neste céu tão bello?
Já não amo os teus raios: a luz tenue
Da tua pallidez me afoga e mata!

1860.





Quinze annos

É amor que te illude e te mente,
É amor que te ha de matar.

GARRETT.

Quinze annos! — é um echo saudoso
Que nos traz o passado á lembrança:
Quinze annos! — é a doce esperança
De um incerto bem longe porvir!
Quinze annos! — é a idade dos anjos,
E' de um vago prazer o desejo,
De temores, de enleio e de pejo
Niveas faces de leve a cobrir.

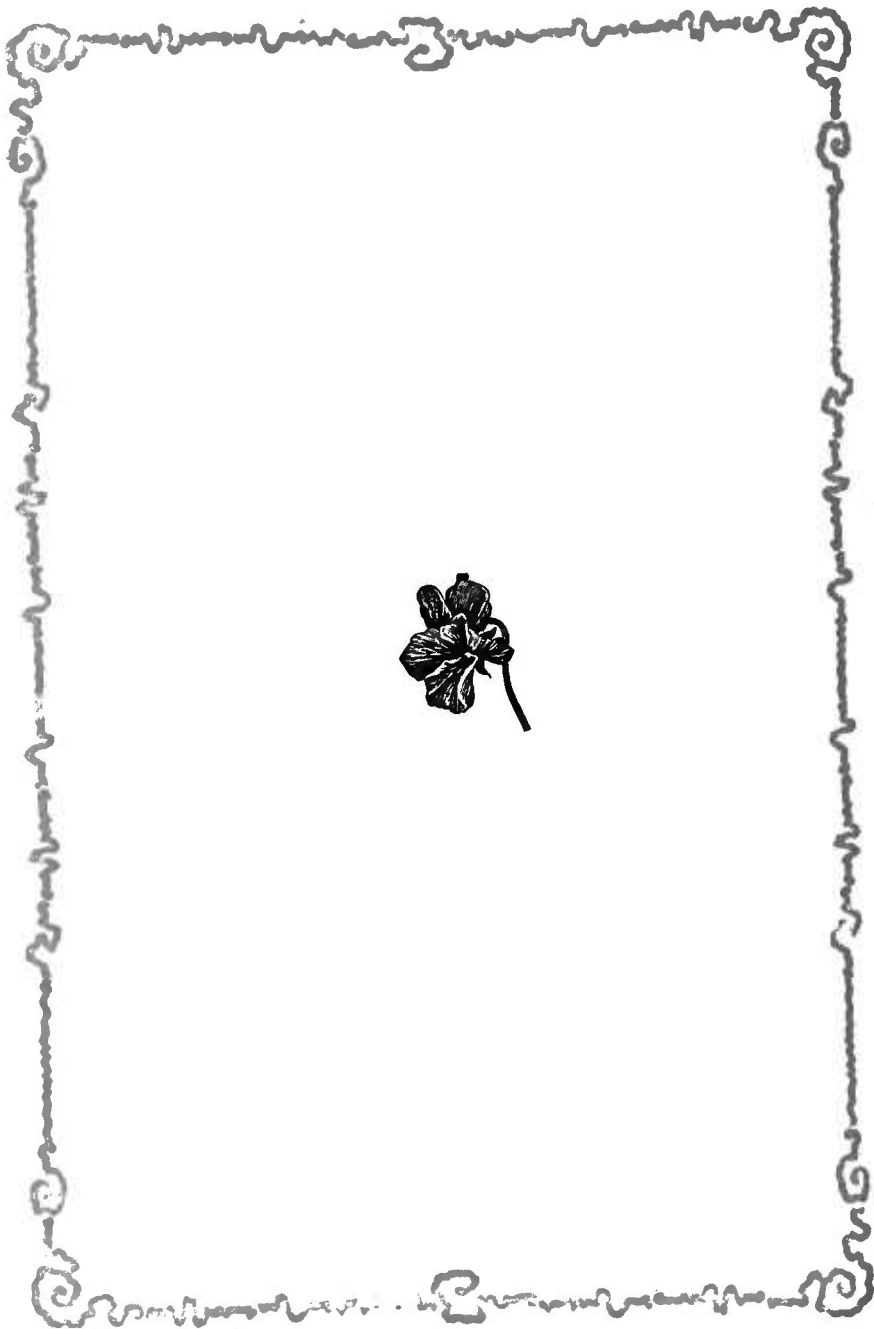
Quinze annos! — é um som maguado
De harmonia que os labios fenece ;
E' uma nota que a vida estremece
Nos extranhos assomos que tem !
Quinze annos! — é a c'rôa de espinhos
Entre os laços dos louros risonhos ;
Quinze annos! — é a vida dos sonhos !
E' o sonho da vida tambem !

E' um inquieto scismar, um anceio
Que se queima na luz da esperanza ;
E' um gozo que enleva e que cança
Num murmurio no seio a tremer ;
E' um fogo que abraza a innocencia, —
Que de um beijo entre o ser e o nada
Vai doirando esta fria morada,
Nos deliquios do infindo querer !

E esse sonho, esse gozo, essa esp'rança,
Esse inquieto pensar, essa vida,
Essa nota no espaco perdida,
Que estremece e que foge subtil,
Esse fogo de languidas chammas
Que com o pranto e o riso se casa,
E' o incendio que arde e que abraza
A pureza do olhar infantil !

Quinze annos ! — querida, é o mundo
Que a razão enganoso arrebatá ;
E' o amor que seduz e que mata
Com os occultos venenos que tem !
Não te vás entregar innocente
Da vertigem ao louco transporte !...
Quinze annos ! --- é vida e é morte !
E' o céu e o inferno também !





Poesia... real

Eh ! déjate de ilusiones,
pues como disse la copla,
los doblones son doblones
aqui y en Constantinopla.

A. DE TRUEBA.

— Que ancia, Maria, é essa !

 Com que pressa
Tu vaes agora a fugir !
Não corras tão apressada,
 Tão cançada,
Não corras, podes cahir.

— Ninguem mais ha que nos veja,

 Sertaneja,
Ouve um segredo, — só um !...
De sombra o sitio coberto
 E' deserto :
Não vela um homem, nenhum.

Não temas a noite, ó bella,
Sem estrella
Como hão de ficar os céus ?
Não fujas, ouvê... um momento...
Toma alento,
Não fujas, anjo de Deus !

— «Ai ! senhor, não me persiga
Não me siga :
Eu só, não posso o escutar !
Talves o fogo apagado,
Regelado
Póde estar o frio lar.

«E alli na casa isolada,
Jaz deitada
Minha mãe por sobre o pó !
Minha irmã innocentinha,
Coitadinha
Como hade dormir lá só ? »

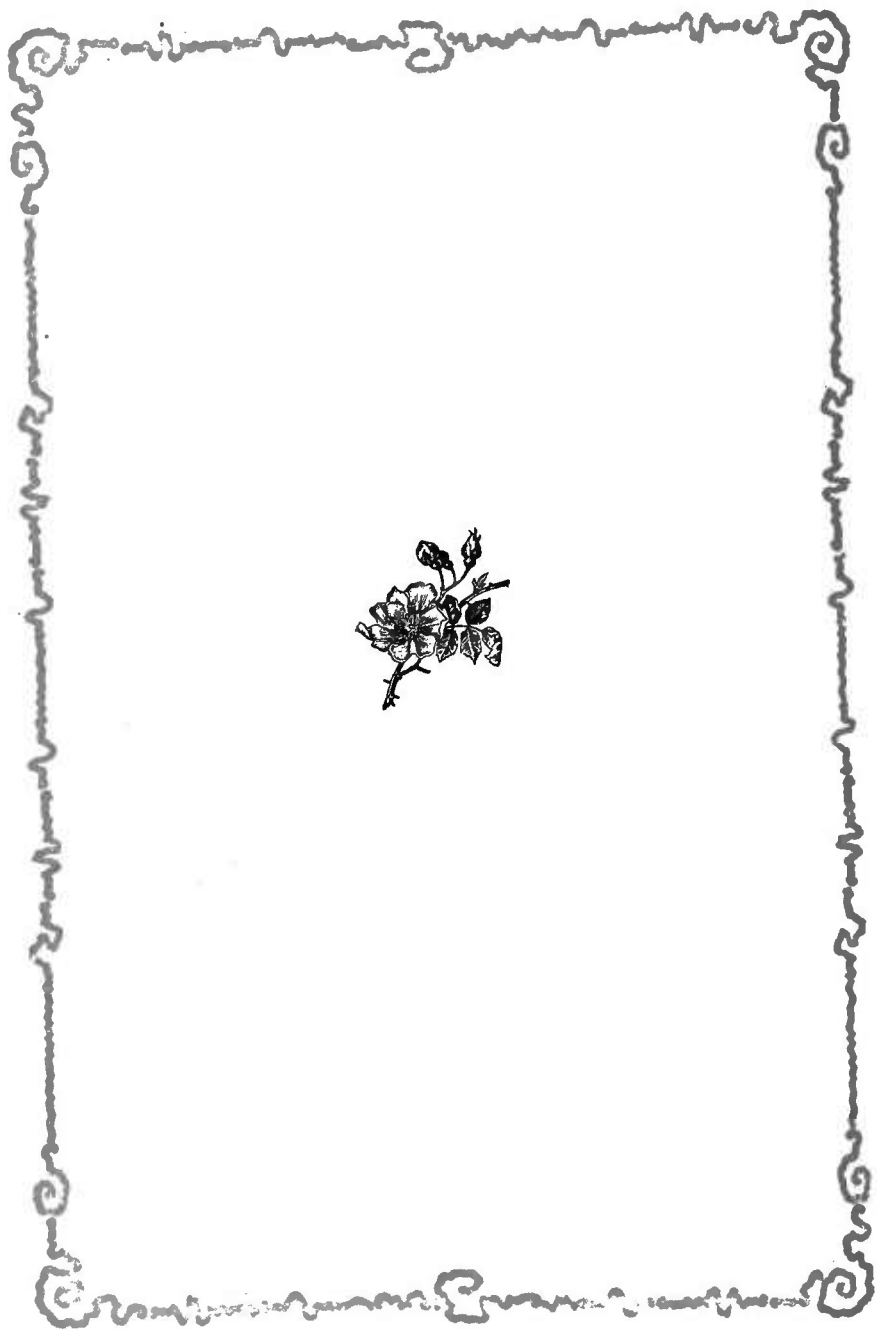
— Tua mãe !... Um quarto d'hora
Não demora
Um breve instante de amor...
Tua irmãsinha deitada.
Gazalhada
Dorme na paz do Senhor.

— Não corras : olha o vallado,
 No cercado
 Tu vaes a saia romper !
 Um beijo ao menos consente,
 Um sómente :
 Que crime póde isto ser !

Ai ! senhor, não me persiga,
 Não me siga,
 Eu só c'um homem ficar !...
 Como hei de ouvir-lhe um segredo ?
 Tenho medo,
 Sou tão pobre : hão de falar !...»

— Serás rica, muito rica,
 Mas oh ! fica,
 Não me deixes, linda e má :
 Terás muito e muito ouro,
 Um thesouro
 Eil-o aqui tens... toma lá !...

«Meu senhor, porque me segue,
 Me persegue ?
 Eu só c'um homem ficar !
 Tanto ouro..... tenho medo !
 Um segredo !
 Diga !... Não hão de falar ?...»



No baile

Como ella vai contente !
O par se inclina e fala :
Ella estremece e cala
E fita-o meigamente !

Vejam como lhe embala
O collo entumecente,
Da flor que lhe orna a frente
O aroma que ainda exhala !

Parece que aos effluvios
Dos labios seus risonhos,
Toda aquella alma em pejo,

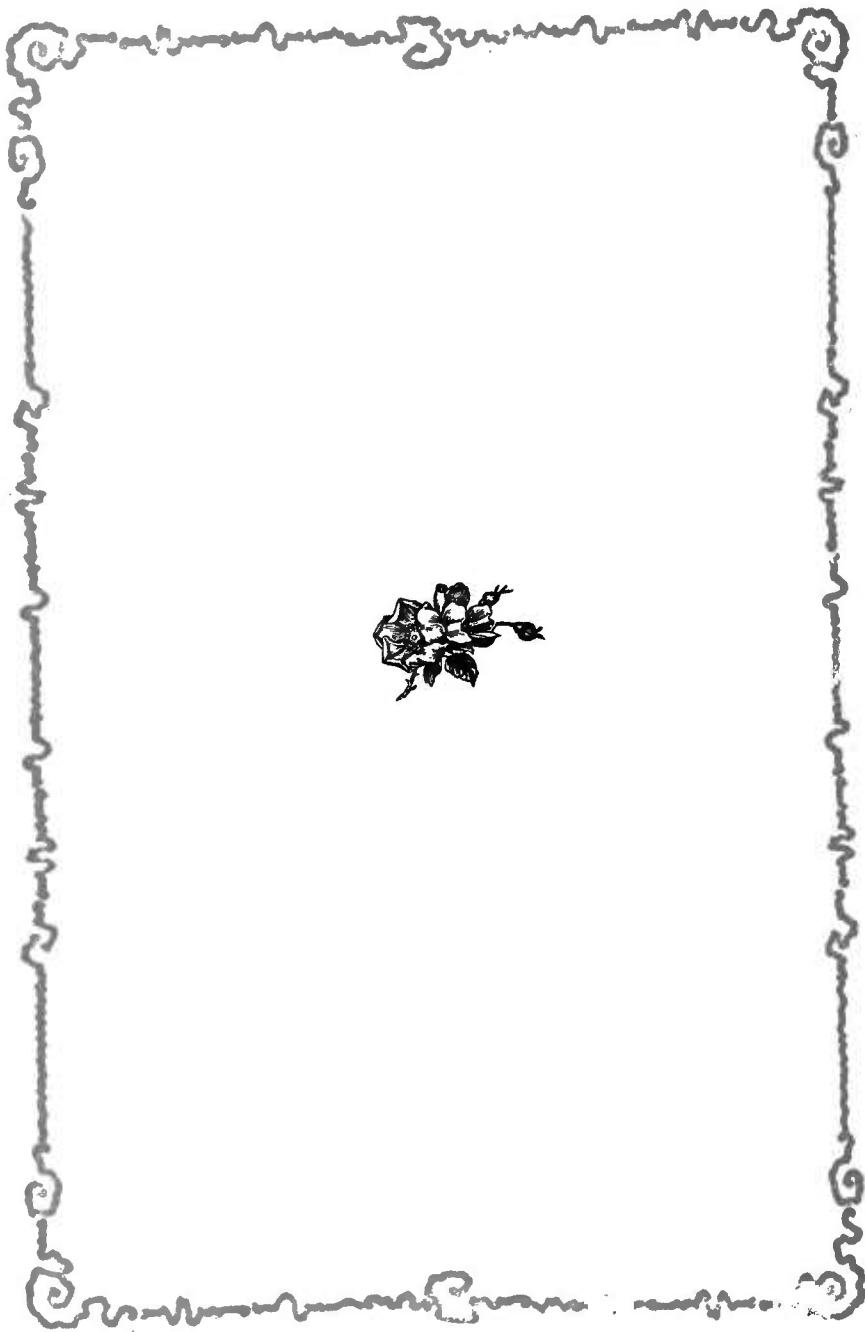
Afoga-se em diluvios
De raios e de sonhos,
E vai morrer num beijo !



O trabalho

A' morte, á dor, á desgraça
Tudo que é vivo pertence.
Tudo passa!
O homem trabalha e vence!





Enlevo

Para sempre, irmã dos anjos,
Ai! para sempre a meu lado,
Vejo o teu rosto adorado,
Sinto o rir dos labios teus!
Já teus olhos se illuminam
Daquelle brilho celeste
Que nos céus os santos veste,
Que veste a face de Deus!

Eram os nossos destinos
Elos da mesma corrente,
Em que ao meu teu labio ardente
Um beijo intenso prendeu :
Tinhas a graça e a crença ;
Eu tinha a força e a vida :
Fui feliz, foste querida :
E's minha como sou teu !

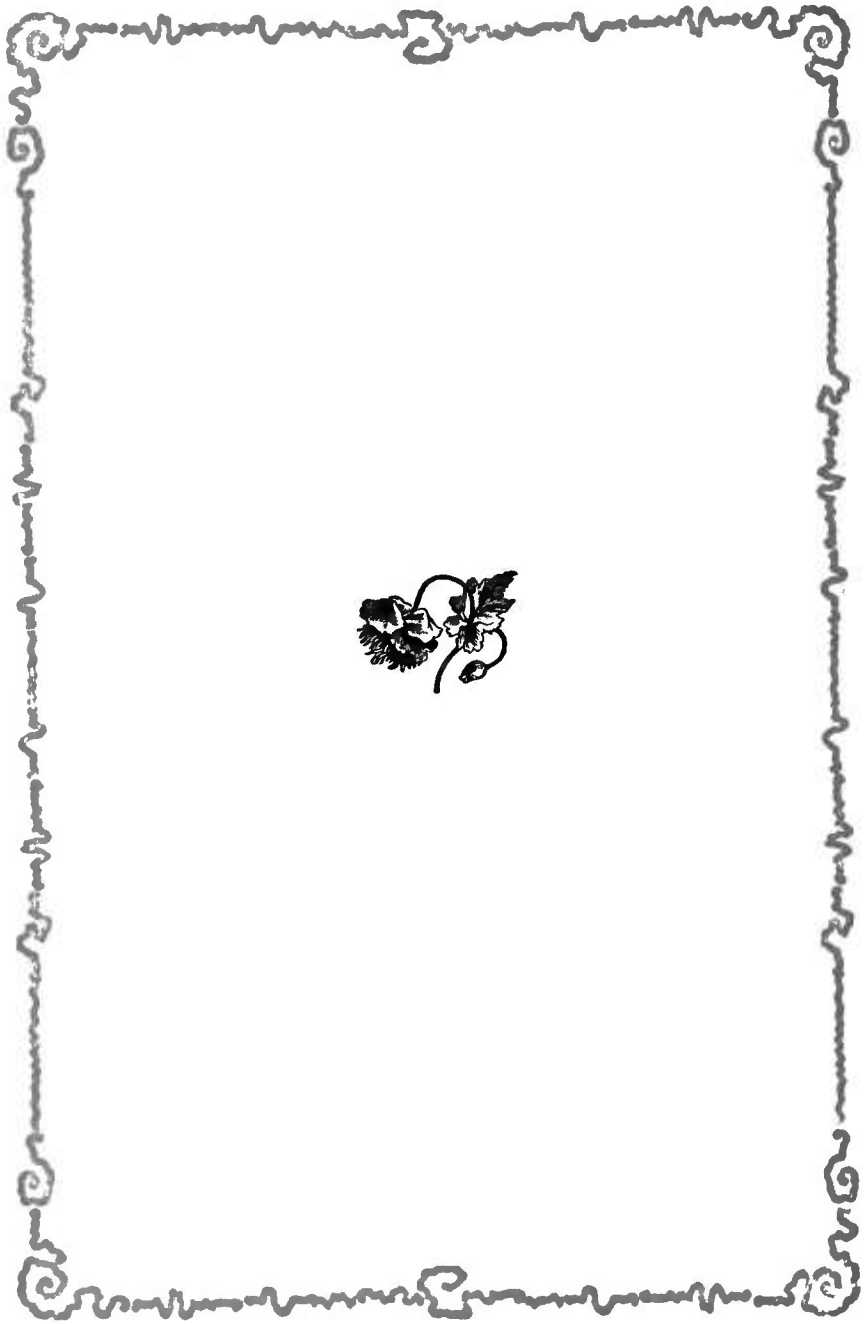
Mesmo, ás vezes, quanto a sorte
Me faz partir e deixar-te,
Em tudo cuido avistar-te,
Num sonho que me seduz :
Lanço a minha vista ao longe
Pelo horizonte distante,
E lá vejo o teu semblante
No ar, na terra, na luz !

E's minha ! quando a tormenta
Rugidora, negra, immensa
Me rouba a tua presença,
Que eu não posso ir ver-te emfim,
Como um suspiro saudoso
Ouço no bramir das aguas,
Que vem dizer-me, entre maguas,
Que pensas nessa hora em mim !

Fez-nos um só este affecto :
O teu e o meu pensamento
Surgiram num só momento,
Unindo o meu ao teu ser ;
E por isso as nossas almas,
Ligadas no mesmo abraço
Vivem do mesmo canção,
Choram do mesmo prazer !...

Como és bella assim tão minha !
Como tens na fronte altiva
Essa aureola de luz viva,
Esse encanto, esse poder,
Essa chamma que só arde
Na divina azul morada,
Ou num puro olhar de fada,
Ou nuns seios de mulher !





Aspiração

A LUIZ C. P. GUIMARÃES JUNIOR.

I

Eu sinto n'alma que a paixão devora
Um fogo intenso que indomavel arde :
Nem risos dá-me a perfumada aurora !
Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde !

Não ! eu não posso de prazer bemdito
Banhar meus labios num sorrir dos céus !
Curvado ao peso do soffrer maldito,
Arrasto a vida deprecando a Deus !

Eu canto á sombra da gentil mangueira
Que encobre altiva do riacho a praia :
Choro ! e sorri-se a natureza inteira !
Folgo ! e no peito a minha fé desmaia !

II

Não sabes o que é viver-se
Entre o desejo e o quebranto :
Soltas alegre o teu canto,
Vem tudo sorrir-te aos pés !
Os céus, a terra e os mares
Amam-te a lyra tremente ;
Nas delicias do presente
O teu futuro entrevês !

Amam-te os risos da aurora ;
Amam-te os genios da selva ;
Amam-te as auras que a relva
Perfumam de grato olor ;
Amam-te os cedros da encosta ;
Amam-te os bosques sombrios ;
Amam-te as aguas dos rios ;
Amam-te as aves, — a flor.

Ama-te a lua soidosa
Com seu clarão desmaiado ;
E o branco lirio inclinado
N'haste branda que o sustém ;
Amam-te a noite e o dia ;
Amam-te os echos da terra,
Gemendo de serra em serra,
Levando o teu canto além !

Si o vento sacode o espaço,
Ama-te o vento -- si gemes,
Si páras mudo, si tremes
Diante da imagem de Deus !
E no fragor da procella
Ama-te a rija tormenta,
Si pavorosa rebenta
Na terra, no mar, nos céus !

Si foge um sonho perdido,
Nasce-te um sonho mais bello :
Em cada sonho um anhelos,
Em cada anhelos um prazer.
Riem-se os anjos, si folgas ;
Si tu suspiras saudoso,
Em mais de um rosto formoso
O teu desgosto vaes lèr !

Oh! como é bom ser amado!
Vêr o mundo, o mundo inteiro
Sorrir-nos sempre fagueiro,
Mil gozos dar-nos dos seus!
Ter em cada hora um affecto,
E nesse affecto divino
Ter o motivo de um hymno
Na terra, no mar, nos céus!

E assim, poeta ditoso,
Dos teus triumphos seguro,
Ao vate humilde, obscuro,
Estendes bondoso a mão.
Bem haja a doce amizade,
Que em terna e doce alliança
As fronteS hoje descança
Do irmão no seio do irmão!

Oh! somos irmãos! na vida
Visamos uma só méta:
O Deus que fez-te poeta
Fadou-me tambem cantor!
Tens a gloria — eu o martyrio!
Tens hymnos — eu tenho cantos!
Os meus pobres — os teus santos!
Tu de prazer — eu de dôr!

III

Mas quem sabe si eu posso inda um dia
Desterrar do meu peito o amargor:
Forte e crente, saudando a alegria,
Erguer-me inda nas azas do amor!

Dos teus louros um ramo destrança,
Vem com elle esta fronte cingir:
Tenho uma alma — inda sinto a esperança!
Tenho um peito — inda posso sentir!

Destes labios queimados nas fezes
Que a desgraça em meu seio vazou,
Tu verás que, sorrindo aos revezes,
Ha de erguer-se uma voz — aqui estou!

Ai! verei si a minha harpa esquecida
Póde em sonhos saudar o prazer!
Ai! verei si as memorias da vida
Podem inda das cinzas se erguer!

Vem cingir um só louro jocundo
Sobre a fronte do humilde cantor :
Tu que folgas nas festas do mundo !
Tu que cantas na voz do Senhor !

Setembro de 1862.

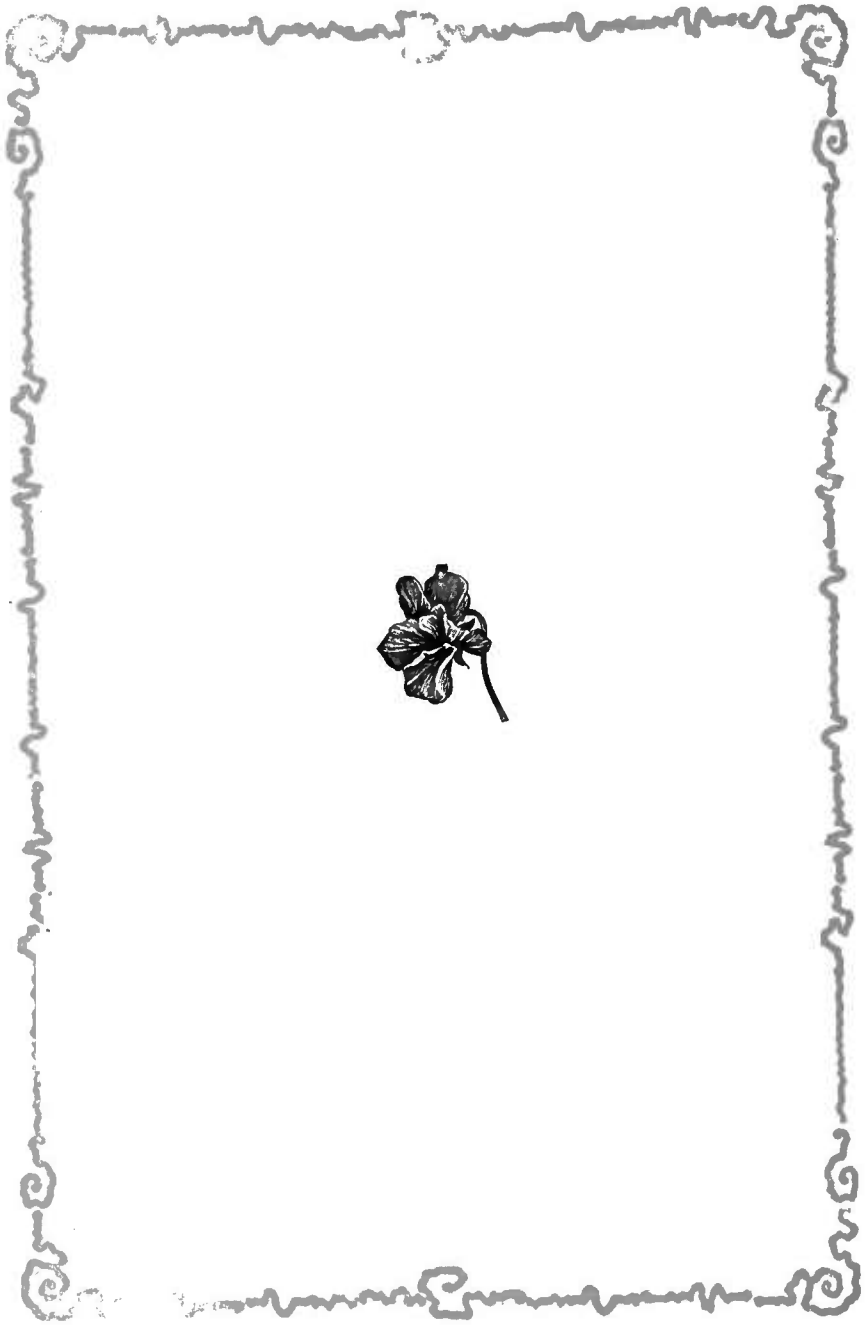


A ultima luz

Um dos Cesares de Roma,
Vendo a morte junto ao solio,
Como em nitida redoma,
Quiz deixar o terreo espolio.

Mas ao ver a urna mesquinha,
Disse: «A fama, a gloria, a vida,
Que o mundo apenas continha,
Vão caber nesta jazida !...»

Oh ! que si a luz da virtude
Lhe doirasse o ultimo véu,
Não fitára o ataúde,
Erguêra os olhos ao céu !



A morta

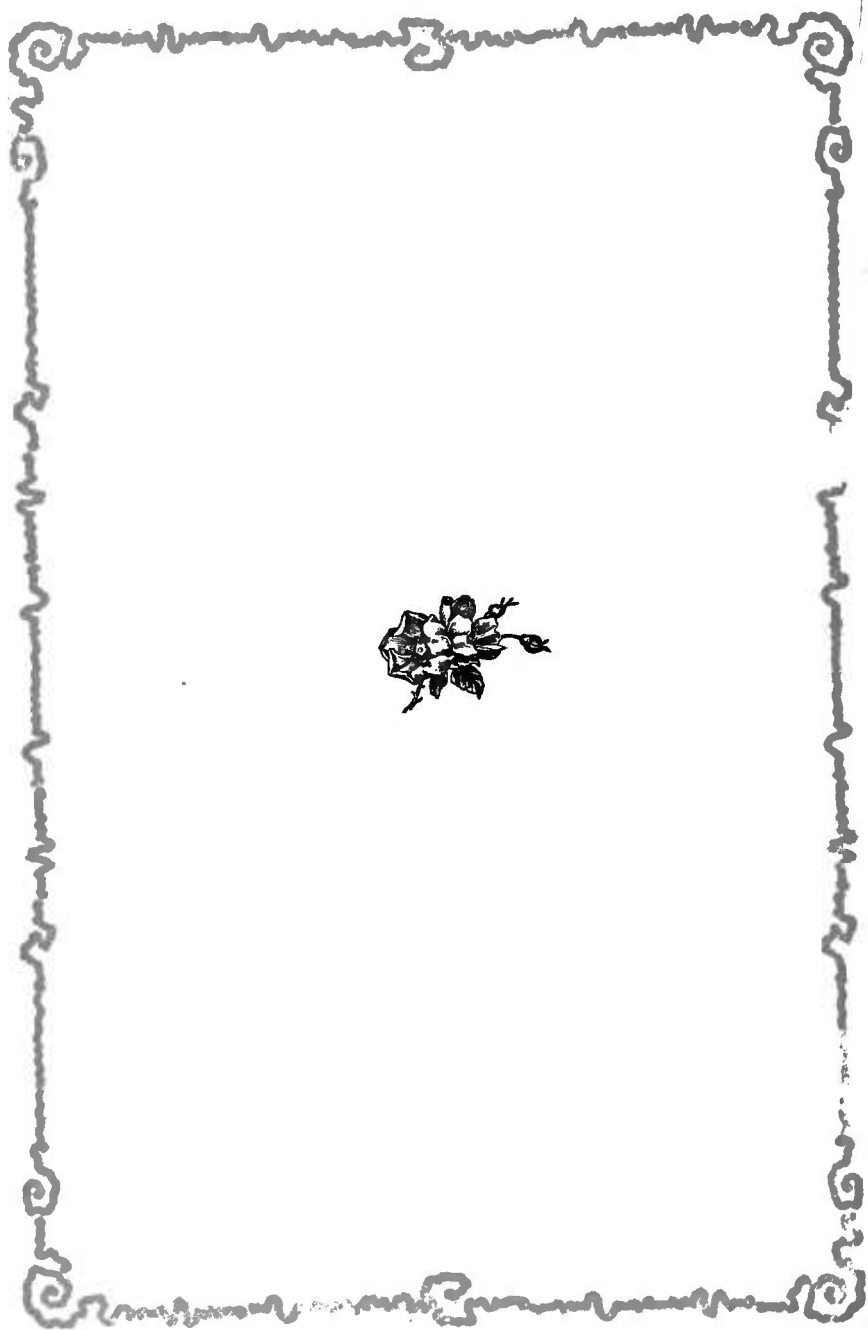
Um dia ella encostou-se no meu hombro
E disse-me : « Estou morta ! »
Fitei-a doido e tremulo de assombro..
E accrescentou : « Que importa ?
« Isto tinha de ser ! Foi o destino,
« O abysmo que fascina,
« Que attrahe, que arrasta a victima sem tino,
« Que as vontades domina !

« Eu vi que ia rolar no precipicio :
 « Medi-lhe a fria aresta ;
« Medi toda a extensão do meu supplicio !
 « Hoje nada me resta,
« Que eu não conheça já de ancia e quebranto,
 « De desespero e magua !
« Tu me apertas a mão gelada em pranto,
 « E o meu peito é uma fragua !
« Coragem!... Não choremos!... Oh! que tarde...
 « Oh ! minha mocidade !
« Não ha logar aqui de que eu não guarde
 « Uma immensa saudade !
« Sabes o que eu quizera ? o meu desejo ?
 « Era subir o encosto
« Alli da serra, ao ultimo lampejo
 « De um dia assim de Agosto,
« E lá dormir sorrindo a este deserto
 « Até o extremo lance !
« E esperar que se córte o fio incerto
 Ao meu cruel romance !

« Vês que me escalda a fronte embaciada ? !...
 « Oh ! vai chegando o fim !...
« Eu tenho horror ao vacuo, á sombra, ao nada !...
 « Quem rezará por mim ? !...»

Pobre creança! as lagrimas do orvalho
Vão-lhe pouzar na cruz!
E do esteril chorão, o sol no esgalho,
Dá-lhe um beijo de luz!

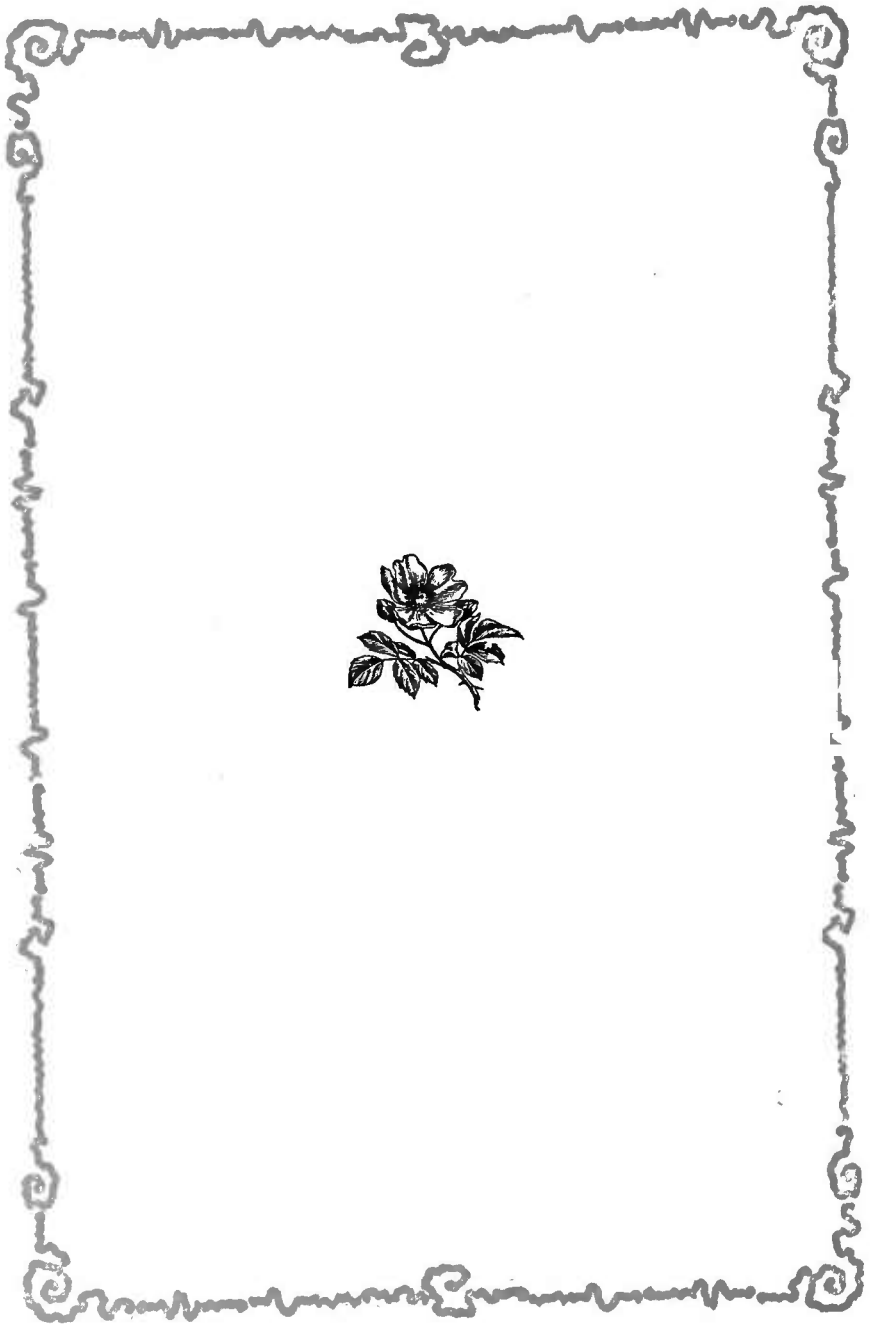




No tumulto de uma creança

Aos frios da alvorada,
Olhaste em pasmo os céus :
Pizando a morte e o nada,
Alma entre os sóes librada,
Foste dormir sem véus,
Na luz, no espaço, em Deus !





Renovare

Quando eu cheguei, meu Deus, a casa era deserta!
Na parede sem cal, de musgo já coberta
Teciam o seu ninho os sordidos reptis!
Vazio estava o tanque aonde de soslaio
Batendo o sol brotava em seu extremo raio,
Em ondas de cristal espumas de rubis!

Ao terreiro isolado o matto dominava ;
A grama pela cerca em feixes se enroscava,
Onde apenas a rola erguia-se a gemer :
Era alli que, de tarde, as filhas do *aggregado*
Vinham todas correndo a ver entrar o gado,
E que eu ia tambem por vel-as a correr.

A floresta sem fim, immensa, verdejante
Já não vestia o monte : a chamma crepitante
Veiu após o machado ; e frio estava o chão !
Ouviam-se de longe os negros reunidos,
Ao peso do trabalho eterno comprimidos,
Como em eterna saudade, erguer rude canção.

E mudo eu contemplava os restos do passado !
Era tudo sombrio, inerte, desolado,
Como o espectro feroz que a solidão gerou !
Em tudo resoava o hymno do impossivel
Cantado ao meu ouvido em sua voz terrivel
Pelos ventos mortaes que o tempo alli soprou !

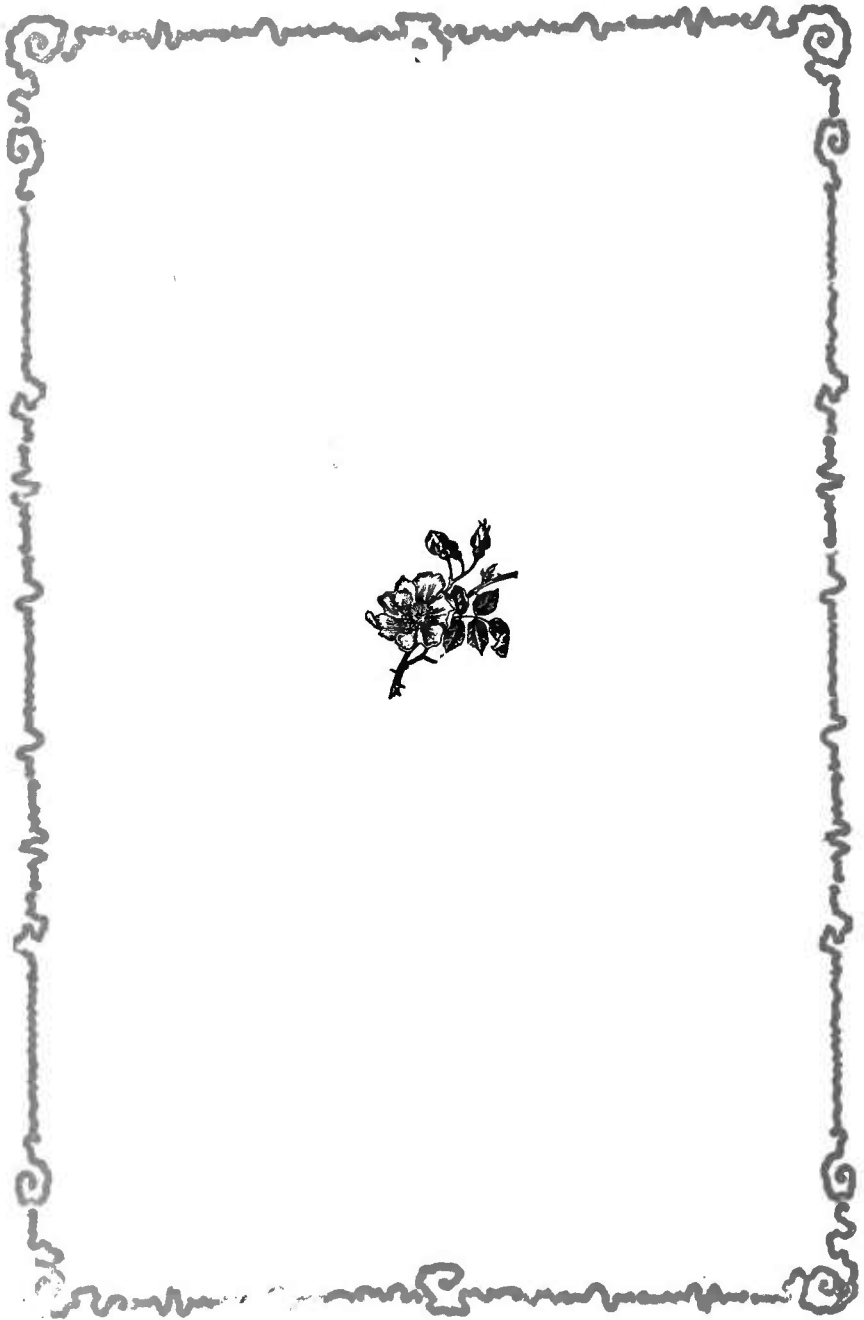
E mudo eu contemplava os sitios tão saudosos
Aonde os dias meus passei — os mais ditosos !
Oh ! quem pôde olvidar da infancia os puros céus !
A terra em que sorrio no seio da mãe terna !
Em que tambem chorou, prevendo a dor eterna,
Em despedir-se della, ao derradeiro adeus !

O calvario fatal não é ao fim da vida :
 Em nossa mocidade a cruz está erguida !
 Descendo-se de lá, por entre agudos ais,
 Não vive o corpo já ! cadaver miserando,
 Si os areaes do mundo em sangue vai banhando,
 E' que as chagas se vão sómente abrindo mais !...

O calvario fatal é a infancia, muitas vezes,
 Quando ao peito nos desce a dor até as fezes,
 E que da mesma esp'rança um raio mais não luz !
 Quando achamos somente em nosso vão delirio,
 Pelas gotas de mel -- a esponja do martyrio !
 Por leito de descanso -- os braços de uma cruz !

E' quando, á nossa volta, a casa está deserta,
 A parede sem cal, de musgo já coberta,
 Quebrados os portaes, as telhas a tombar !
 E' quando, recordando as scenas de outra idade,
 Saudamos do passado as sombras com saudade,
 E, triste paga, ó Deus ! ninguem nos vem saudar !

Olvidam-se da vida as mais acerbadas dores !
 Olvidam-se as paixões e os virginaes amores !
 Mas quem pôde esquecer da infancia os puros céus ?
 A terra em que sorrio aos beijos da mãe terna,
 Em que tambem chorou, prevendo a dor eterna
 No transe derradeiro, ao derradeiro adeus !



Desalento

Triste estás ! ao teu semblante
Que um sorrir difficil trahe,
Sóbe a chamma agonisante
De um clarão que rompe e cae !
Brilha sim o teu sorriso
Desse albor do paraiso,
Dessa paz que existe em Deus !
Mas é como o sol nas brumas,
Ou concha d'oiro entre espumas
De insondaveis escarcéus !

Como o gozo, o luto ás vezes,
Nos labios doira o sorrir,
E, por vencer os revezes,
Vence em nossa alma o sentir !
Tal no espasmo da agonia
Sorve um hausto a bocca fria
Das venturas eternaes !
Tal teu riso amargo e preso :
Cirio entre esquifes acceso !
Arminho em crepes feraes !

Vae-se a esp'rança de nossa alma
Em busca de céus azues,
Vae-se num sonho de calma
Aos vitreos campos da luz ;
Vae-se pascer da saudade
D'uns tempos, d'uma outra idade
Em que unio-se ao Creador ;
Vae-se de amor na atroz ancia
Beber morte na abundancia
De tanta vida e fulgor !

Oh ! morte, sim ! que tombada,
Descida aos choques do ar frio,
Céga da eterna alvorada
E'-lhe a terra antro sombrio !
Flôr de esplendidos matizes

Vem solapar-lhe as raizes
 A lympha em que se espelhou!
 Folha no outomno viçada
 Sente furtiva a geada
 No orvalho em que se banhou!

Ha entre nós semelhança,
 Pois que 'tu soffres como eu:
 Um de nós foge, outro avança!
 Um busca o inferno, outro o céu!
 Tu, das glorias no caminho,
 Eu na vereda do espinho,
 Temos a mesma afflicção:
 Eu por ver teu vão delirio!
 Tu por meu cruel martyrio!
 Ai! ambos pela paixão!

Por ver-me no ultimo transe,
 Captivo de um fado máu
 Sem da escada achar o alcance,
 Voltar degráu por degráu,
 No riso que o pranto véda,
 Medes o espaço da quéda
 Que me aguarda e a ti talvez!
 A vertigem do quebranto
 E' tão fatal, póde tanto
 Que eu tambem rio, bem vês!

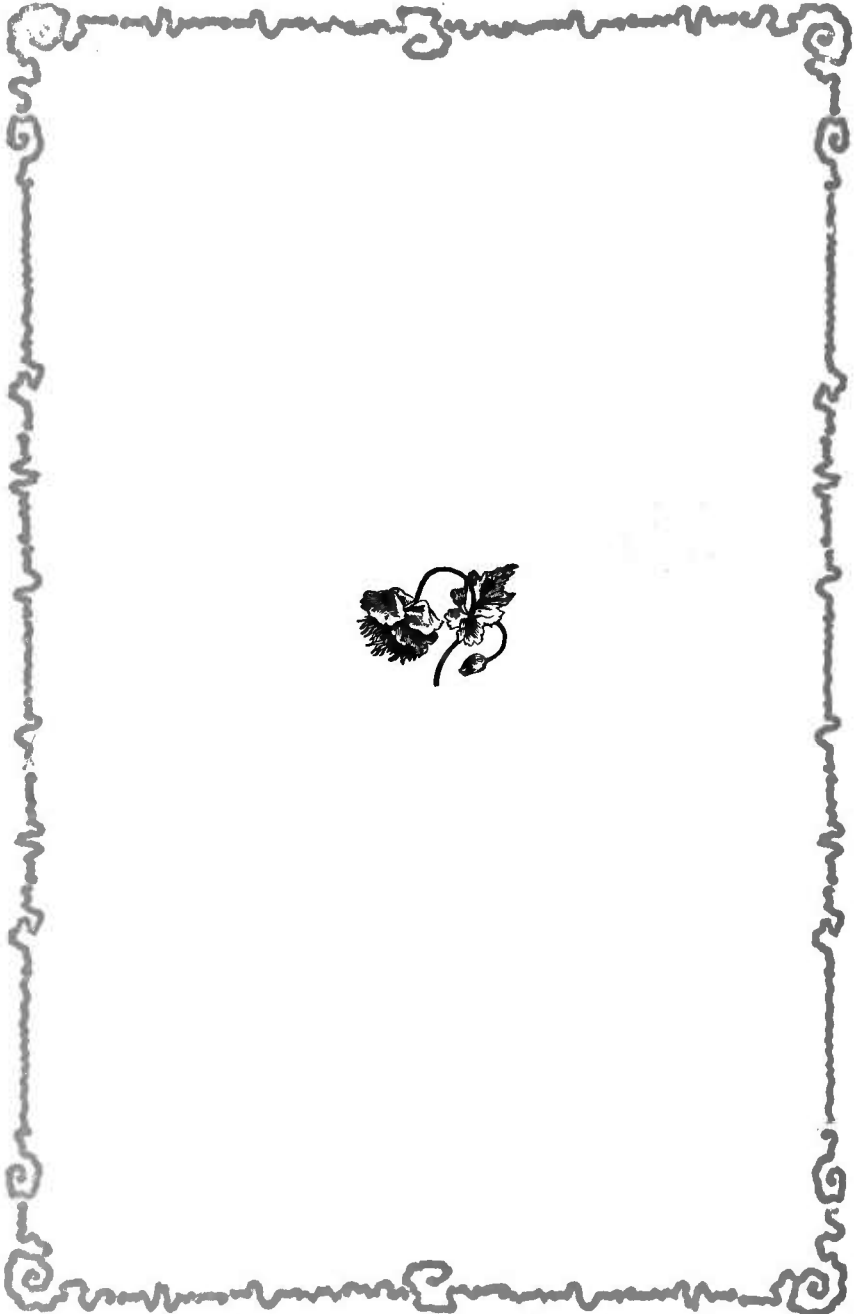
E porque has de ao meu supplicio
Votar a vida infeliz,
Si o teu puro sacrificio
Não lava os males que eu fiz !
Foge a Deus, anjo sublime !
E, si ainda é tempo, redime
O teu perdido laurel !
A Deus, anjo de conforto,
Tu dirás que no meu horto
Eu suei bagas de fel !...

Dá-me o derradeiro abraço
E volta ao mundo ideal,
Quero-te sombra no espaço
E não flor neste areal !
No teu vôo a aza formosa
Será a nuvem de rosa
Que eu veja em meu stertor !
No horizonte o throno assume,
Sol, visão, raio, perfume !
Abrange os ares, condor !

Triste estás ! Ha nesse afôgo
Do teu riso aberto em vão,
Um gemido, um ai, um rogo
De uma longa aspiração !...
Ao meu peito exhausto, flebil,

Unindo o teu seio debil,
O que havias tu de esp'rar?
Junto a mim como podias
Ter mais amplas alegrias
Do que este allivio de amar?!...





Caô-nóra

A M. F. DE CAMPOS SALLES.

E' noite. A lua na extensão celeste,
A curva senda mais de meia andou,
E o brilho escasso que a espessura veste,
Qual veu sinistro pelo val baixou.

Tudo é silencio na deserta plaga :
Ninguem sosinho por alli vagueia ;
A voz do rio que a planicie alaga
Só vem de manso murmurar na areia.

Por entre as voltas de subtil caminho,
Calado vulto da floresta sae :
Bem como a pomba que perdesse o ninho,
Tacteia as folhas que roçando vae.

Nos seios lindos que o tremor dilata
Quanta belleza não descobre o arfar !
Quantos mysterios que o pudor recata,
Não se adivinha no seu morno olhar !

Cobrem-n'a — castos, virginaes adornos, —
Singelas pennas de extremado alvor,
Do corpo airoso nos gentis contornos
Mostrando as graças em que brinca o amor !

Ai, como é linda ! mas o afflicto pranto
Que os labios cresta rescaldando o seio,
Como em vertigem de lethal quebranto,
Banha-lhe a fronte no funesto aneio.

Ai, como é linda ! no moreno rosto
Perpassa o emblema do pezar sombrio,
— O roxo vinco do feral desgosto,
Que envolve a alma que a paixão ferio !

Qual echo torvo que abalou o espaço,
De cedro immenso que no chão rolou,
Gigante fero de um aspecto baço,
Um uivo tredo e infernal soltou.

O extranho póрте do colosso horrivel
Por sobre as mattas lá no ar campêa :
Os pés em terra e o *cocar* temivel
Por entre as nuvens com o vento ondêa.

Furia dos bosques — o eternal *Caô-póra*,
Quando percorre vagueando alli,
O mundo inteiro de pavor descóra,
E as tribus gritam pelo Deus-Tupi.

E' elle! é elle! e a sonhar que mimo!
A virgem érra na floresta a sós :
Ella tão fraca, sem nenhum arrimo!
Ella tão perto do tremendo algoz !

Ei-lo que chega! Na afflicção do susto
No olhar que aos anjos soluçante vôa,
A pobre envia, reluctando a custo,
O ultimo raio da infantil corôa !...

Assim das ribas que o sereno afaga
Some-se o orvalho que no ar se esvae :
Assim dos olhos que a innocencia alaga,
Borbulha o pranto da esperanza e cae !

Como elle a estreita no deliquio infrene !
Que beijos dá-lhe na macia tez !
Ai ! monstro informe, teu gozar perenne
E' dar a morte em que o prazer revês !

Fitou-a ! Ergueu-se no mortal canção ;
Deixou-a exangue no stertor final !
Rouco bramido que abalou o espaço
Restruge ao longe como um som fatal !

E' d'elle o grito ! repetio-o a serra
Em longos echos prolongando-o além :
E o baque surdo que ferio a terra
De um corpo inerte resoou tambem !

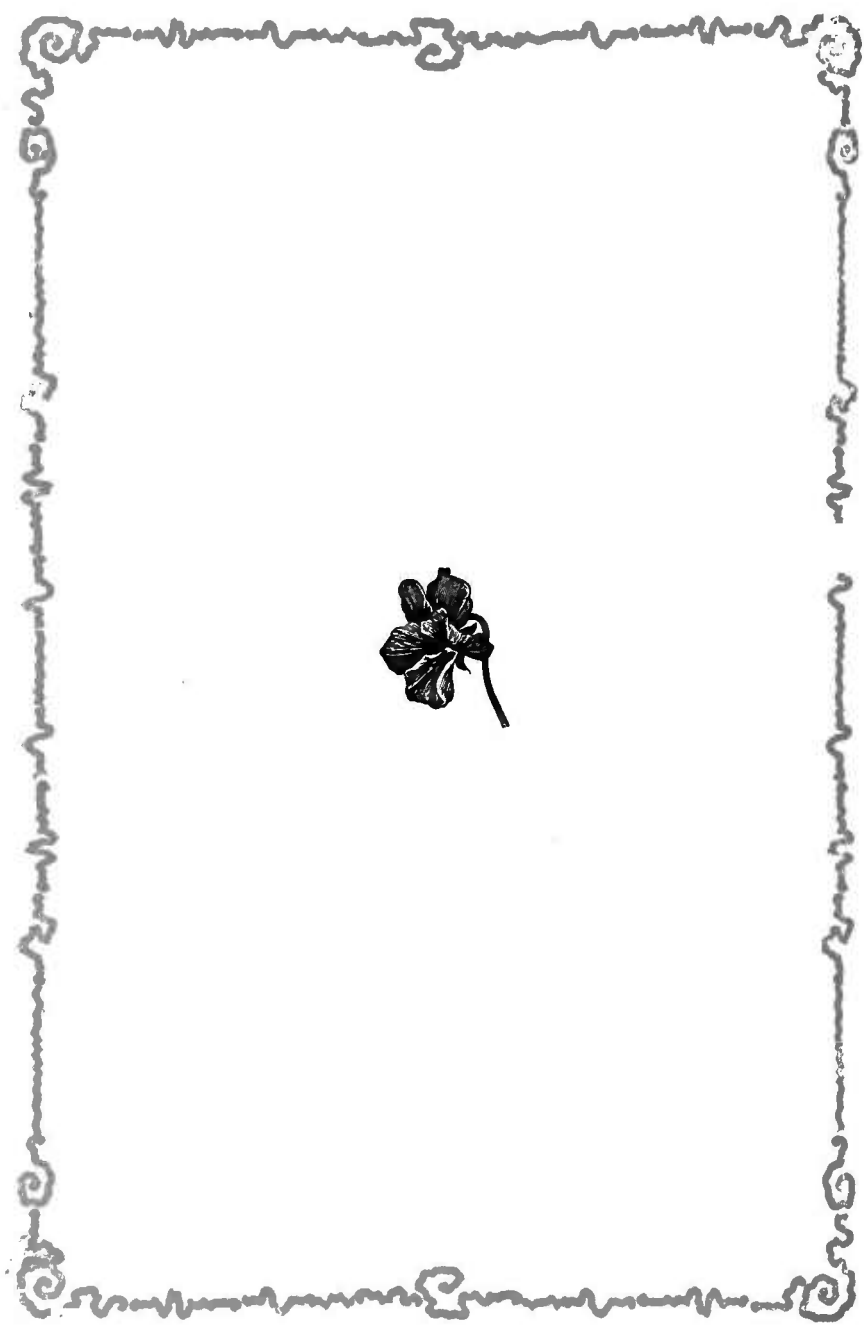
Emtanto a lua na extensão celeste
A curva senda com vagar medio ;
E o brilho escasso que a espessura veste
A pouco e pouco desmaiou cahio.

A essa hora na longinqua *taba*,
Com ancia e choro procurou-se alguem...
Era ella — a virgem ! mas que della saiba
Ninguem existe, não a vio ninguem !

* * *

No outro dia quando a aurora veiu
Doirando as grimpas das montanhas lá,
Pallida a fronte, enregelado o seio
Foram achal-a, mas sem vida já !





A uma noiva

Foram-se os dias em que a chamma fervida
As nossas almas numa só prendeu :
Rolou o tempo dos sonhos rapido,
O tempo o elo desse amor rompeu !
Vi alva a estrella da esperanza fulgida
Vagar incerta, desmaiar, pender !
Hoje extinguiu-se ; nem seus raios lividos
A exhausta fronte me farão erguer.

Tu a mataste seductora e barbara !
— E o ceu dest'alma sem a luz ficou —
Teu veu de noiva foi o manto pallido
Que á face della a tua mão lançou.
Vê como bate neste peito gelido
Negra pancada o coração — de dor !
Nem mais responde em geniaes caricias
O teu que ao triste já não vota amor.

Sonhei-te pura, quando á face candida
Subia o pejo do infantil receio ;
Sonhei-te bella — de belleza angelica ;
Sonhei-te inoxio e de pureza o seio.
Mas hoje sombra de pungente duvida
Me escalda a mente de funesto horror ;
E o sol de gozos que eu sonhára limpido
Toldou-se em nuvens de funerea côr.

Olha que esta alma de empedrada e rigida,
Já não se eleva a um pensamento, ao ceu ;
Nem mais da gloria no palpito indomito,
Murmura os hymnos que ao porvir teceu !
Tudo acabou-se ! no tormento lugubre
Só tenho prantos ! a chorar bem vês
Que a dor aguda dia a dia augmenta-se
E vai, em luto me assombrando a tez !

Mas não importa ! no gelado marmore :
Que guardo os restos da febril paixão,
Não te ajoelhes. Não derrames lagrimas
Que ás cinzas negras o calof não dão.
Si inda em teus labios perpassassem vividas
Puniceas rosas da innocencia a abrir,
No frio embate do sepulcro esqualido
Vinhã finar-se, adormecer, cahir !

* * *

Ai ! não te lembras da formosa estancia
Que a nossa infancia de illusões povoou ?
Da vez primeira que arquejando em susto,
Teu labio a custo sobre o meu roçou ?
Daquelles transes de encantados pejos ?
Daquelles beijos de encantado amor ?
Timida e rubra como então sorrias,
Como tremias do meu louco ardor !

Depois, das mattas alvejára a lua
Na espadua nua que eu prendia em mim ;
E tu de afflicta me fitaste altiva,
Lagrima esquiva derramando emfim !...
Que noite aquella de ternura e medo !
Tremulo e quedo nem falar podia ;
Quando eu chegava, contra o meu, teu seio,
Meu Deus ! que enleio nos teus olhos lia !...

Oh ! foi um sonho de infantil loucura
Toda a ventura que previra então :
Sombra perdida que ficou distante,
Fórma radiante de infernal visão !
E o tempo e a vida desfazendo a imagem
Dessa miragem que prendeu-me a ti,
Deixaram êrmo no horizonte escasso,
O immenso espaço que entre raios vi !...

* * *

Oh ! vae-te ! vae-te ! quando em frio tumulo
Um dia a sorte me fizer jazer,
Essa grinalda, da tua fronte tepida,
A' cruz do morto vai então prender ;
E diga a louza : — Foi poeta : credulo
Unio-se a ella na febril paixão :
Ella era a noiva — o infeliz foi victima,
Victima triste da mais vil traição ! —

1860.



Ai! não quero o teu perdão!
Dóe mais assim o teu riso
Pallido, fraco, indeciso,
Entre a dôr e a compaixão!
Dóe mais a quem não deseja
Da tua glacial bondade
Esse rasgo de piedade,
Que o sentimento lampeja
E tem no fundo a razão!

Sei que és anjo! a vaga flamma
Desses teus olhos derrama
O suave encantamento
Dos esplendores do ceu:
Rasgando o cadente veu,
No derradeiro momento,

A alma pura da infancia
Não dá mais doce clarão
Ao rosto, que ainda em botão,
Da vida perde a fragrancia!
Sei que pódés impaciente,
Desferindo o vôo aos ares,
Librar-te ás nuvens, condor!
E não ver mais dos palmares
O ninho fragil pendente,
No convulsivo tremor;
E não avistar ao longe
O bando das borboletas
Afflictas, doidas, inquietas,
Afangando a tua imagem
No claro espelho do rio;
E não sentir a bafagem
Entre as sombras da ramagem
Nas horas frouxas do estio;
E sonhar, pedir venturas
No infinito das alturas,
Entre os eleitos de Deus,
Entre os proprios raios seus!

Mas oh! não tentes um dia,
Ave perdida, ao teu ninho
Voltar! que o ramo sorprezo,
Do renovado carinho,
Ao vir de novo o teu pezo,

O ramo se ha de quebrar,
E ha de, infeliz, seccar!...

* * *

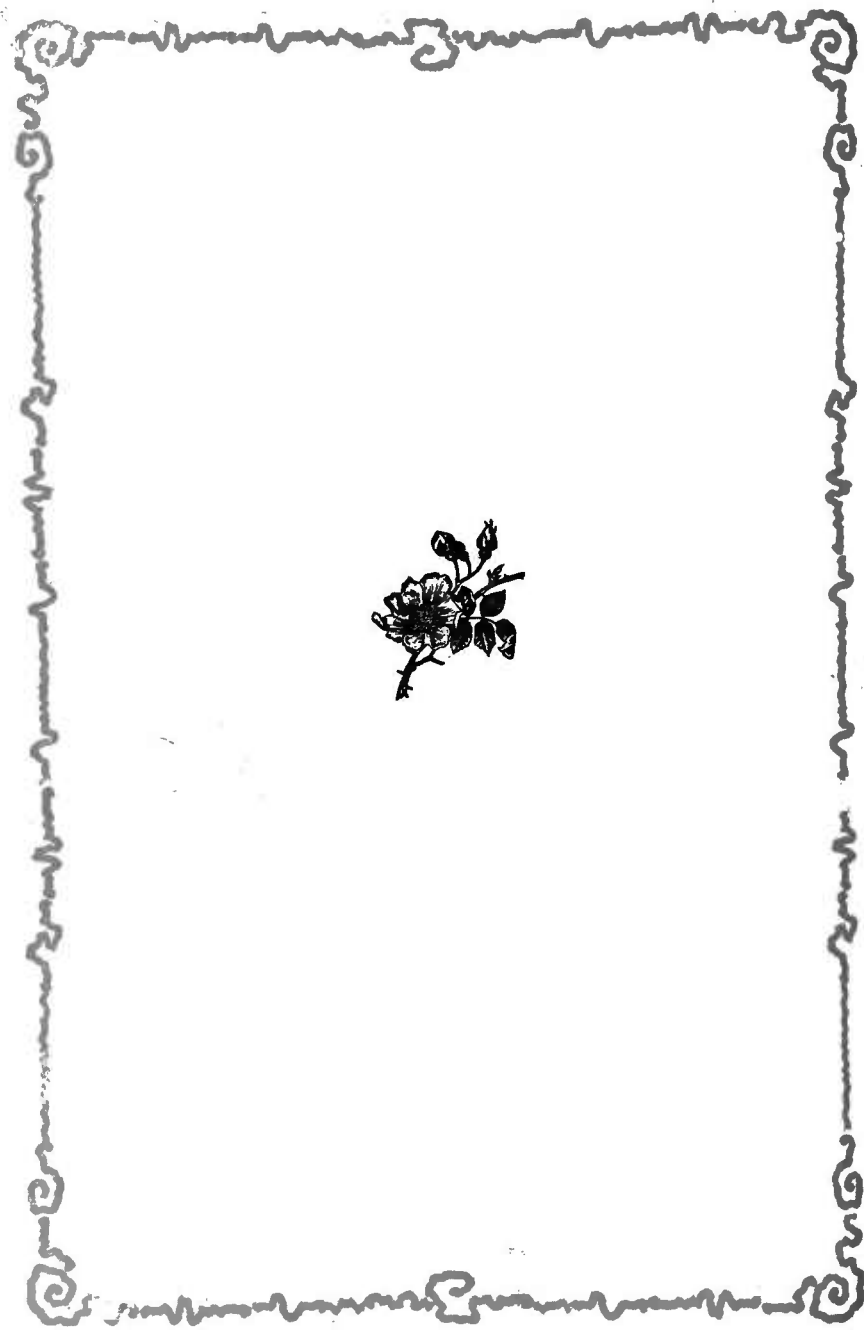
Eu vivi desse olhar féro,
Do teu olhar impassivel :
Segui teus passos na terra,
Como de um sonho impossivel
Buscando o adejo extinguir.
E vi teu vulto encantado
Immoavel, quêdo, parado
Nos umbraes de meu porvir !
Como no tôpo da serra,
A cruz na campa do morto,
Que fecha um antro de dores
E abre as portas de um horto
Onde se estão a ver flores,
Varias na fórma e nas côres,
Iguaes no aroma e fulgor,
Flores de um mundo melhor !
Vivi na doida esperança
De te ir um dia alcançar !
Como eu era então creança,
Que eu nem sabia pensar!...
Quiz subir o morro agreste
E, cingindo a verde espalda,
Onde a magnolia se veste
Das côres meigas da opala,
Ir apanhar-te a grinalda

Nessa avalanche de galhos,
Que em vez de neve resvala
Pela esteira da espessura,
A' superficie do val!
Foi esse ardor, ó loucura!
Foi esse todo o meu mal!
Ai, vivi! e hoje não devo
Occultar-te o mago enlevo
Que me foi esse viver.
Lembro-me até com saudade,
Com um certo acre prazer,
Daquelle immenso delirio
Em que eu senti-me perder!
Ha saudades do martyrio:
Ha sim! quando elle se expande
Na paixão, no amor, tão grande,
E as forças todas comprime,
Nessa vertigem subliçe,
Nesse acabar sem morrer,
Ao desejo, á ancia, á prece
Que se eleva pela messe
Que na vida ha de se erguer!

Depois! daquelle rigor
Como é que veiu o torpor,
A indifferença, o regelo,
Esse abandono ou desdem
Que o teu semblante hoje tem?

Ai! teu sorriso tão bello,
Que eu vejo em sombras fataes,
Que ainda agora vejo eu louco,
Para dar vida --- era pouco!
Para matar-me - é de mais!
O arbusto verde que ostenta
Força de viço e vigor,
Cresceu do ar que lhe augmenta
No dia o ardente calor:
Quando cae, quando se dobra
A's rajadas do suão,
Somente o alento recobra
Ao roçar fossos immundos,
Correndo os sulcos profundos
Que a chuva deixa no chão!
Mas si a luz rompe no céu,
Mas si vem sol, ai! morreu!
Não tenhas, pois, compaixão:
Si entre lagrimas desata
Em teu sorriso a paixão,
E' o teu abraço homicida!
Dóe o beijo na ferida!
Ao pé da affronta que mata,
E' nova injuria o perdão!





A partida

Vi de longe o teu rosto afogueado
Volver-se ainda á casa em que eu ficava :
Pude enxergar teu vulto ! e, apóz, doirado
O ultimo raio com que o sol te olhava !

A luz dava á expressão do teu semblante
A vaga pallidez, o traço aereo
D'uma visão que passa agonisante,
Em noite fria, á sombra do mysterio !

Eu fiquei só! Nas voltas do caminho
O teu perfil descia vagaroso,
Como um astro que cae do ethereo ninho,
Terra á terra, no disco luminoso,

E vai sumir-se pelo espaço extenso,
Correndo o sulco do seu gyro escripto
Nas ondas desse mar sem fundo, immenso,
Que abrange e estende as praias do infinito!

Eu fiquei só! No cômodo do açude,
Que corta e prende as aguas da corrente,
Por onde sóbe o trilho ingreme e rude
Ao campo, ao bosque, ao cannaval gemente,

Alli restava mudo e solitario
O encosto agreste e o toldo que o cobria,
Onde, como em um nitido sacrario,
Meu peito em febre ao teu sorrir se abria!

Tu choravas então do intimo gosto
Que verte n'alma esse ideal, essa ancia,
Daquellas tardes languidas de agosto!
Daquelles trinos de aves na distancia!

Como eu cantava então! teu labio haurindo
A chamma, o viço dos laureis risonhos!
Que azul profundo no horisonte infindo!
Que enlevo de paixão naquelles sonhos!

Iam doidos os echos pela escarpa!
Frouxa cadencia aos ares inundava!
Era um murmurio o amor! teu seio era a harpa!
Tu me olhavas tremendo e eu te beijava!...

Oh! mocidade! fala, canto, rogo,
Prece longinqua, timida, illusoria
De um céu que entramos por umbraes de fogo,
E onde se morre de esperança e gloria!

Amei-te muito! muito! em doces beijos
Eu daria o meu ser a ti, sem pezo:
Ou p'ra morrer de vida em teus desejos...
Ou p'ra viver da morte ao teu desprezo!...

Talvez não sejas mais do que uma sombra
Que deixa apoz de si tenue fumaça:
Perfume esparso pela molle alfombra,
Quando o vento da tarde á flôr se abraça

Talvez não sejas mais que um som perdido
De ignota harmonia—oculto gozo,
Que passou a tremer por meu ouvido
E que o meu coração procura ansioso !...

Vi de longe o teu rosto ! muda e fria
A solidão em nevoas te cercava !
Tudo findou-se : o amor !... a voz !... o dia !...
O ultimo raio que o teu ser doirava !...



Fascinação

Quando passaste junto a mim radiante,
Naquelle instante de attracção fatal,
E que em teu seio a virginal fragrancia
Arfava na ancia da volupia ideal ;

Como um murmurio que a amplidão consome
Disse o teu nome entre a esperança e a dor :
Senti que ouvio-me o coração somente,
Pois doidamente estremeceu de amor !

Mas no teu rosto que inundava o pejo,
Igneo lampejo de subtil clarão,
Num traço aereo que dos olhos desce,
Tremia a prece da innocencia então.

Pensei que vinhas soluçante e a medo
Como em segredo confiar-te em mim ;
Dizendo a custo : «Da paixão, desta hora,
Salva-me agora, e serei tua emfim ! »

Passaste ! e eu louco a procurar-te a imagem,
A' sombra, á aragem fui pedir-te alli !
Passaste ! e eu mudo, na explanada inculta,
Lagrima occulta derramei por ti !

Foi como o aroma que a florinha exhala,
Foi como a fala que no ar se esvae,
Aquelle sonho que roçou minha alma,
Aquella palma que esfolhou-se e cae !



Murmurio

A matta
Fremente,
Cadente,
Desata
Vão rogo
De um hymno,
Sem tino,
Si o fogo
Sentio!
Mas breve
Surgindo,
De leve,
Florindo

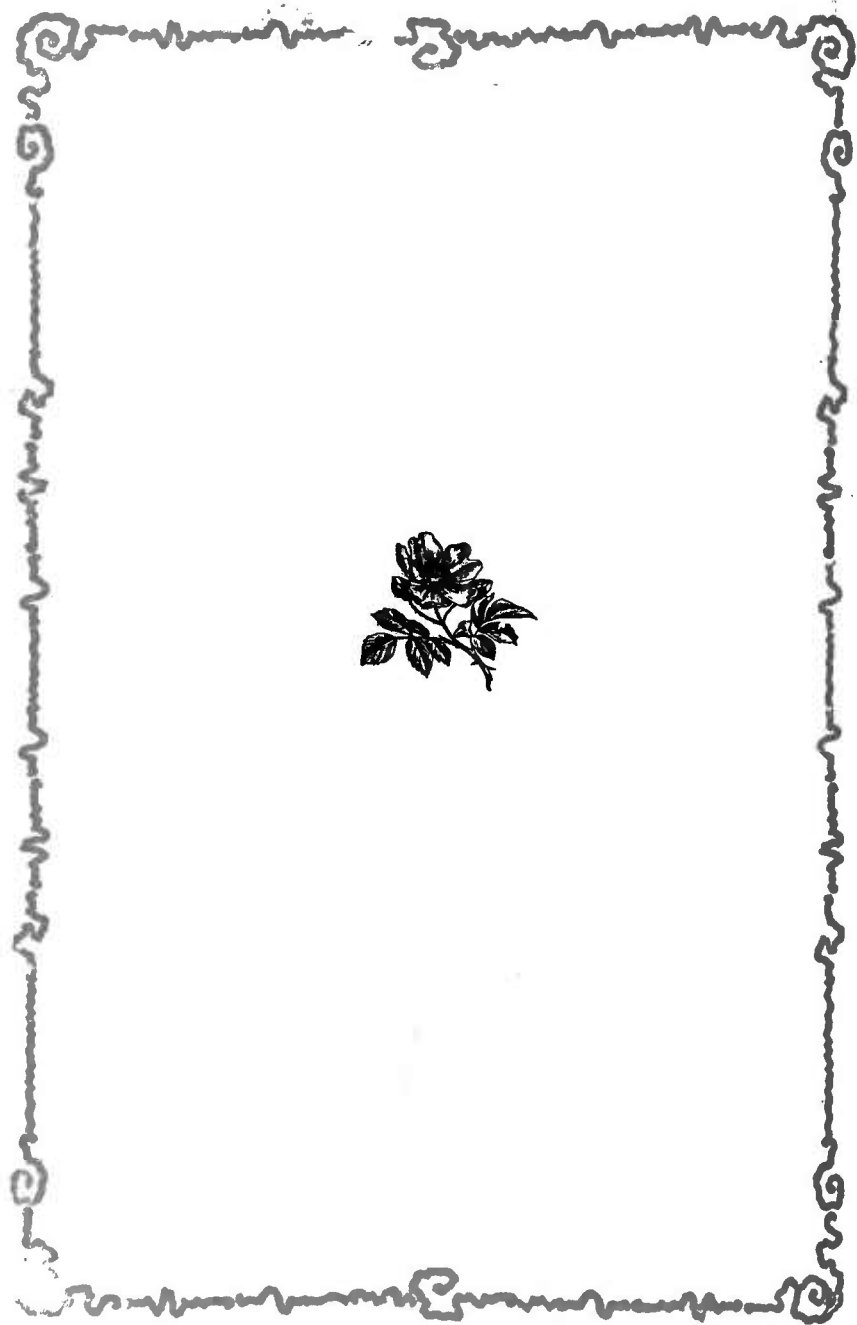
Baunilhas
Vem moitas,
Afoitas
Como ilhas
De um rio !

O' seio,
Tal gemes
E tremes
De enleio,
Fugace
Lampejo,
Si o pejo
Na face
Vai pôr :
E o gosto
Si occulta
No rosto,
Se avulta
A chamma
Perdida
Que a vida
Derrama
No amor !

Ai pobre !
Teu sonho
Tristonho
Deseobre

Miragem
De ignota
Paragem,
Que enflora
Nas côres
D'uma hora
Fulgores
Dos ceus !...
Sabias ?
Tens medo ?
Segredo !
Não rias,
Por Deus !...





O Beijo

(EXCERPTO DE CAMPOAMOR)

Desde a insciente attracção,
Beijo do iman glacial,
Subindo até a oração,
Ultimo beijo natal,
O beijo é a forte expansão
Dessa chispa celestial
Que inflammou a criação ;
E que em seu gyro immortal

Vai de crysol em crysol
A intensa chamma a verter,
Na atmosphaera do ser,
Que de um beijo fez o sol.

Desde o berço ao ataude
O beijo, em cada uma vez,
Amor — diz á juventude,
Esperança — á meninez,
Ao homem feito — *virtude*,
Saudade — ao velho talvez !...

Pois tu não vês, Assumpção,
Que o beijo é a doce expressão
De um idioma universal,
Que vem num traço fatal,
De uma á outra geração,
E assim, de idade em idade,
Nos olhos dado é — *illusão*,
Dado na face é — *bondade*,
Sobre a fronte — *magestade*,
Ai! entre os labios — *paixão* ?!



Sorriso de amor

Porque sorris quando os olhos
Sobre os meus olhos vens pôr ?
Sorriso que assim desdenha
Não é sorriso de amor !

O teu olhar sempre esquivo
Refulge, mas sem calor ;
 Bem mostra que nos teus labios
 Não ha sorriso de amor.

Si tu não sentes no peito
Da paixão fozoso ardor,
 Porque me prendes, fingida ?
 Porque me finges amor ?

Da vida perdeste os sonhos,
Perdeste da vida a flor :
 Coração que tudo perde,
 Como ha de guardar amor ?

Oh ! não me fites esquiva
Com esse olhar sem calor !
 Si o teu sorriso desdenha,
 Não é sorriso de amor !

Setembro de 1861.



Remorsos

I

Foi malfadada aquella hora,
Malfadado aquelle instante,
Em que o raio scintillante
Dos teus olhos eu senti!
Oh! noite maldita aquella
Em que a esp'rança enganadora
Gerou-se de novo em mi!
Em que assim meu ser prendeste
E o meu coração sujeito
Ao teu poder tu fizeste!
Em que ao morbido palpito
Deste meu turbido peito

Extranho calor trouxeste !
Maldita a hora em que vi-te !
Em que eu perdi-me p'ra amar-te
E amei-te p'ra me perder !
Em que eu da terra esquecido,
Quiz insensato, atrevido,
Ao firmamento me erguer !

II

Era uma tarde, ao sol-posto,
A noite vinha já perto ;
Vacillante a frouxa luz
Dava timida em teu rosto.
O sitio estava deserto ;
Corriam nuvens a flux ;
Brando o pallido fulgor
Da lua, que despontava,
Das aguas batia á flor.
E aquella doce harmonia
Que envolve os restos do dia
No crepusculo expirava.
Passavas ! Parei !... Tremi !...
Foi então, foi nesse instante
Bella, divina, radiante
Que a vez primeira te vi !
Nossos olhos encontramos
Não sei porque, mas coramos !...

Tu caminhavas ao templo ;
Eu, seguindo o teu exemplo,
Tambem quiz lá penetrar.
Vi que, ao fulgido clarão
Dos cirios do santuario,
Mais e mais o teu olhar
Do albor celeste brilhava !...
Vi que toda se engolphava
A tua vista no altar !
E um jubilo infinito
Me dizia ao coração
Que este affecto era bemdito
No ardor da tua oração !

III

Mas depois o encantamento
Todo, todo se desfez....
Eu ergui-me sobranceiro,
E tu cahiste a meus pés !
Da paixão rompeu-se o laço !
O sonho foi passageiro !
Tornou-se o gozo - - cansaço,
O prazer — um fingimento
Que eu não sabia occultar.
Padeceste muito então !
Pois bem me lias no olhar
Todo o horrivel da traição !
Que de tristezas sulcaram
As tuas faces queimadas !

Quantas, quantas se filtraram
Nos teus seios abrazadas !
Oh ! quanto, quanto choraste !
Quanta lagrima sentida,
Dessas lagrimas de fogo,
Que tanto mais tiram vida,
Quanto mais alma nos dão,
Verteste por mim em vão !
E como o orvalho gelado,
Que em fria noite invernosa
Cae sobre um cerro enfezado,
Esteril, secco, maninho,
Em que só borbulha espinho,
Assim teu pranto em meu seio
Nem debil haste gerou !...

IV

Um dia tu me disseste :
« Porque teu rosto celeste
« Tão severo se tornou,
« Quando estás ao pé de mim ?...
« Si é preciso um sacrificio
« Com que te prove este amor,
« Vê si inventas um supplicio
« Que me faça eterna a dor ;
« Mas não me trates assim !... »
Eu de ti me desprendendo,
Eu, sem ouvir-te, parti-me !...

— Foi o epilogo tremendo
Do mais deshonrado crime!

V

Desde então, ai! que martyrios
Não me têm varado esta alma!
Como em ti a gloria, o crime
Vejo em mim sempre crescendo!
Quanto mais o mal me opprime,
Tanto mais santa vaes sendo!
Tu buscas do justo a palma,
Eu do precito os delirios!
Nós somos dois navegantes
Perdidos no mesmo mar,
Entre as ondas reluctantes,
Praia á praia a bracejar.
A ti coube-te o destino
De ver no claro horizonte
Entre as verduras do monte
O porto da salvação;
A mim, que vago sem tino,
Sem de uma estrella o clarão,
Medonha surge-me aos olhos,
No dorso dos mil escolhos,
A morte em cada escarceu!
Tu, anjo resignado,
Tens o teu logar marcado
Na tua patria, no ceu!
Eu pelas sombras curvado,

Sinto ja o fogo eterno
Das labaredas do inferno !

VI

Inda assim, si um teu sorriso
Me trouxesse o teu perdão,
Talvez ainda pudesse
Outra vez o amor sentir ;
Talvez ainda se erguesse
Das cinzas o coração !
Talvez ainda sentisse,
Regenerado por ti,
Os sonhos do paraiso
Que já de ha muito perdi !
Entre nuvem carregada
Deixa a lua um raio brando,
Nas horas da trovoada,
Vir o oceano banhar :
Assim podia o teu riso
No mar da minha existencia
Vir-me a procella doirar....
Mas oh ! não tenhas clemencia !
Que eu podéra ainda perder-te !
Desprezar-te ! escarnecer-te !
Sangra ainda em mim a chaga
Da perdição, que me alaga
Deste corpo as veias todas !
Da descrença a lava ardente
Tanto em mim funda lavrou,

Que até a propria semente
Dos bons instinctos queimou !

VII

Agora esquece-me ! Adeus !
Não ha bonança nos céus
A quem nasceu desgraçado !
Devo seguir o meu fado :
Sou como o arbusto quebrado
Aos choques do turbilhão,
Elevo a fronte tremente,
Mas logo vem a torrente
E beijo de novo o chão.

VIII

Adeus ! esquece-me ! adeus !
Não mais a minha lembrança
Occupe um sonho dos teus !
O destino se não cança
De fazer-me padecer :
Eu bem devia saber
Que não pôde haurir venturas
Quem sorveu só amarguras
Já desde o berço ao nascer.
Nasci de trevas fataes !
Nasci em maguas e ais,
Nasci p'ra nunca viver !

Oh! maldita foi a hora,
Essa hora em nos vimos!
Em que a chamma abrazadora
Da paixão em nós sentimos!
Maldito o instante fatal
Em que eu te amei por meu mal!

Santos — Novembro de 1861.



A meu irmão J. Quirino do Nascimento

NA PRIMEIRA FOLHA DO SEU ALBUM

Recordando a vida
Que a voar passou,
Vendo-a — dor ou riso —
Tua alma não chorou ?

Nessa idade linda,
Quando se é criança,
No gozar de uma hora
Temos a esperança.

Mas desdobra o tempo
Sua ignea aza :
No roçar ardente
Nosso peito abraza.

Vão-se da innocencia
Os laureis risonhos :
Vão-se os bellos raios !
Vão-se os meigos sonhos !

Vão-se, pois, os ledos
Gozos estridentes : —
E nos vem a idade
Das paixões ardentes.

Ancia — prece — anhelos.
Eis o que ella encerra ;
Chammas, gloria — o céu !
Sombras, dor — a terra !

Quando o tempo quebra
O id'lo que adoramos,
E dos desenganos
Lento o fel libamos ;

Que nos resta ainda ?
— A ancia que não dorme !
Echo indefinido
Pelo vacuo enorme !

Quando aos frios annos
Descahir-te a testa ;
Quando ao homem velho
O lembrar só resta ;

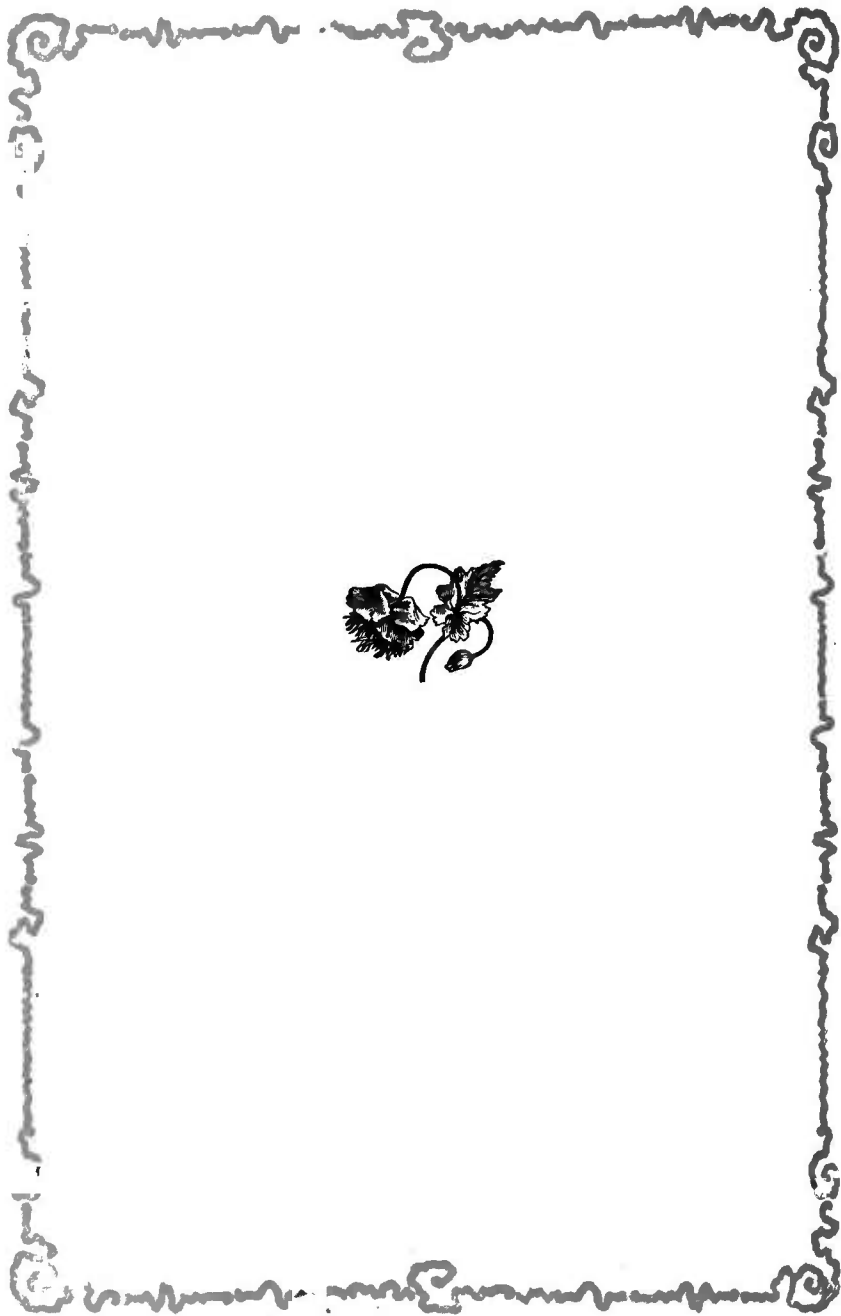
Quando o que é esperança
Fôr então saudade,
Seja-te este livro
Symb'lo de amisade.

Abre-lhe estas folhas,
Lê-as canto a canto :
Cada nome a um voto,
Cada phrase a um pranto !

Abre-as ! da ventura
Restos caros são !
Vem, do irmão, do amigo.
Vem lembrar-te então.

S. Paulo — 1861.





Saudades

NO ALBUM DE J. E. DE CARVALHO MONTE-NEGRO, AO
PARTIR PARA A EUROPA.

Nos seios d'alma os desejos
Percorrendo a immensidade,
Passam de idade em idade,
Nos aureos discos, a flux ;
E o homem gasta a existencia,
Desfiando a rubra teia
Que une o sonho ao corpo e á idéia !
Que une a magua á treva e á luz !

Vieste a nós, e esta terra,
Que é o paraizo do mundo,
Abrio-te o seio fecundo,
De mil raios ao fulgor :
Nos arroubos da ventura
O que achaste ao pé do gozo ?
Imagens do lar formoso,
Da tua patria de amor !

E vóltas ! mas no afôgo
Das affeições renascidas,
Ferventes, longas, unidas,
Junto aos teus ledos a sorrir,
Eu sei que, um dia, fitando
A extensão dos vastos mares,
Deste sol, destes logares
Lembranças te hão de pungir !

Ai ! assim és, vão destino,
Ancia ! miragem ! cansaço !
Raiz, sem fronde no espaço !
Folha, sem haste no chão !
A vida é um raio que esvai-se
Entre a saudade e a esperança :
Tudo morre ! tudo cança !
Ai ! assim és, coração !...

Santos — Abril de 1866.

SINA

NO ALBUM DE J. ANTONIO DE BARROS JUNIOR

Era um sitio de esplendidos verdes,
E nelle havia um placido coqueiro :
Matizavam-lhe os pés vividas flores
Que em ancias namoradas, delirante
la collendo, ai doido, e fino amante !
No liso espelho o trepido ribeiro !
Dava-lhe o sol cadente á aerea coma,
Em orlas de fulgor — num beijo — o adeus !
E em calido ciume a aragem vinha
A cahir-lhe nos seios. Oh ! que aroma !

Que murmurios de amor que a aragem tinha!
Seria alli um ceu, si um anjo, ou Deus,
Si o proprio Deus — oh! sim! — deixasse um dia,
Por um momento, a patria da harmonia
E viesse espraiair no agreste encosto
Da verde moita — um raio do seu rosto!
Num dos ramos da tremula palmeira
Vinha de tarde, em voz meiga e fagueira,
Um sabiá saudoso e solitario,
Nesse instante de languida poesia,
Como ás portas de um nitido sacrario,
Expandir o seu canto de tristeza:
Ai, que notas do poema dolorido!
Ouviam-n'o só os echos da deveza!
Mas a cadencia, aos ais da natureza,
Como que hauria o espaço! e estremecia
Em nuvens d'ouro, ao ultimo sonido!..

* * *

E passaram-se assim longos annos;
Nunca o terno a palmeira deixou:
Na collina, no val e nos planos,
Sempre, sempre o seu canto echoou.

A sua voz encantada e sonora
Já, de ha muito, a floresta aprendeu:
Si elle chora a floresta é que chora,
Si elle geme a floresta gemeu.

Mas um dia a palmeira, que erguida
Alli sempre arrogante se vio,
Pende as flechas, do vento abatida,
E entre as selvas quebrada cahio.

Quando os raios o sol abrandando
Altaneira não mais a encontrou,
Foi cahindo, cahindo, e baixando
Por detraz das montanhas tombou.

Nem a lua que brilha e não arde
Deu-lhe a c'roa de aureo matiz ;
Nem o extremo reflexo da tarde
Foi beijar-lhe já morta a raiz.

Ai, que negro, que fado mesquinho
Ao canoro e gentil sabiá !
Quando busca apressado o seu ninho
Acha o ermo e a ruina só lá !

Passa : vai no horisonte distante,
Murmurar os gorgeios que tem ;
Vai perder-se num mar fluctuante,
No oceano das sombras, além !

E depois, nesse immenso deserto
Solta o echo um gemer de amargor :
E' do pobre que vaga inda incerto,
No silencio da noite e na dor !

E correram assim muitos annos,
Todo o sitio, já todo mudou ;
Na collina, no val e nos planos,
Nunca mais o coitado pousou !

* * *

Ai ! é assim nossa vida na terra !
Temos nós este mesmo condão :
Quando o encanto do amor se descerra,
Perde o sonho a doirada illusão !

Vão os nossos olhares perdidos
No passado a esperança buscar :
Voam lá entre os gozos já idos,
Não a pódem jamais encontrar !

1860.



Hymno da Loja Independencia

Salve! ó templo, onde a morte abatida
Foge ao sol que a verdade conduz!
Em teu seio abre amor — força e vida
E a esperança nos raios da luz!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes:
— Honra e fé, caridade e união!

Ai! nos homens só vinga o cansaço
Quando o erro á discordia se unio!
Onde a ideia nasceu, surge o braço!
A fé nasce, onde o affecto surgio!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes:
— Honra e fé, caridade e união!

E entre nós o trabalho, a igualdade,
Aureos laços tecendo ao prazer,
D'entre os povos, de idade em idade,
Aos umbraes do infinito vão ter!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes:
— Honra e fé, caridade e união!

Dai passagem, ó peitos mesquinhos,
A' tarefa que temos em mãos!
Ella é grande e não temos arminhos!
Pobre e rico entre nós são irmãos.

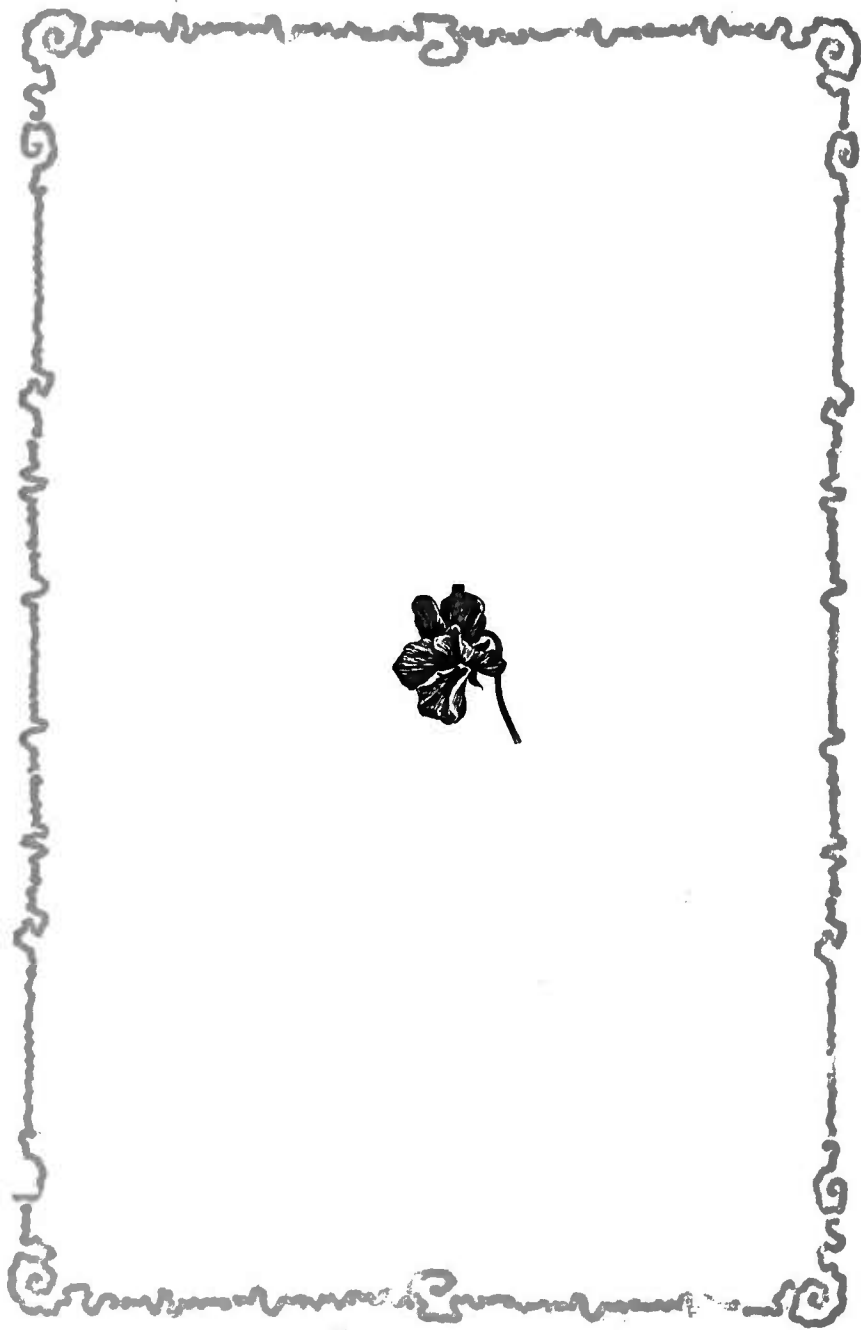
Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
— Honra e fé, caridade e união !

Nosso riso aos pequenos consola !
Nós sabemos chorar junto á dôr !
Mas o alento da prece ou da esmola,
Nós cercamos nos véus do pudor !

Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
— Honra e fé, caridade e união !

O céu lindo, nos discos ethereos,
Rasga espaços ao nosso poder !
Eia, ó filhos dos grandes mysterios !
Oh ! coragem que havemos vencer !

Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
— Honra e fé, caridade e união !



© *Sacy*

LENDA

— « Que tens tu, ó Mariquinhas,
Por que é essa pallidez ?
Tristeza que nunca tinhas,
Te inunda os olhos e a tez !

Ao terreiro, á horta e á cerca
Tu ias sempre a brincar ;
E eu sempre a dizer : — Que eu perca
A vida, si ella mudar ! —

Como eu ficava contente
Ao ver-te os modos gentis !
E exclamava toda a gente :
« Como esta velha é feliz ! »

Quando passavas na roça,
Todos vinham-te ao redor :
Dizia um logo — « Que moça ! »
Outra em seguida — « Que flor ! »

Si não era o mesmo encanto,
Ou cousa de tentação
Tanta inveja a dar quebranto
A' luz do meu coração !...

E eu tão crente na figa,
Na tua figa de marfim !...
Olha-me cá, rapariga,
Chega-te bem junto a mim :

Mariquinhas, minha neta,
A causa toda já sei,
De andares tão inquieta :
Por certo que adivinhei.

Ha no matto destas terras
Um maldito *Serêré* :
Salta campos, valles, serras,
E o bicho tem um só pé!

Toda aquella densa moita
Corre o medonho *Sacy* ;
Ninguem por ella se afoita :
E' *assombrado* tudo alli!

E' elle que vem horrendo
Espantar os animaes :
A noite toda correndo,
Ai! quanto susto nos faz!

Oh! foi elle quem tu viste,
Que a tua face beijou...
Depois disso é que assim triste
A minha neta ficou !...

Mariquinhas, minha neta,
Neta do meu coração,
Não quero te ver inquieta,
Inquieta mais assim, não !

Toma lá este rosario
Que um padre santo me deu :
Não ha sorte, nem fadario
Que resista ao que é do ceu.

Conserva-o sempre ao pescoço
Com sincera devoção,
Applicando um *Padre-nosso*,
Das almas pela intenção.

E quando o redomoinho
Levantar-se ao pé de ti,
Atira-o nelle mansinho
E prenderás o *Sacy* !

E depois, ó Mariquinhas,
Vae-se a tua pallidez ;
Tristeza que nunca tinhas,
Ha de acabar-se de vez. »

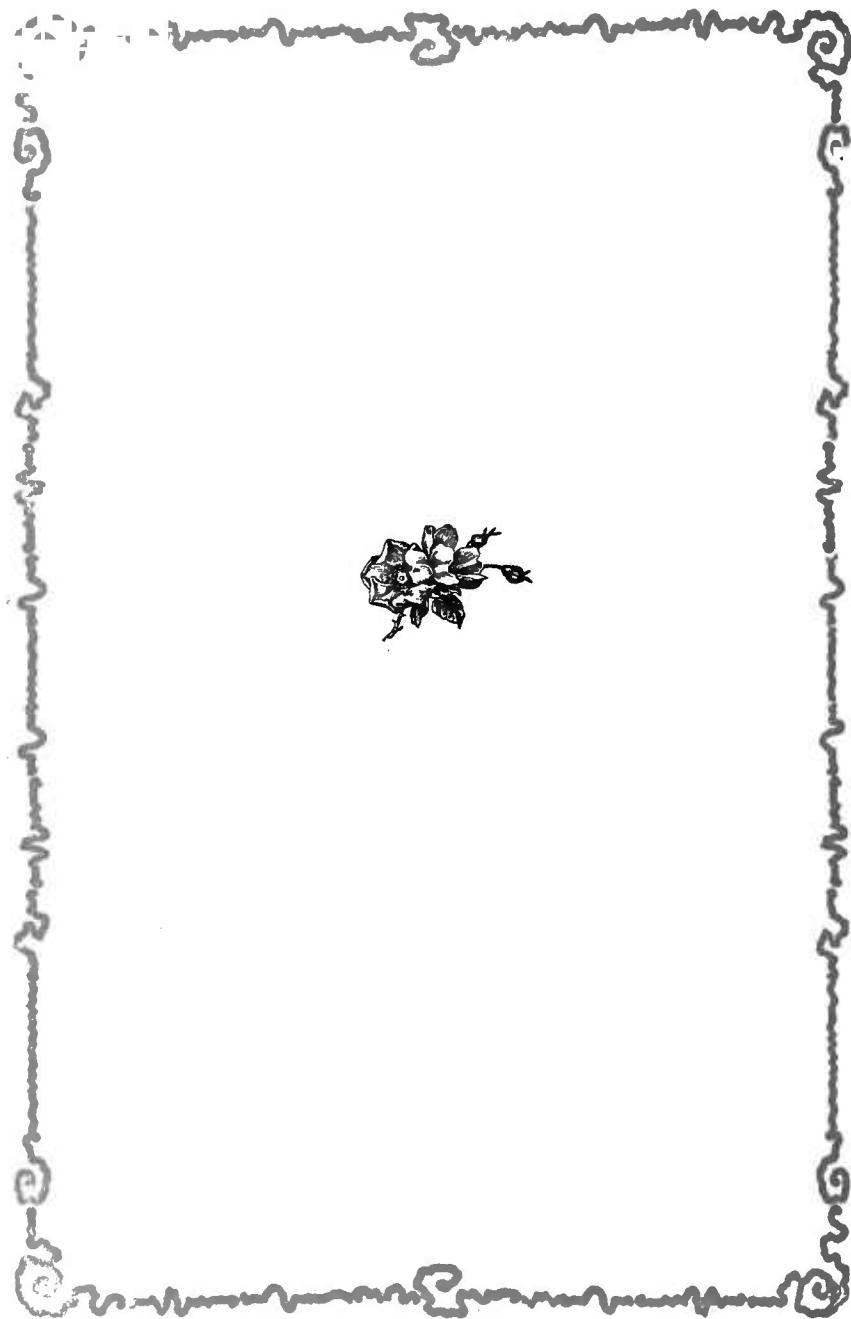
Assim falou a velhinha,
Em seu sizudo falar ;
Aconselhou a netinha
E logo poz-se a rezar.

Mariquinhas maguada
Não responde á velha, não !
Ai pobre ! de envergonhada
Cravou os olhos no chão !

Mas de noite, a janellinha
Do seu quarto se entre-abrio !...
E houve quem visse asinha
Que um vulto a ella subio...

Como ella deixa á tal hora
Um vulto junto de si !...
Vão dizer á velha agora
Que não seria o *Sacy* !...





À memoria do Libertador

JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

(A F. RANGEL PESTANA)

1

Ei-lo, o chão do sepulcro! sob a louza
No ultimo somno enfim cahiu, repousa
O vulto immenso, o heroe!
E na gelida fronte ao bravo, ao sabio,
Do anjo da gloria imprime um traço, o labio
Que o tempo não corroe.

E era grande esse heroe ! na mente altiva
De libertar a patria ainda captiva
 O ideal concebeu ;
Era grande esse heroe ! livre nascido
Ai ! não pudera escravo ter vivido,
 Quem tão livre morreu !

Oh ! não pudera, não ! quando a tormenta
Ruge treda, ribomba, cai, rebenta,
 Rasga as nuvens o sol !
Elle, pois, como o sol irrompe e invade
O espaço enorme — o ceu da liberdade,
 Esplendido pharol !

Da mortalha sangrenta do Gonzaga
Da Africa adusta na longinqua plaga,
 Como em gotas de luz,
As lagrimas que o amor sagra ao baptismo
Das multidões, erguiam-se do abysmo
 Em aureo berço — a cruz !

II

Quando aos risos da alvorada,
Em ondas de fogo, ao dia
A natureza encantada
Os seus mysterios confia ;
As auras, passando a medo,
Correm levar-lhe em segredo,

Como em perfumes dos ceus,
Os effluvios da esperança,
Nesse horisonte que alcança
Do olhar da terra até Deus !

Elle estremece ! não dorme
Aquella cabeça, ai, não !
Agita-lhe um sonho enorme
O pensamento e a razão !
Soldado, sabio e propheta,
Pelos cantos do poeta,
Corre-lhe em fio o amargor :
Quem sabe o que vai de raios,
Naquelles grandes desmaios !
Naquellas horas de horror !

E surge enfim, surge a aurora
Bella radiante do ceu ;
E o novo abutre descora
Deste novo Prometheu !
Ei-lo que rompe, que passa,
Que ás turbas quebra, deslaça
O torpe jugo servil !
Na ala dos povos, augusta,
Ergue a mão firme, robusta,
O estandarte do Brasil !

Já no cairel da voragem
Vacilla a sombra fatal,
Vacilla ao sopro da aragem,
Vacilla ao som festival
Dessa harmonia divina,
Que as proprias trevas domina
Firmando a escada ao porvir ;
A escada que abre ao infinito
Os mil degraus de granito
E que o povo ha de subir !

E em que do inferno á vertigem
Tremeram, pallidos reus,
Os tyrannos, que inda a origem
Vão sondar aos escarceus
Do medonho pégo undoso,
Onde a lei não tem repouso,
E não tem sacrario a luz !
Escada em que se desdobra
O veu que nunca sossobra
Do teu sudario — Jesus !

III

A noite vai alta, cortando o oceano
Um barco ligeiro se afasta da praia,
E um vulto elevado, de olhar soberano,
De muitos que dormem parece atalaia.

Quem era esse vulto ? Seus vagos scismares,
 Das ondas não corta-lhe o rijo estridor :
 E só e calado, na furia dos mares,
 Parece envolvido no immenso torpor.

Quem era esse vulto ? Na sombra alongado
 A margem que foge procura buscar !
 Aos pés encapella-se um mar agitado !
 Na frente agitada rebrama-lhe um mar !

E o lenho fugace rasgando o oceano,
 As praias saudosas ao longe deixou ;
 E o vulto sombrio de olhar soberano
 Curvando a cabeça cahio, suspirou !...

E' elle, o proscripto ! Na turbida frente
 Saudades da patria lhe estão a pungir !
 E embalde procura fitar no horisonte
 A limpida terra que vae-se a fugir.

E' grande o proscripto ! Si o sangue derrama,
 Si arrasta a existencia no pranto e na dor,
 Seu sangue suffoca despotica chamma,
 Seus prantos são vozes aos pés do Senhor.

E' muito mais nobre vagar desterrado
Levando-se a honra por só galardão,
Do que sob os grandes curvar-se humilhado,
Do que ser cobarde, rojar-se villão !

E o peito opprimido se quebra ao proscripto
Por duras saudades da terra dos seus,
E só e calado, fitando o infinito,
Tremendo repetem seus labios : « Adeus ! »

IV

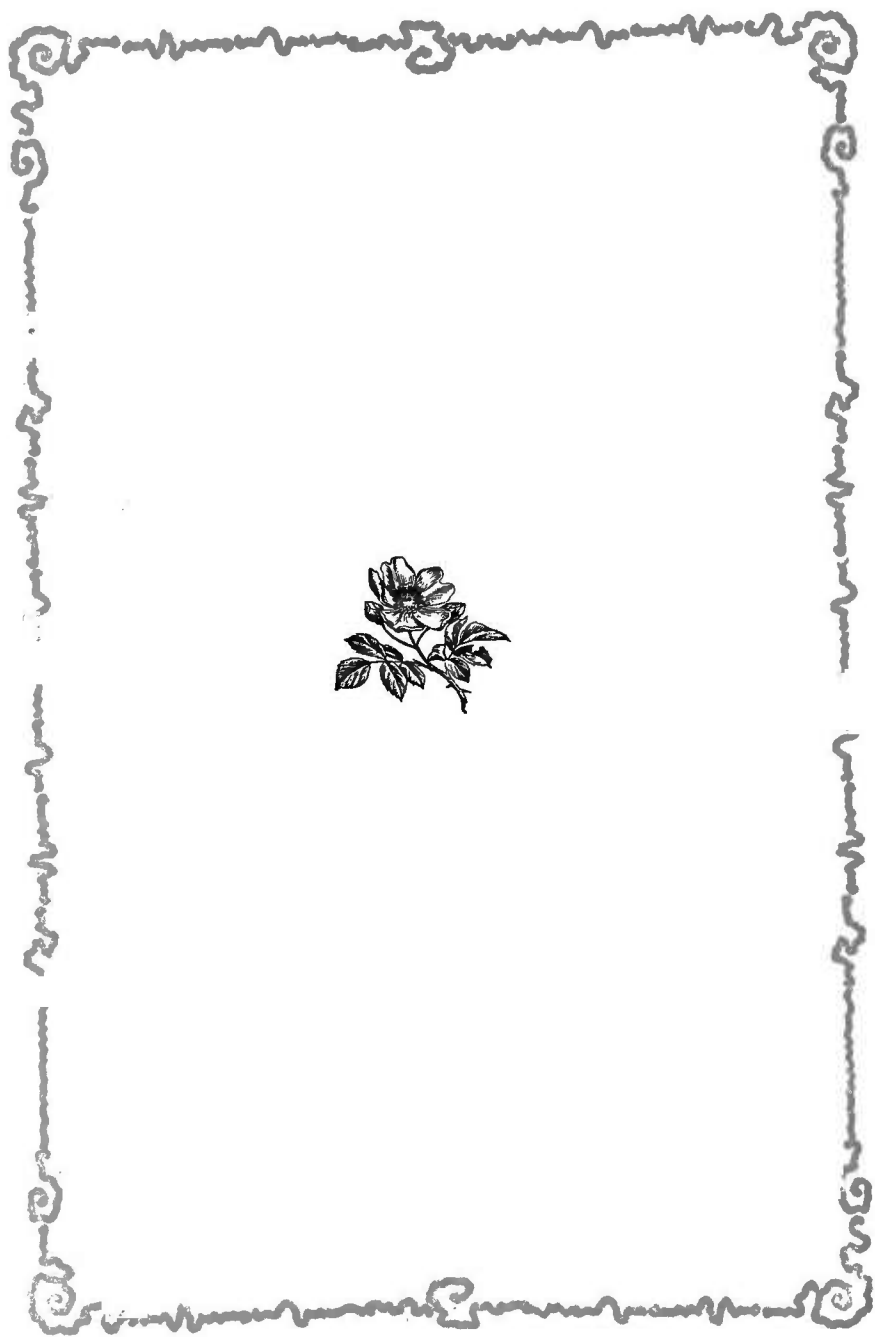
Depois do exilio volvendo
Inda morrer aqui veio ;
O luto negro trazendo
De tanta magua no seio.
« O' patria ! patria adorada !
« Nas minhas glorias sonhada,
« Eis o teu filho, aqui está :
« A mim que te dei a vida,
« O' minha patria querida,
« A sepultura me dá !...

Assim diria inclinando
Aquella fronte a pender ;
Com esta terra sonhando,
Veio saudal-a e morrer.
Levante-se agora a historia,
Severa vingue a memoria
Daquelles feitos leaes !
Que importa si abandonado
O Ypiranga isolado,
Mudo phantasma alli jaz ?!

Onde estás, ó liberdade,
Meiga e triste a descorar ?
Deixas teus filhos, deidade,
Sem tua luz a vagar !? ...
Oh ! quando talvez um dia
Transbordar esta agonia
Que nosso peito corróe,
Toda divina a donzella
Surgirá muito mais bella
Da campa daquelle heroe !

7 de Setembro de 1861.





A esperança

Deixa-me em teu regaço,
O' pallida creança,
Beijar-te a loira trança,
Morrer num teu abraço.

Sou o atomo que dança
E perde-se no espaço;
Que em sonho tenue e escasso,
Por entre os sóes te alcança

E bebe nos teus olhos
A lagrima que brilha
E te humidece o véu!

E segue, dentre abrolhos,
A luz que te abre a trilha
Nas curvas do azul céu.



A gloria

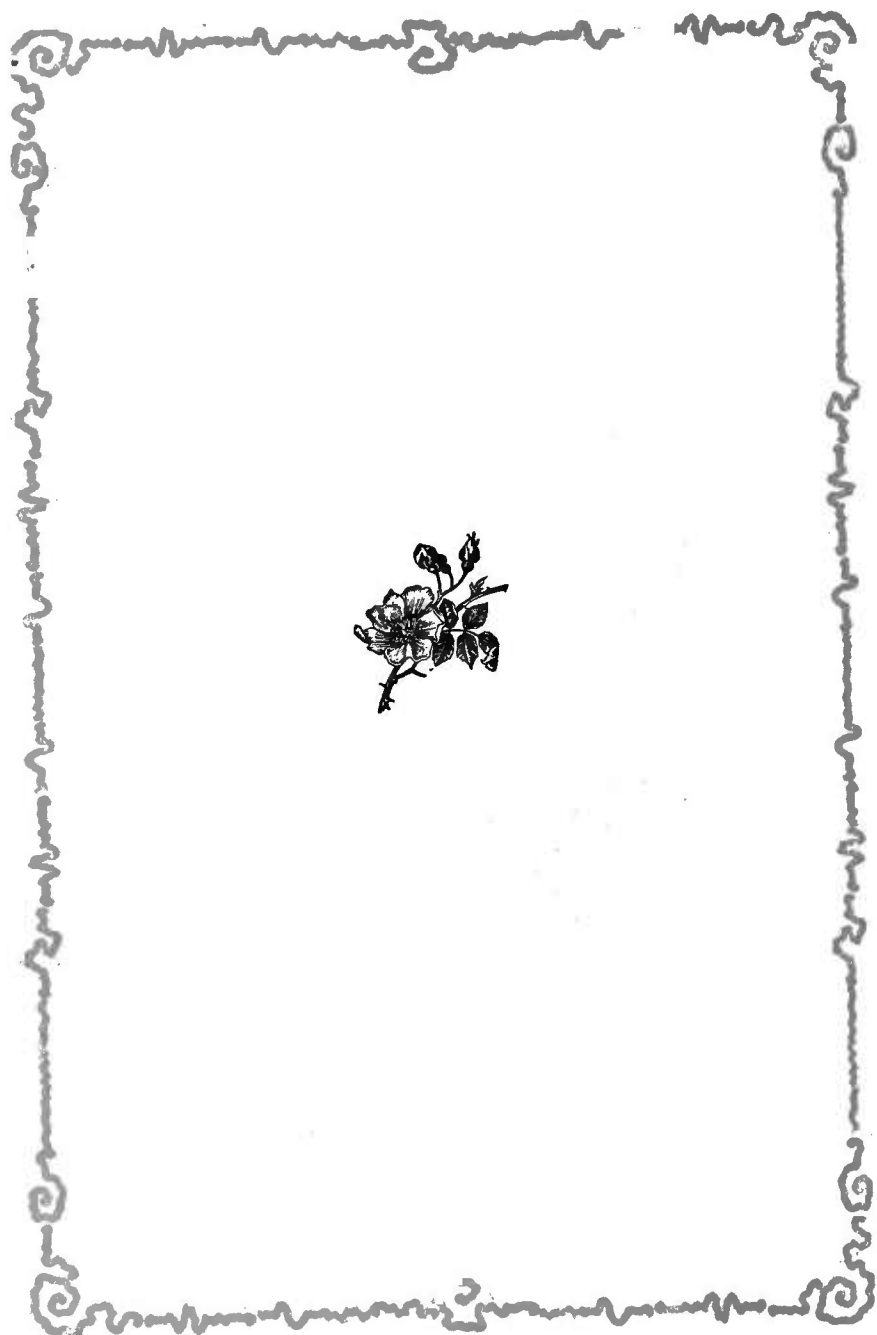
A CARLOS FERREIRA

O' desertos fataes ! O' vacuo enorme !
Onde a saudade é o raio que não vê-se !
Onde a esperança é a sêde que não dorme !

O' coração ! teu sonho é a luz que desce
Do ar profundo a um páramo disforme,
Doirando o espaço entre a blasphemia e a prece !

A gloria é o mar : nas franjas de neblina
Entre-mostra o horisonte e tolda e afuma :
Nenhuma viração, talvez nenhuma
Abre de todo ao céu a aurea cortina !

Todas as ondas vão — uma por uma —
Beijar na praia a areia crystalina :
E dão somente á rocha que as domina
Amplio diadema em perolas de espuma !



Hymno

Nas torrentes de vaga harmonia,
Quando a musica incita ao prazer,
A esperanza, que aos sonhos nos guia,
Aos celestes effluvios vae ter.

Os sóes mesmos, os mundos infindos,
D'aureas nuvens boiando entre os veus,
Tecem, cantam hosannas tão lindos,
A's grandezas, ás forças, a Deus!

E' no seio das artes que a vida,
Abre n'alma, da gloria ao calor,
Prece immensa de aromas unguida,
— Paz, venturas, sorrisos, amor !

Os sóes mesmos, os mundos infindos,
D'aureas nuvens boiando entre os veus,
Tecem, cantam hosannas tão lindos,
A's grandezas, ás forças, a Deus !

Dentro em nós falam notas de um hymno,
Sons, mysterios do poema eternal,
Que une e infunde o murmurio divino
A's cadencias do todo immortal.

Os sóes mesmos, os mundos infindos,
D'aureas nuvens boiando entre os veus,
Tecem, cantam hosannas tão lindos,
A's grandezas, ás forças, a Deus !



Quando o crepusc'lo desenrola o manto,
Saudoso e em pranto pelo claro ceu
Surge formosa e encantada estrella,
Fulgida e bella quando o sol morreu !

Finda o crepusc'lo na amplidão perdido,
O astro querido refulgindo vae,
Reflecte a onda a balouçar serena
A' luz amena que da estrella cae.

E como della são os raios santos
E que de encantos essa luz não tem ?
Si a nuvem poussa-lhe na face altiva,
Depois mais viva resurgindo vem.

Ha quem lhe adore delirante o brilho,
Siga-lhe o trilho na extensão dos ceus.
Si ella o estreita num beijar divino
Dá-lhe num hymno mil affectos seus.

Si o mundo os vê com temerosa affronta,
Sorrindo aponta com escarneo vil,
Mas elle sempre caminhando emtanto
Segue o encanto da visão gentil.

Salve, poeta ! Caminhar é fado
Grande, sagrado ; do Senhor é lei.
Não vês formosa, radiante e bella
A nivea estrella, de harmonia ó rei ?

Oh ! segue-a, segue-a, trovador divino ;
Dá-lhe num hymno mil affectos teus.
Oh ! segue a gloria, que esse fogo vivo
Conduz-te altivo junto aos pés de Deus !

Esperança e morte

(NO ALBUM DE MEU AMIGO A. J. GONÇALVES BASTOS)

Porque me chamas, ó visão fatidica,
Quando inda o mundo num sorrir me prende?
Porque me chamas á mansão funerea
Quando a minha alma de paixão esplende!

Porque me apontas, ó espectro lugubre,
Esse reçinto sepulcral e quedo!
Pois entre a ossada de cadav'res putridos
Devo eu acaso me envolver tão cedo?

Ah! sou tão joven! minha fronte calida
Em nenhum seio recostei ainda!
E nem gravaram os meus labios férvidos
Um doce beijo numa face linda.

Ai! quanto a terra para nós é candida
Quando a existencia p'ra o amor nos chama!
Quando a esperança, que a paixão desperta-nos,
Em nosso peito seu calor derrama!

E oh! deixal-a! meus prazeres rapidos
Trocar por notas de sentidos threnos!
Sentir a morte e na mudez do tumulto
Não ter um pranto de saudade ao menos!

Tanta esperança, tanto sonho limpido
Tudo se abate no final jazigo!
Como ao arbusto se entrelaça o aspide,
Assim te abraças, ó visão, commigo.

Porque me chamas á mansão funerea,
De tanta imagem de pavor, de medo!
Por entre a ossada de cadav'res putridos
Eu vou, espectro, repousar tão cedo!

Recordação

Eras creança, bem me lembro ainda!
Tua imagem linda não fugio-me, não;
Dos bellos sonhos dessa boa idade,
Tenho saudade do viver de então.

Eras creança! tão formosa e pura,
Quanta ternura nos teus olhos lia,
Quando bem junto do teu seio quente
No meu ardente o coração batia!

Foste crescendo cada vez mais bella
E a flor singela desse amor tambem !
Ahi debaixo deste sol ardente
Que amor vehemente nossa vida tem !

Ai ! não te lembras do lugar querido,
Socio tão fido de um prazer sem par,
Onde passámos os primeiros annos,
Cheios de enganãos, de illusão, a amar ?

Não te recordas dessas tardes lindas
De sonho infindas que passámos lá ?
Do ruido brando da fugaz corrente,
Da voz plangente do gentil sabiá !

Não te recordas desse verde outeiro
Onde o coqueiro a balançar tremia ?
Onde a *viuvinha* que chorosa viste,
Seu canto triste soluçar soía ?

Não te recordas desse monte perto
Todo coberto de fumaça, esguio ?
Do fogo ardendo a secular floresta,
Em calma sésta no ditoso estio ?

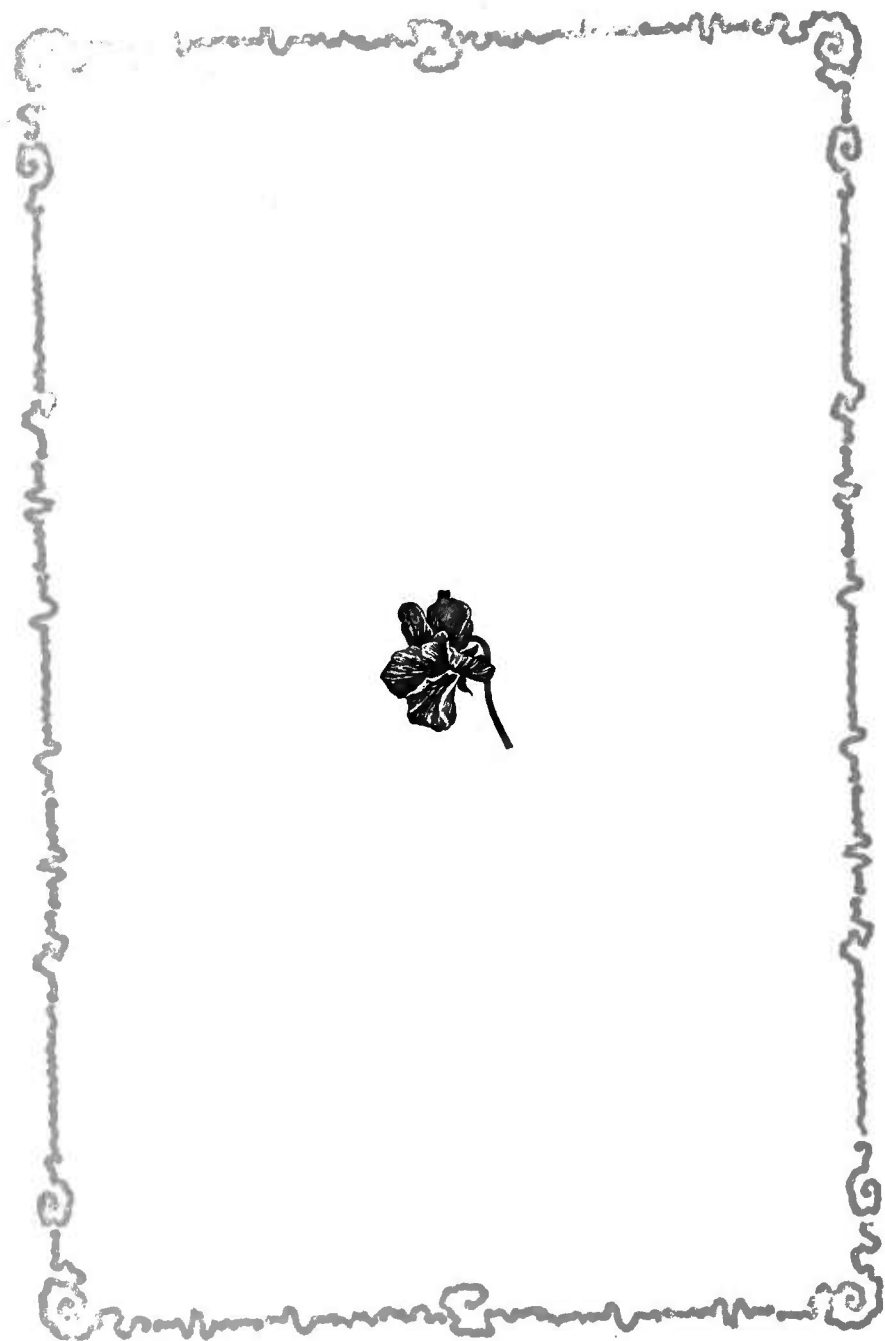
E não te lembras que a meu terno seio,
Com que receio, se apertava o teu,
Quando abraçados já nem tu me olhavas,
Toda coravas ao transporte meu ?.....

Ai! foi-se o tempo dos amores cheio!
E o mundo veio me matar a mi!
Antes, oh! antes minha negra sorte
Me dêsse a morte ao retirar dalli!

Foram-se os sonhos de doirada esp'rança,
Triste lembrança do sonhar ficou:
Perdida a crença do porvir risonho,
Perdido o sonho meu viver findou!

Tenho saudades dessa doce infancia,
Da cara estancia, desse puro ceu;
Hoje a minha alma commemora em prantos
Os gozos tantos que a gemer perdeu.

Eras creança, bem me lembro ainda
Tua imagem linda não fugio-me, não!
Dos sonhos vagos dessa terna idade,
Tenho saudade do viver de então!



A'

Olha as verdes florestas, querida,
Que se estendem além nas montanhas ;
Lá que gozos em si tem a vida,
Ai! e quantas venturas tamanhas!
Quantas hordas do povo selvagem
Viram ellas nascer e morrer!
Ai, que amores por entre a folhagem
E que beijos na rica plumagem
Esses valles haviam de ver!

Esse rio que foge queixoso,
De Lindoya o retrato formoso
Como ainda não ha de guardar!
Olha as ramas do verde coqueiro,
Onde as auras se vão embalar:
As lembranças do povo primeiro
Inda vivas, fieis inda tem.
A rolinha que além se debruça,
A figueira que branda soluça,
Que segredos não tem a figueira!
Que segredos a rola também!
Nesses ermos não foi inda extincta.
A memoria da raça guerreira,
De seu sangue essa terra inda é tinta!...
De fumaça esse monte coberto
Oh! que sombra tão fresca não tem?!
Não parece-te o rei do deserto?
Não parece? Querida, olha bem,
Nessa sombra tão fresca, fagueira,
Vamos juntos viver deste amor;
Deixa a vida que tem a cidade
Onde é tudo — traições — amargor —
Onde é tudo — veneno e maldade
E a tristeza só é verdadeira!
Não lhe tenhas — oh! nunca! saudade;
Vamos livres viver deste amor
Nas risonhas florestas, querida,
Que se estendem além nas montanhas;
Lá que gozos em si tem a vida,
Ai e quantas venturas tamanhas!

A saudade

Porque pendes, ó flor delicada,
Porque pendes tão terna a murchar?
Não tens força nessa haste vergada
Para os raios do sol affrontar?

Inda ha pouco, saudade querida,
Tão serena, tão pura e louçã,
Deu-te a noite nos prantos a vida,
Deu-te a vida no riso a manhã;

Inda ha pouco, brincando co'a brisa
Que o velludo teu lindo beijou,
Nesta relva que o campo matisa
Fresca e pura tua fronte roçou.

Porque morres, ó flor delicada,
Porque pendes, ó flor, a murchar?
Ai! nem pôdes com a haste inclinada
Mais os raios do sol affrontar!

Si não beija-te as plantas correndo
Deste arroio a corrente fugaz;
Si das selvas a brisa gemendo
Seus carinhos de amor te não traz:

Si a aurora não dá-te mais pranto
E no pranto o viver te não dá;
E si á tarde não geme-te um canto
O formoso gentil sabiá;

Porque pendes, ó flor delicada?
Ergue a frente, não debes murchar,
Toma força nessa haste vergada,
No meu peito vem leda viçar.

Quem filtra por nossas almas
Esse encanto, esse poder,
Que a virtude eleva às palmas,
Que eleva a mente ao saber ?

Uma só força : — a vontade !
Essa vontade que faz
Das galas da mocidade
A sciencia, a esperança, a paz !

Essa vontade que doma,
Que os preconceitos destróe ;
Que do seio a fronte assoma
Corôando o genio e o heroe !

No livro immenso da historia,
Dos combates ao fragor,
A força chama-se : — gloria
A gloria chama-se : — amor !

Amor que a vida incendeia,
Que abraça os povos a flux,
Que do abysmo arranca a ideia,
Que arranca a ideia da luz !

Pelos amplos horisontes
Que além domina a razão,
Ergamos as nossas fronte
Levando a fé por braço.

Nós somos a mocidade !
Vamos ! A gloria ! Ao porvir !
Entre os mil sóes da verdade
Subir, subir e subir !

A canção do escravo

Negro escravo calhambola
Que já de ha muito fugido
Corre incerto e foragido
Por este vasto sertão ;
No topo da serra umbrosa,
Numa peroba encostado,
Está sem medo parado,
Com uma fouce na mão.

Como quem vae despedir-se
Daquella immensa explanada
Méde a planice esmaltada
Num olhar longo, sem fim,
E acordando da tristeza
As iras de ignota sanha
Solta aos echos da montanha
Seu canto de morte assim :

I

« Quem pode agora na terra
Mais do que eu ?
Nem a tormenta me aterra !
Nem me faz tremer o vento !
Pois que é chegado o momento
Doutra vez saudar ao ceu !

« Já apertaram
Vis cadeias
Estas veias,
Maldição !
Mas agora
Desligadas,
Levantadas,
Livres são !

Liberdade e alma nascidas
Foram no seio de Deus !
A' terra descem unidas,
Unidas sobem aos ceus !

II

Deste ferro teve a morte
Meu senhor,
Tambem eu no rijo côrte
Vou finir meus dias logo
Que já sinto arder-me o fogo
Do desespero e da dor!

Junto a elles
Nesta agrura
Me procura
Fero cão...
Nestes bosques
Já tão bastos
Nem meus rastos
Acharão!

Liberdade e alma nascidas
Foram no seio de Deus!
A' terra descem unidas,
Unidas sobem aos ceus!

III

Que de vezes não regára
Meu suor
Essa roça que viçara,
Mau grado a minha vontade!
Meus serviços nesta herdade
Augmentaram seu valor.

Mas em paga
Que me deram?
Me fizeram
Castigar.
E meus filhos
Que choravam
Só mandavam
Arredar.

Liberdade e alma nascidas
Foram no seio de Deus!
A' terra descem unidas,
Unidas sobem aos ceus!

IV

Quem fôr cobarde que viva
A gemer.
Eu agito a fronte altiva
E, como a fera bravia,
Vago livre noite e dia
Nesta selva até morrer!

Lá ao longe,
Foragidos
Opprimidos
Outros são,
Como escravos,
Castigados,
Amarrados,
Mas eu não!

Liberdade e alma nascidas
Foram no seio de Deus !
A' terra descem unidas,
Unidas sobem aos ceus !

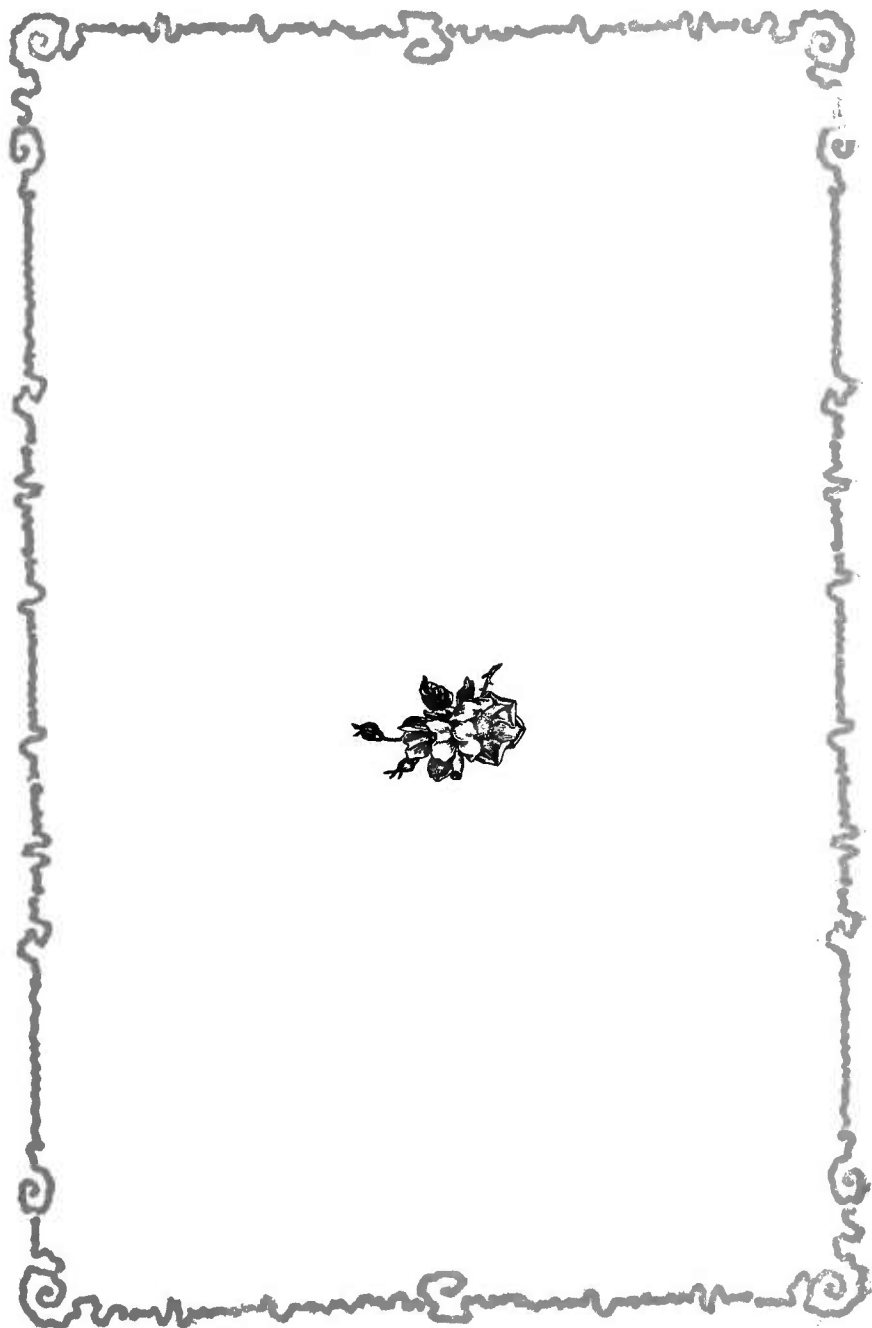
V

Mas lá vejo que me seguem
Sem cessar.
Serão elles ? Me perseguem ? !
Venha o mundo inteiro, embora,
Venham todos que hão de agora
Só cadaver me encontrar !

Tenho um ferro
Firme, agudo ;
Findo é tudo
Para mim.
Adeus, feros
Soffrimentos !
Meus tormentos
Vão ter fim.

Liberdade e alma nascidas
Nos seios foram de Deus !
A' terra descem unidas
Unidas sobem aos ceus ! »

S. Paulo — Agosto — 1863.



A rosa e a nuvem

A nuvem disséra á rosa :

— « Que fazes tu, flor mimosa,
« Por entre as sombras do val ?
« Tu vives só, isolada,
« Ou és tu, rosa adorada
« Por outra flor tua igual ? »

Responde a rosa pudica :

— « Eu sou de aromas tão rica
« Que inveja as flores me têm ;
« Vivo feliz e contente
« Quando o orvalho docemente
« A' noite banhar-me vem.

« Mas quando a virgem serrana
« Vêm colher-me, deshumana,
« O meu destino é murchar.
« Dize-me, ó nuvem doirada,
« Quando passas apressada
« Qual é teu fado no ar?

— « Sou bella, a nuvem responde —
« Quando o sol além se esconde,
« Ao qual eu furto esta côr ;
« Quando a noite vem já perto
« Só e triste no deserto
« Eu perco todo o fulgor.

« Mas si de novo me córa
« A manhã, si alguém me adora
« Não sei, não posso encontrar ;
« E quando me açoita o vento,
« Triste e só, por meu tormento
« O meu destino é vagar ! »



Hontem, hoje, amanhã!

Hontem... lembraste, Maria,
Do tempo que se escoou?
Quantos sonhos de alegria!
Quanta imagem de poesia
Nossa esperança creou!

Hontem, pallidos anceios
Por um doirado porvir.
Sustos, prazeres, receios,
Tremores, vagos enleios.
Nossas frentes a cobrir!

Depois benigno o fado
Exalçou toda paixão,
Dando ás crenças do passado
Um paraíso firmado
Nos sonhos do coração.

Hoje, vejo-te formosa
Quando alegre me sorris ;
Do teu presente orgulhosa :
Tu na minha alma — ditosa,
Eu nos teus braços — feliz...

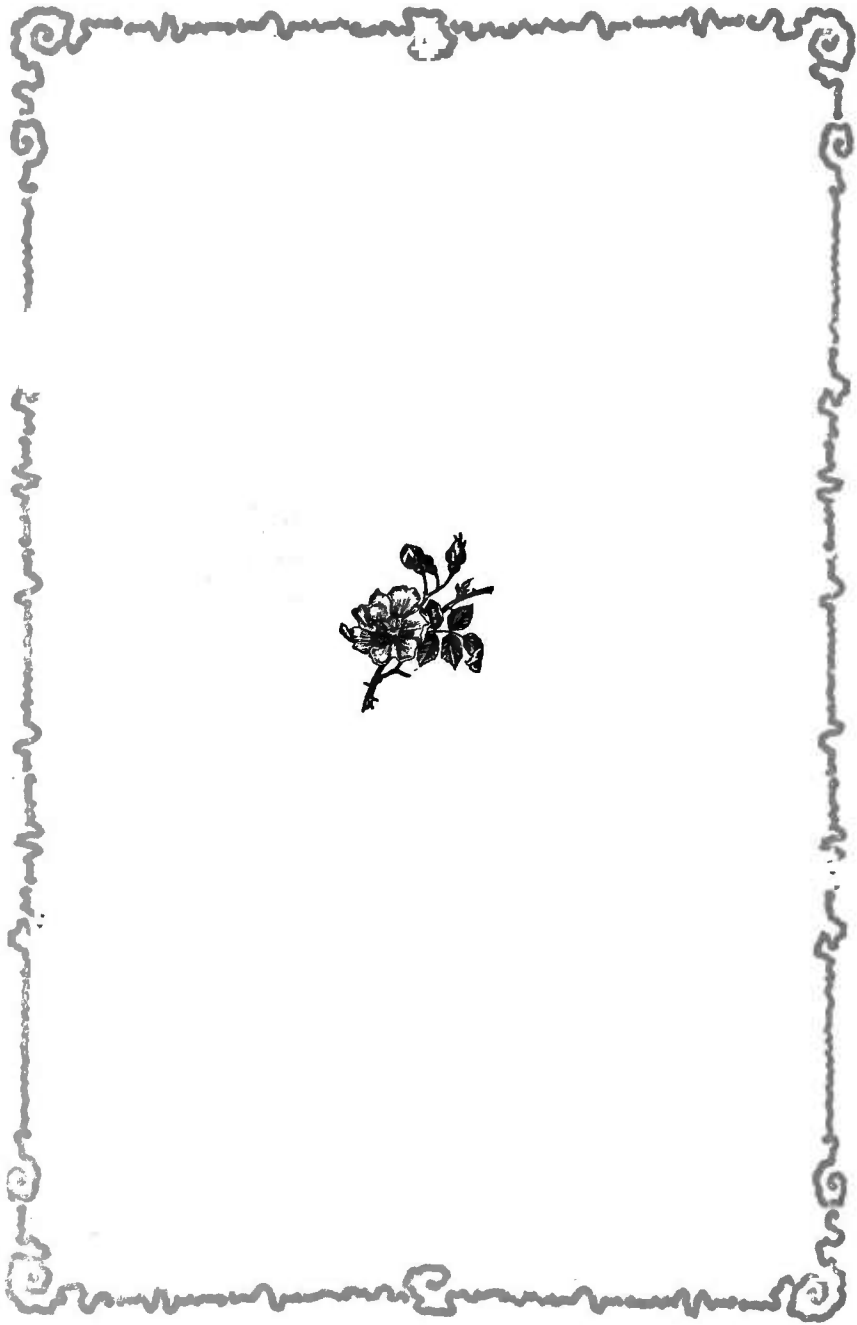
Numa cadeia fulgente
O que foi se prende ao que é.
Assim na mesma corrente
Temos ligado, latente
O amor nos laços da fé.

Hontem — a limpida aurora
Mal apenas a se erguer ;
Hoje — o dia que se enflora,
Dos raios que o sol vigora ;
Hontem — sonho, hoje — prazer !

Amanhã!... quem sabe aonde
A sorte nos vae depôr?
Quem ha no mundo que sonde
O occaso em que se esconde
O astro brando do amor?...

Amanhã! talvez sumida
Em trevas se envolva a luz!
Mais dois corações sem vida!
Mais uma campa esquecida!
Mais um cypreste, uma cruz!





Triste de quem sentio na fronte altiva
O fogo do talento!
Si a pallida illusão que o amor lhe aviva
Aviva-lhe o tormento!
Que és tu, infancia? idade em que, risonhos,
Nos matam os desejos; doce engano!
E's tu, ó mocidade — ingratos sonhos
Que a velhice nos solve ao desengano!

Pois é qual nosso fado? sobre o mundo
Qual o nosso destino,
Rojar perdido num paul immundo
O manto peregrino?
Porque, Senhor, nos arrancaste ao nada?
Porque, em vez do gozo, a dor nos déste?
Para sermos qual planta abandonada
Na lousa sob os ramos do cypreste?

Quem nos deu o sentir que em nosso peito
Turbilhona-se intenso ?
Quem pôz no coração ao mal affeito
Este desejo immenso ?
E' crime ter amor, é crime errar-se
Quando ao erro propensos nos fizeste !
Quem pôz nesta alma o fogo a dilatar-se,
Quem, Senhor, senão tu que nol-a déste ?

Além da vida, a estancia funeraria,
Lethal esquecimento !
Finda na terra a campa solitaria
O negro soffrimento.
Aqui o mundo, a vida, um fogo intenso
Queimando em vida um corpo de precito,
Além a morte, o horror, um somno immenso,
O somno do infinito !

O animo perdido a dor aviva
— A morte e o cynismo ! —
Eia, minha alma, eleva-te e altiva
Arroja-te no abysmo.
Aos pés do Creador em novo mundo,
Remonta-te a esse ceu de alegre azul,
Tu que preféres um morrer jocundo
A's dores do paul !

Vês, ó Bella, a tarde
Como desce linda!
Brando o sol não arde
Mas fulgura ainda.

Chamma que não finda
E' o meu amor;
A saudade infinda
Nesta hora é maior.

Foge a linda côr
E o crepuscl'o desce ;
Morre meigo alvor,
Nasce a noite, cresce !

Ai ! tudo emmudece !
Tudo é solidão.
Nem reapparece
Pallido clarão.

No teu coração
Puro e innocente
Não desmaie ai, não !
Essa chamma ardente.

De crestar-te a frente
Deus ai, te resguarde !
Meu soffrer te alente,
Meu amor te guarde.

Vês, ó Bella, a tarde
Vae morrendo linda ;
Si o teu peito arde,
Tens amor ainda.

S. Paulo, Julho 1861.

Queixa saudosa

Tenho saudades ! saudades
Da minha terra d'além,
Onde ficaram meus filhos,
Onde ficou minha mãe.

Amo esta terra formosa,
Amo este sol, este ceu,
Amo a sombra das tayubas,
Amo os captivos como eu.

Mas detesto o captiveiro,
O nosso estado infeliz,
Detesto o jugo, detesto
Dura a lei deste paiz.

Minha terra ! que saudade
Daquelle feliz viver,
Dessa doce liberdade
Que eu nunca pude esquecer.

Sou negra ; que sou formosa
Diziam os outros lá ;
Taes amores como eu tive
Eu nunca terei por cá.

Toda nua, o lindo corpo
Debruçado sobre o chão,
Naquellas sombras queridas
De vasto, immenso sertão.

Em doce, gostoso enleio,
Como passava o viver,
As aves no ar cantando,
Os bichos junto a correr.

Adeus, danças, risos, festas
Da minha terra feliz !
Onde não ha captiveiro,
Dura lei deste paiz.

Amo o canto da *araponga*
Ao meio dia, ao verão,
Amo os gemidos da *pomba*
Estremecendo o sertão.

Amo os sons estremecidos
Dos cantos do *sabiá*,
Do *tucano* eu amo as côres
E as danças do *tangará* ;

Amo o *coati*, o *veado*
Saltando nos cafesaes,
Do *semfim* sosinho e triste
Amo seus languidos ais.

Amo tudo desta terra,
Amo este sol, este ceu,
Amo o verde das florestas,
Amo os captivos como eu.

Não amo a vida de escravo
Vertendo o sangue, o suor,
Não amo a lei deshuamana
Que me faz ter um senhor !

Quando findarem meus males,
Bemdirei, então, a Deus,
Embora morra esquecida,
Sem um pranto só dos meus.

Adeus, ó terra saudosa,
O' minha terra d'além,
Onde ficaram meus filhos,
Onde ficou minha mãe !

S. Paulo — Maio — 1862.



⊙ *coração*

Morreste, coração! inerte e frio
Não pulsas mais de febre como outr'ora!
 Escoou-se tardio
O meu sangue gelado e lento agora!
 Uma vez somente
 Na vida,
O homem conta de serena dita
 Essa hora bem dita...
 Para ti já passou!
 Não foi sentida,
 Porque eu louco, demente,
Manchei-me neste mundo que a matou.

Matou-a, sim ! que a mente
Delirante e ardente
Julgou achar um ceu, um gozo eterno
E achou o inferno
Nessa triste illusão que vida chamam.
Não posso mais amar ! a esp'rança é morta
E o amor é a esperança.
Guardo a triste lembrança
De ter amado e muito ! mas que importa,
Si essa hora bemdita
De prazer e de dita
Para ti já passou ?
Não podes mais viver, negro é teu fado.
Frio, inerte gelado,
Morreste, coração ! não mais agora
Pulsarás de paixão, como era out'rorá !

S. Paulo — Abril — 1862.



Dolorida

(ROMANCE)

— Que fazes, virgem querida,
Contemplando affoita o mar,
Que fazes só, destemida,
Dolorida,
A suspirar ?

Roubou-te o encanto da vida,
Acerbo, negro penar ?
Vagas, vagas, só, perdida,
Dolorida,
A suspirar !

— Morreu-me a imagem querida
Dos sonhos !... junto do mar
Vejo as ondas, destemida,
Dolorida
A suspirar.

Não tenho encantos na vida !
Só tenho acerbo penar !
Vago, vago só, perdida,
Dolorida
A suspirar !»

Assim falou e pendida
Por entre as aguas do mar
Corre !... corre !... cae sem vida,
Dolorida
A suspirar !

S. Paulo — Abril — 1862.

O tronco secco

De flores, de risos, de encanto e verdura,
A quadra mais grata da vida surgiu,
De basta folhagem cobrio-se a espessura,
Renascem as festas que o inverno extinguiu.

E' tudo alegria! do val e da serra
Se elevam mil hymnos e hosannas a Deus,
Em nuvens de aromas desfaz-se hoje a terra
Rolando no espaço nas orlas dos ceus!

Em mystico amplexo de enleios suaves
Se enlaçam as ramas virentes, gentis !
E' tudo alegria ! no cantos das aves,
Do val e da serra no verde tapiz.

Té mesmo o africano saudando a esperança
Parece que ao gozo renasce tambem,
Do jugo pesado perdendo a lembrança,
Revê-se num sonho que o triste não tem.

Emtanto despido da antiga folhagem
Um tronco alteroso, mas negro lá jáz ;
Revestem-se os ramos na amena paisagem,
Só delle os enfeites não voltam jamais !

Outr'ora de galas e amenos verdores
O tronco hoje secco tambem se vestio ;
De risos, de encantos, de vida e de flores,
Na quadra das festas tambem se cobrio.

Cada anno que passa cobrindo a campina
Dos gozos e risos da nova estação,
Imagem do luto lá jaz na collina,
Qual cruz entre as flôres da morte no chão.

Assim é minha alma ! nas flores da vida
Ja risos e esp'ranças, encantos não vê ;
No meio das festas se arrasta perdida ;
Não voltam-lhe os sonhos e as crenças e a fé.

Gemendo incessante sem ter lenitivos
Não voltam-me os risos de extinto verdor ;
Espectro da morte passando entre os vivos,
Só levo em meu seio tormentos e dor !

Um dia ha de o tronco, cedendo á rajada
De negras procellas, quebrar-se é cahir ;
Desfaz-se a materia, volvendo-se ao nada,
De vermes immundos se ha de elle cobrir !

Assim hei de, ó Christo, de exaustos e cansado
Cahir esquecido... tão pobre e tão só !
Dos vermes da tumba meu corpo enlaçado,
Curvar-se abatido, rojar-se no pó !

Si é esta a existencia do vacuo, do nada
Porque me arrancastes do somno, Senhor ?
No olvido pesado da fria morada
Só nesse abandono despimos a dor.

Oh! si ainda fizestes além, outro mundo,
Si encontra minha alma lá vida melhor,
Não temo o silencio das lousas, profundo,
Mandae-me a esperança com a morte, Senhor!

S. Paulo, Outubro 1862.



Quatro estações no amor

Quatro edades amorosas
Conta a mulher na paixão :
A cada idade do anno
Corresponde uma estação.

A primeira é sempre o inverno :
Duvida — sombra fatal !
Da indiferença nos gelos
Perde-se um pobre mortal !

A segunda — a da conquista
E' a primavera gentil,
E' a quadra dos *beijinhos*
Que nos leva aos ceus... de anil !

Na terceira das ternuras
Esgota-se o claro *rio* !...
Por faltar-se a uma promessa...
Queima-se a bella no estio !

Depois somem-se as chimeras,
Amadurece o prazer !
A *cintura* vai crescendo...
Está no outomno a mulher !

S. Paulo — Agosto — 1863.



Quando ao peito é noite,
Quando é tudo horror,
A alma que se affoite
A pensar no amor.

Ai, não fallece o ardor
Naquelle vacuo extenso.
Do infinito albor
O fogo é vivo e intenso.

Do circulo immenso
Do enorme espaço a arder,
O olhar vago propenso
Ao fogo, á luz vae ter!

Vae ao atrio do ser
E volta ao peito afflicto,
Num hymno de prazer,
Num raio do infinito.

Sóbe, minha alma! á chamma
Dos teus sonhos profundos!
Entre mil sóes te inflamma
A' luz de ethereos mundos!

1863.



STELLA

Eu tinha d'antes no ceu
Uma estrella refulgente ;
Brilhava casta, sem veu,
Quando eu era inda innocente.
Ninguem mais podia vel-a,
Era só minha essa estrella !

Fel-a Deus no pensamento
De um raio seu immortal.
Nunca lá no firmamento
Appareceu chamma igual,
Sempre que estava a brilhar
Eu me sentia abraçar !

Mas o ardor que ella trazia
Tinha tão suave encanto,
Que toda a alma accendia
Sem abatel-a o quebranto.
Era a gloria indefinida
Pois era mais do que vida.

Um dia — fatal vertigem !
Pelas trevas me perdi,
Da noite pela caligem
Morrer-me a vista senti !
Soffreu muito o coração,
Como não finou-se então ? !

Quando depois acordei,
Ja nada mais me restava
Das venturas que gozei !
Só ainda me lembrava
Daquella estrella do ceu
Que eu vira sempre sem veu !

Procurei-a ! a vista errante
Firmei no vacuo sombrio ;
Pelo horisonte distante
Tudo estava ermo e vasio !
Não tive mais o prazer
De a minha estrella rever !

Onde, ai ! onde se escondeu ?
Alguma nuvem a encerra
Inda no espaço do ceu ?
Ou veio cahir á terra ?
Ai, cahio a desgraçada,
Cahio da etherea morada !

Anda aqui, talvez, perdida
Neste mundo ingrato e vil !
Quem ha de tornal-a á vida ?
Quem ha de erguel-a gentil ?
Quem lhe ha de agora apontar,
Quem senão eu, seu logar ?

E poderei encontral-a,
Eu que em má hora a perdi !
Poderei ainda amal-a,
Por entre as sombras aqui !
Pura como ella fulgia,
Fulgente como eu a via !

Serás tu, anjo de amor,
Essa luz alvinitente,
Que tinha tanto fulgor,
Quando eu era inda innocente ?
A estrella que Deus me deu,
Que eu tinha d'antes no ceu ?

S. Paulo — 1863.



Hymno

(DA SOCIEDADE DE DANÇA “UNIÃO E PROGRESSO”)

Esta paz e harmonia como esta,
A virtude e o trabalho nos dão!
Eia, amigos, um brinde de festa
Ao descanso, á ventura, á união.

As fadigas, as lides custosas,
Mocidade, podeis esquecer,
Quando o baile nas scenas ruidosas.
Um momento nos doira o prazer.

O sorriso que as almas nos toma
Vae á meiga innocencia pedir
— Luz que ás frontes e aos labios assoma
Para em galas e encantos fulgir!

Vós, ó anjos de faces divinas,
Que de encantos a vida teceis,
Bellas flôres das bellas Campinas
Entre as danças trançaes nos laureis.

Os laureis que num sonho derrama
Do futuro essa imagem louçã,
Hão de abrir-se na pallida chamma
Mal que ás luctas desponte a manhã.

Pois que o sol da gentil primavéra
Tem de certo no occaso poisar,
Vale tudo esta doce chimera:
Mocidade, folgar e folgar.

1870 — *Campinas.*



Mãe

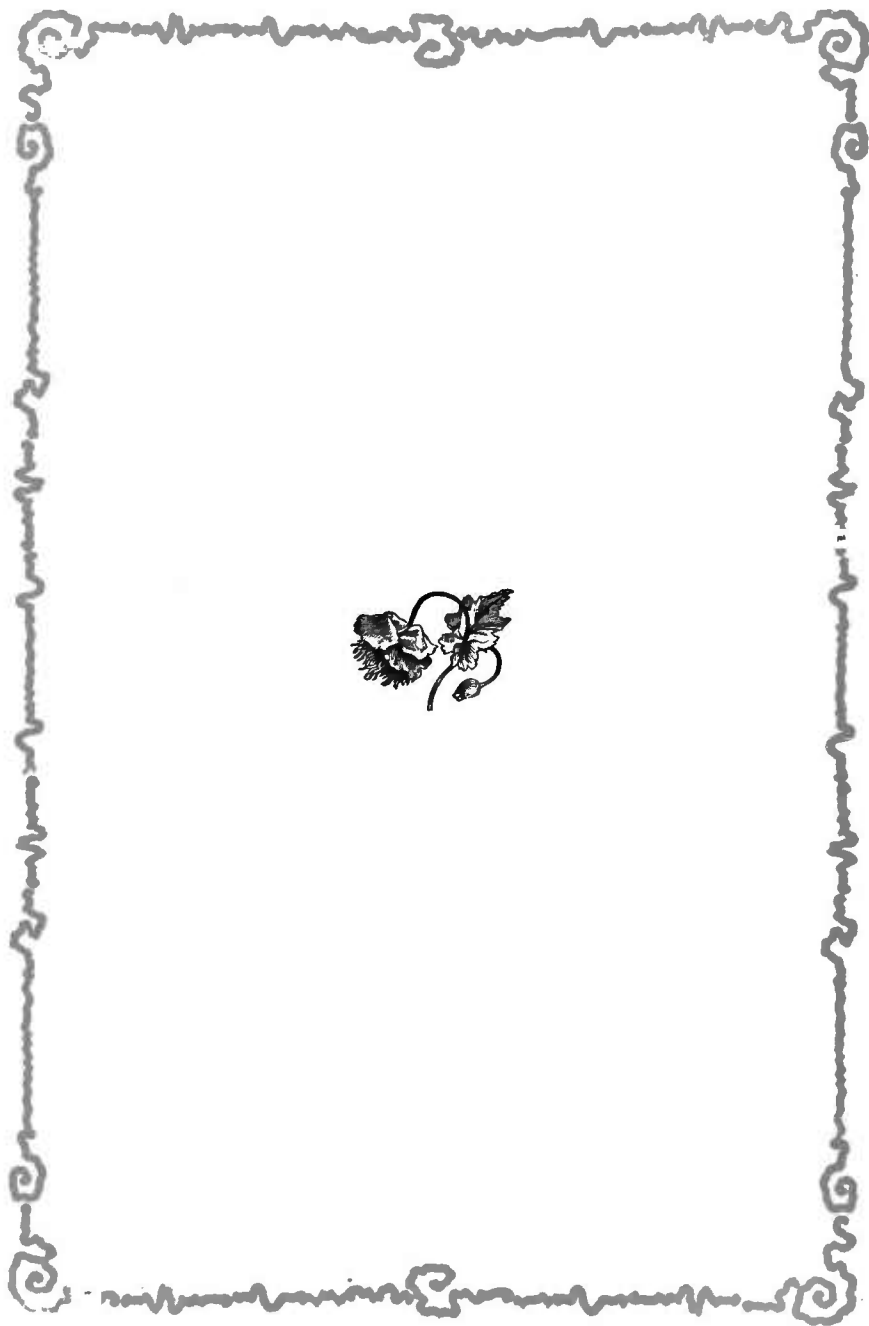
Ella sorri-se ! A trança
Descae-lhe em frouxo laço,
E brinca-lhe ao regaço
A virginal creança.

Depois, o olhar, que alcança
Do ceu a curva e o traço,
Inunda o leito escasso
De sol, de amor, d'esp'rança !

O' mãe ! quantas delicias
Na urna de aureo brilho
Que n'alma os sonhos têm !

Que mundo de caricias
Num beijo de teu filho !
Num teu sorriso, ó mãe !...

1876.



BALLADA

Excerptos de um conto «Tres
sorrisos de Margarida», sobre uma
pagina de Murger.

A flôr que beija a corrente
E pende a fronte e calho,
Não vae ao fundo : tremente,
Vae-se nos voltas do rio.

E a onda salta no esgalho,
Vae borrifal-o outra vez,
Dando-lhe um manto de orvalho
Pelo atro roubo que fez.

Mas elle deixa nas aguas
As folhas soltas boiar ;
Quem sabe si serão maguas
Ou meios de as enganar !

Coração que ja não sente,
Cede o gozo e nega o amor :
Ai ! nas voltas da corrente
Vae o sonho e vae a flôr !

1876.



Soli et semper

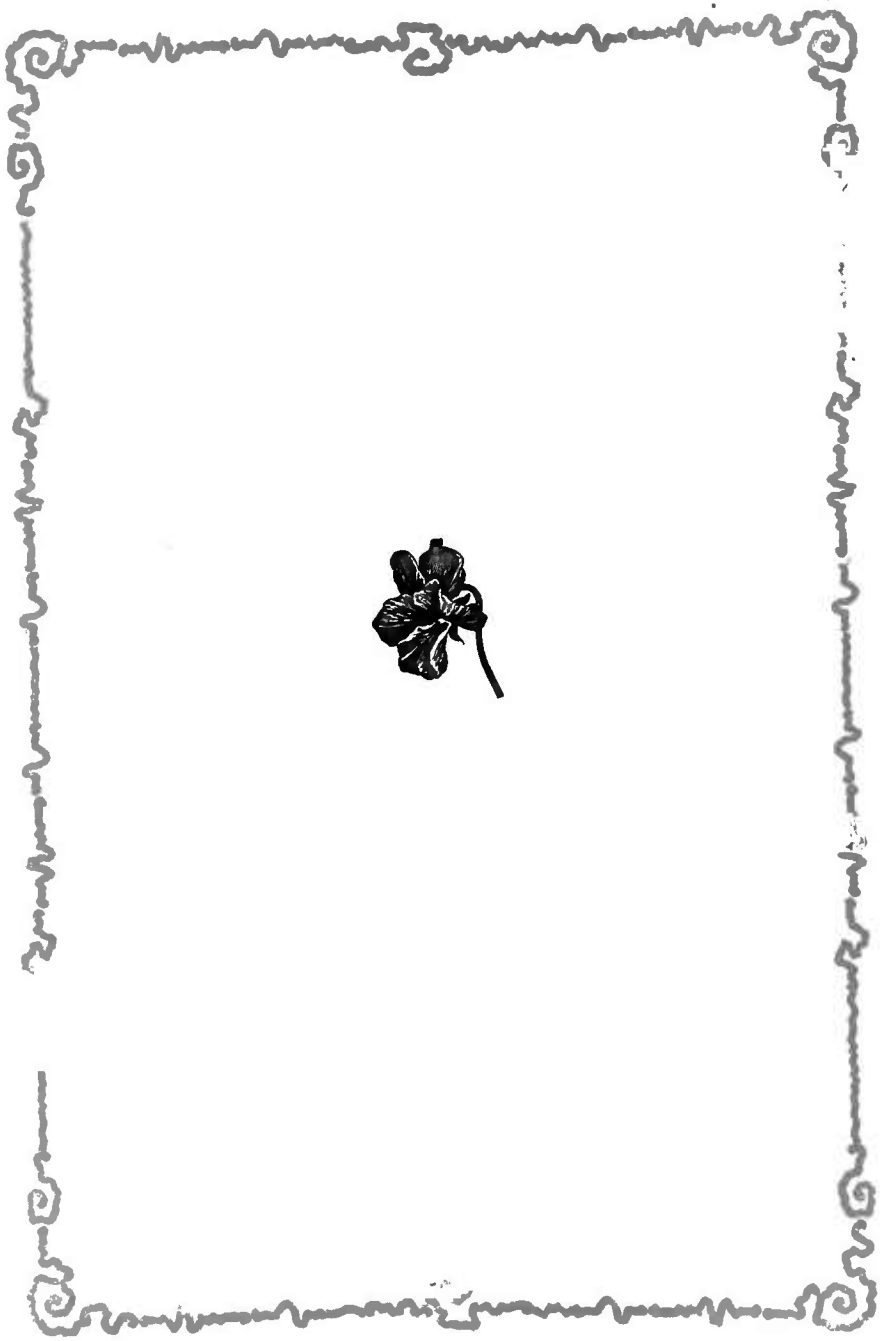
Ruge o vasto oceano : a multidão disforme
Das sombras colossaes perpassa no horisonte,
Abrangendo a amplidão como de monte a monte,
Entre o immenso escarceu e a nuvem negra e enorme.

O sol, no disco d'oiro, em tremulo canção,
Arroja-se no seio ás aguas sussurrantes,
E o rouco abysmo haurio, nas solidões distantes,
O ultimo raio, enfim, aos paramos do espaço.

O' noite ! estende embalde as dobras do teu manto,
Tenho a sede da luz, infinda e abrazadora,
A sorrir de esperança e a estremecer de horror !

Não ! não quero morrer deste fatal quebranto !
Eu sinto na minha alma um ceu que entre-abre a aurora,
E uma gota de sol : a mocidade e o amor !

Dezembro — 1876.



A esmola

Recitada no Club Semanal, em
festa a favor do Asylo de Orphãs.

Dar ao pobre é ver de perto
O ceu -- a patria da luz ;
E' ter sempre o peito aberto
A' festa, aos gozos a flux ;

Dar ao pobre é da miseria
Estancar a fome e a dor ;
Tem isto a esmola de etherea ;
— Cae no seio e diz — amor !

Mixto de prece e de riso
Sobe, sobe o espaço além :
Deus disse que o paraíso
E' de quem soffre ; pois bem,

Dai, que rasgando o infinito
Vai esse rogo até Deus ;
Quem dá segura o precito,
Quem dá desvenda-lhe os ceus.

Mas dar á infancia é sublime !
E, si a infancia fôr mulher,
E' fechar a porta ao crime
E abrir a fonte ao prazer !

Mixto de prece e de riso
Essa esmola vai além ;
Sobe, sobe ao paraíso
Essa esmola faz a — mãe !

2 — *Janeiro* — 1877.



Redempção

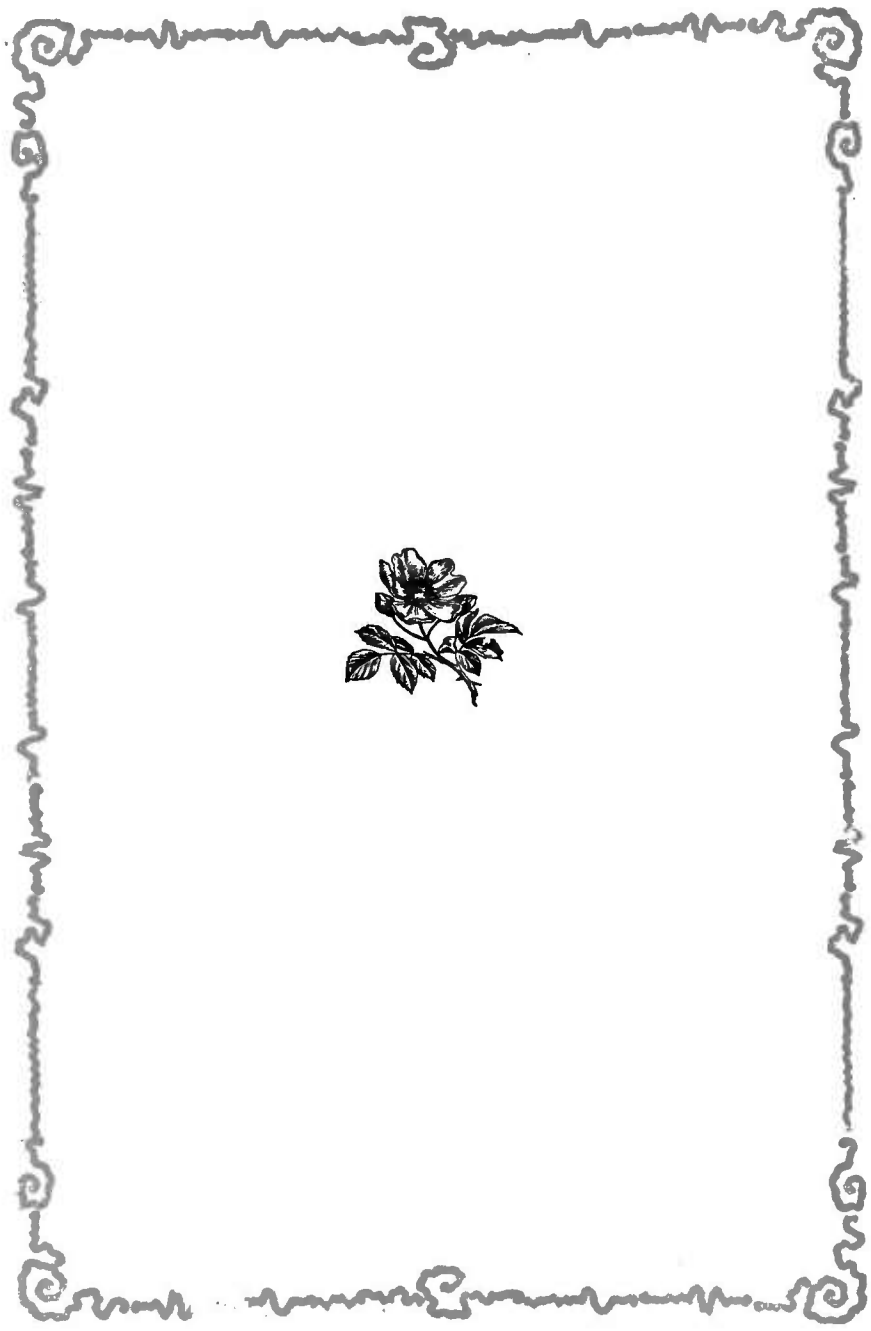
Ergue-te, ó mãe ! recebe
A affronta, o escarneo, o apodo,
Todo o cortejo, ai, todo
De injurias que a alma embebe.

Mas, não, não vás sem brio
Deixar no atro abandono
Teu filho, que ainda o somno
Envolve, exausto e frio.

O mundo que te insulta,
Que ri-se e que te opprime,
Commove-se tambem,

A' dor que geme occulta
E que ainda lava o crime
Em lagrimas de mãe !

Abril — 1877.



Poema da lagrima

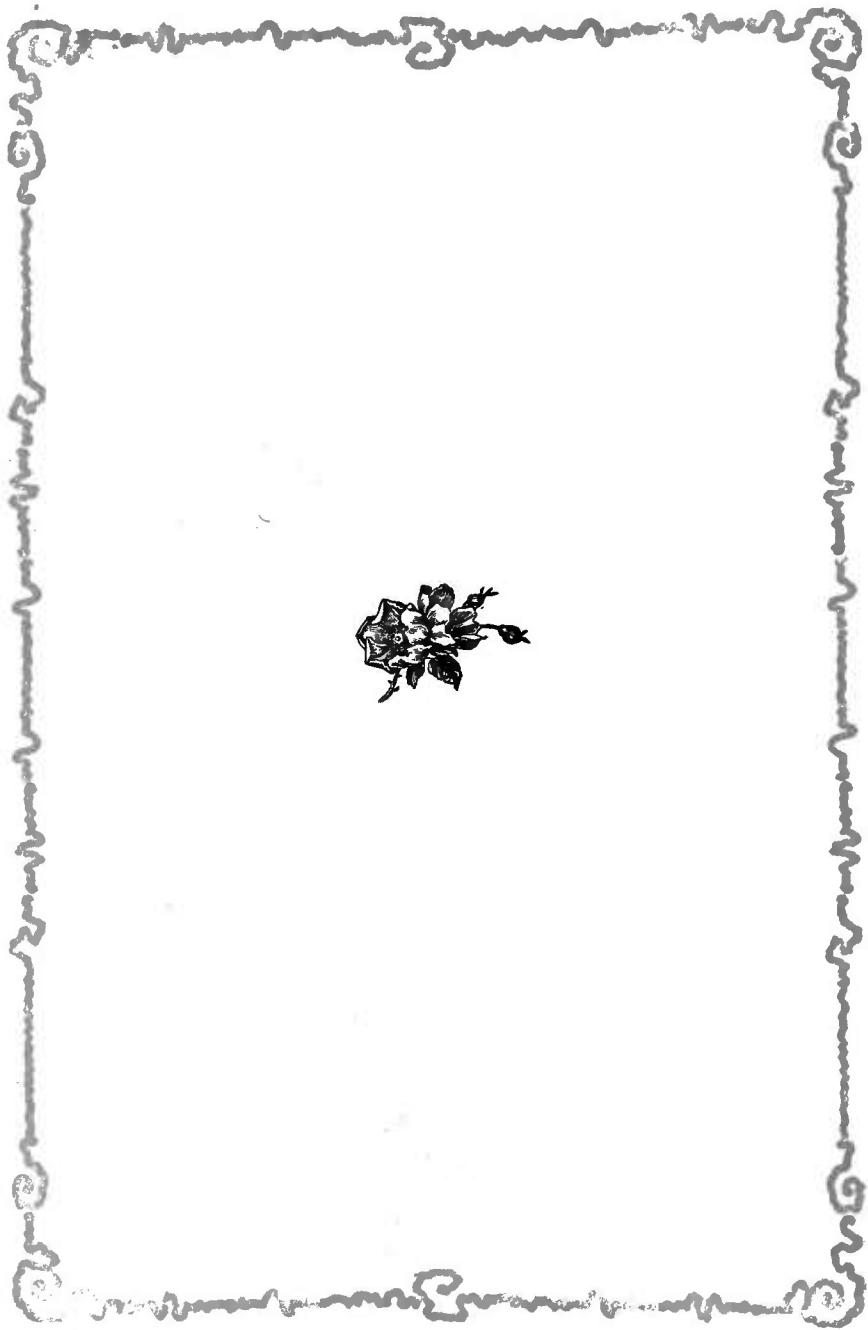
Eu sou o orvalho que desce
De ignotos mundos de além ;
Eu sou a intima prece
Nuns olhos puros de mãe.

Eu fui a culpa e a magua ;
Fui a tristeza e a paixão ;
Saltei dos crimes a fragua :
Trago a esperança e o perdão.

Venho do espaço infinito,
De um sonho immenso de fogo,
Que Deus funde em gloria e luz ;

O meu nome é — a dor e o grito :
Passei de Eva num rogo,
Ao teu semblante, ó Jesus !

21 — *Fevereiro* — 78.



Recitada no dia em que o comendador Joaquim Ferreira Penteadado (Barão de Itatiba) solennisou as suas bodas de ouro, realisando uma festa do Espirito Santo e fundando uma escola para o povo.

Das nossas fronte serenas
A's vossas limpidas cãs,
Une um raio de alegria
A tarde de um bello dia
Com o fulgor das manhãs.

Vem a timida creança,
Prostrada aos pés do ancião,
Num sorriso de bonança,
Beber a luz da esperança
Nos dictames da razão.

Hoje que o vosso consorcio,
Em meio seculo de amor,
Vae consagar á familia
A mais sacrosanta homilia
Nos altares do Senhor ;

Hoje que em tanta memoria,
Da vossa feliz união,
Contaes a immensa victoria
De escrever da honra a historia
Na historia do coração ;

Ergueis dois templos ufanos :
Um á patria e outro ao lar :
E o povo que é bom mas rude,
Póde as lições da virtude
No vosso exemplo estudar.

E vêde : fundar a escola
Que aos pequeninos consola
Dizendo aos grandes — amae !
E' abrir em duas a esmola,
E' ser duas vezes — pae !

15 de Maio — 1880.

Carlos Gomes

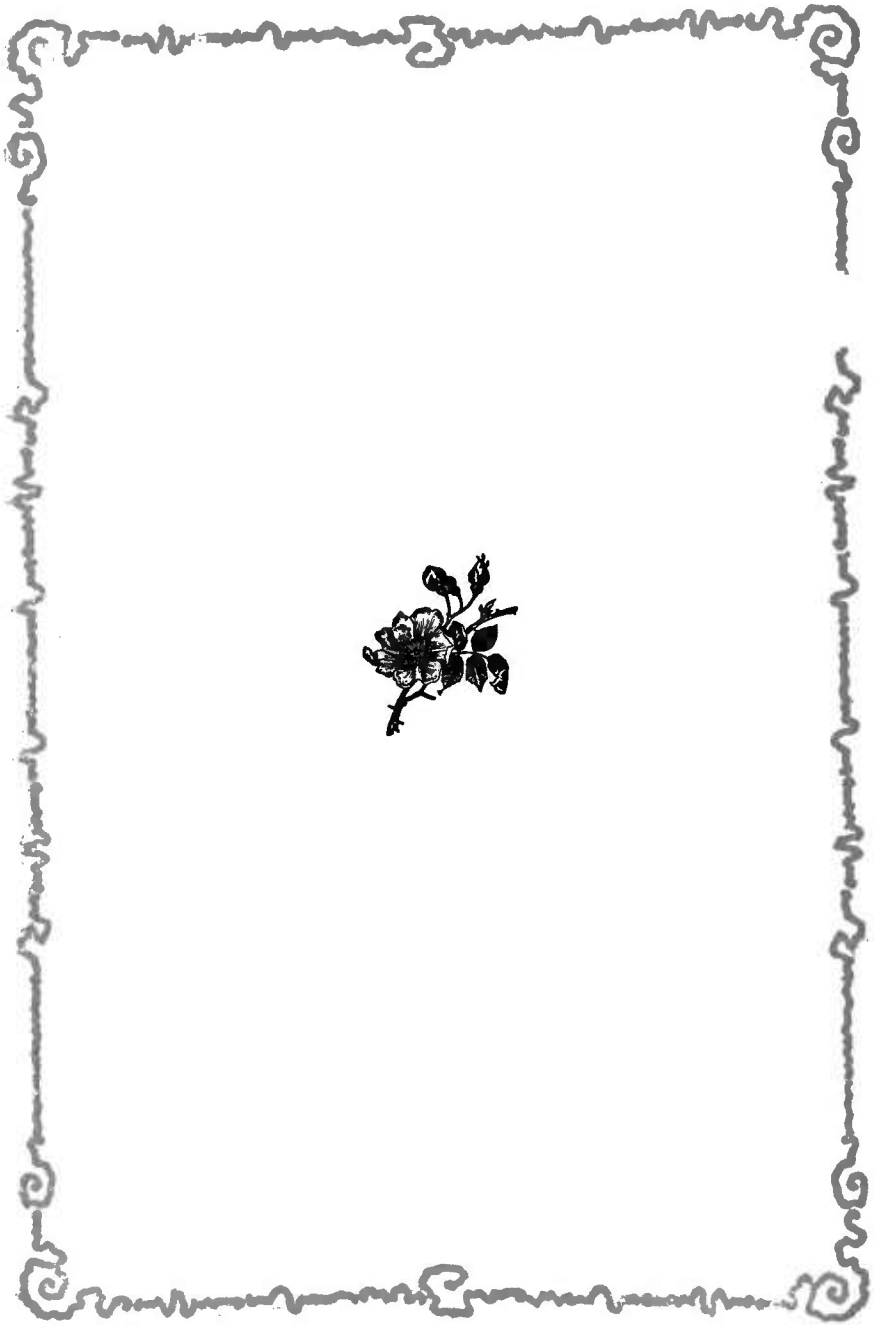
Quando aos raios do sol fulvos e quentes,
Abre-se a terra em tremulas caricias,
Nessas manhãs de gozos e delicias,
Nessas horas de amores indolentes,

Fôra um sorriso a vida, um hymno, um verso,
Sonho de aroma e luz, si ao ente escasso,
Erguesse a vista, um trilho, pelo espaço,
A's pompas, ao poema do universo !

Ao genio só das limpidas auroras
E' dado haurir, pois que sorrindo á morte,
Immerge a fronte ás vastas amplidões !

Por isso é que hoje entre os laureis que enfloras,
Em doce, em mago, em festival transporte,
Tremem-te aos pés o povo, as multidões !

1880 — Setembro.



I

Que fizeram de ti, victima imbelles
Do amor, da orgia, de eternal desgraça,
Este mundo que á gloria o crime enlaça,
Esta vida que a alma ao nada impelle ?

Ninguém beijou-te a fronte exhausta e fria ?
Ninguém levou-te a prece do conforto,
Aberta em sangue á beira de teu horto,
No ultimo lance, á hora da agonia ?

E eras, no emtanto, a immensa formosura,
A mocidade, o orgulho, a força, o riso,
Tudo que é grande e ascende ao paraiso !

Hoje estás morta; e, á tua sepultura,
Entre os vermes da terra e os da maldade,
Só eu venho trazer-te uma saudade !

Campinas, 29—Abril—1881.



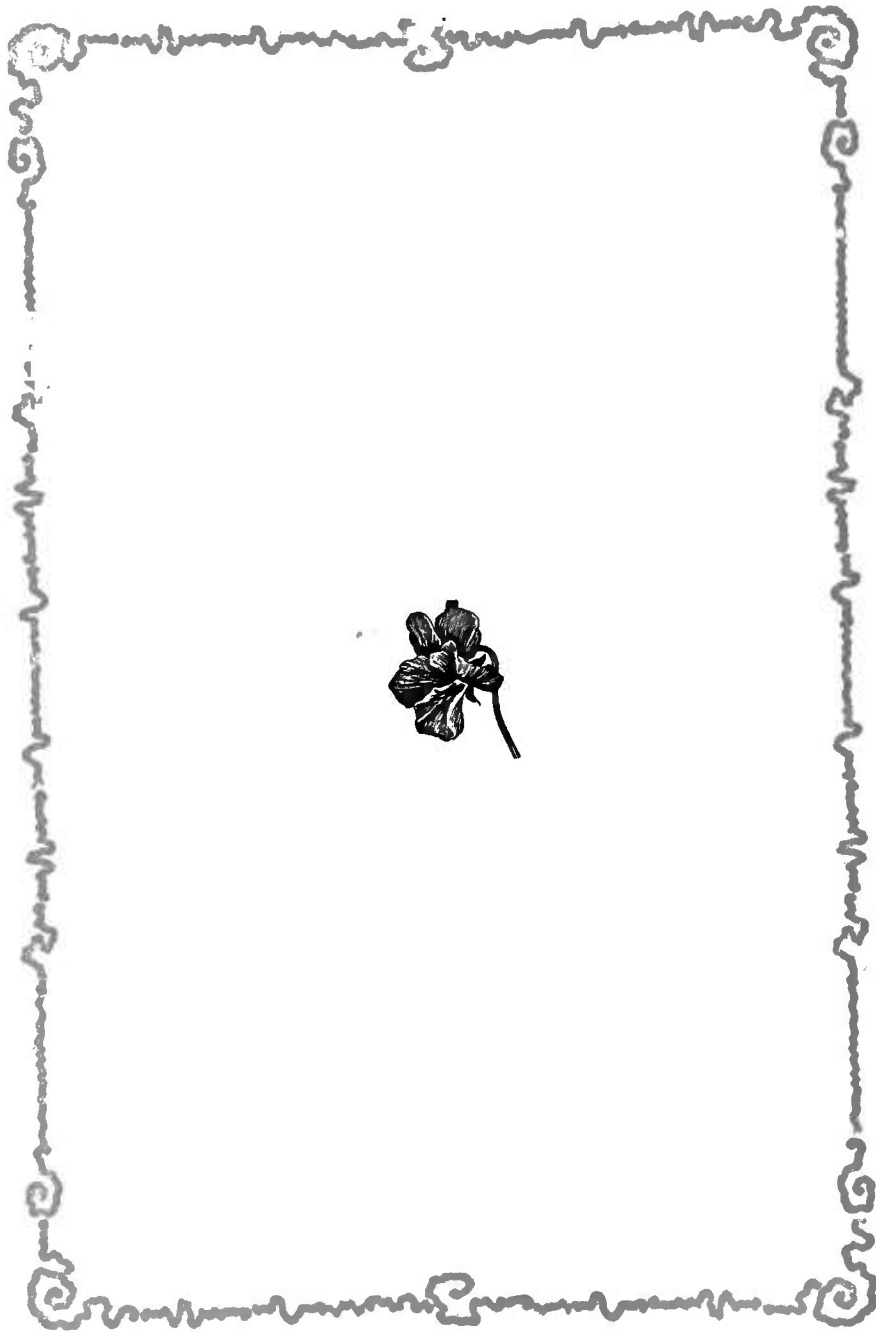
II

Si foi mais negra a dor quando subiste
Aos anditos do erro e do peccado,
Ou quando ao vacuo inane do passado,
Tu voltavas o olhar sereno e triste,

Não pudeste dizer! O labio inerte
Murmurava uma queixa acre e soturna,
E tinhas já fechado o cofre, a urna,
Das lagrimas que ao seio a magua véрте.

Desceste, emfim, a ingreme ladeira!
Dormes, emfim, a noite, a noite inteira
Do silencio, da sombra e do abandono!

Ai! que descanso aquelle de quem dorme!
Si é possivel sentir no antro enorme
As delicias fataes do ultimo somno!



Os dois espelhos

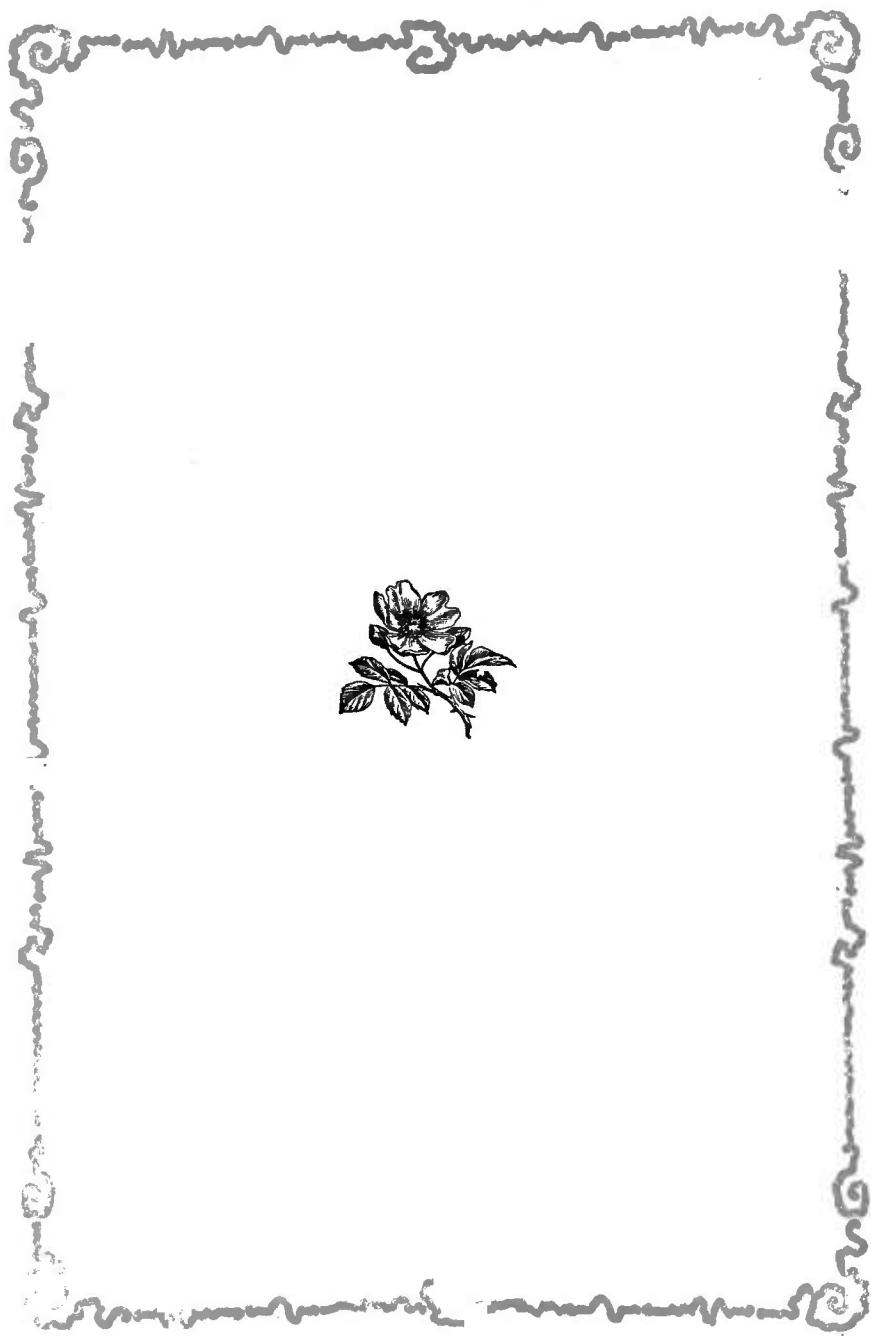
(CAMPOAMOR)

Sobre o crystal de um espelho,
Aos quarenta annos olhei,
E vendo-me feio e velho
De furia o vidro quebrei.

Da alma na transparencia
Puz-me a contemplar-me então,
E tal me vi na consciencia
Que esmaguei o coração.

Ai! quando perde um mortal
Mocidade, fé e amor,
Si olha no espelho — vai mal,
Si se vê n'alma — peor!

Julho, 14 — 1881.



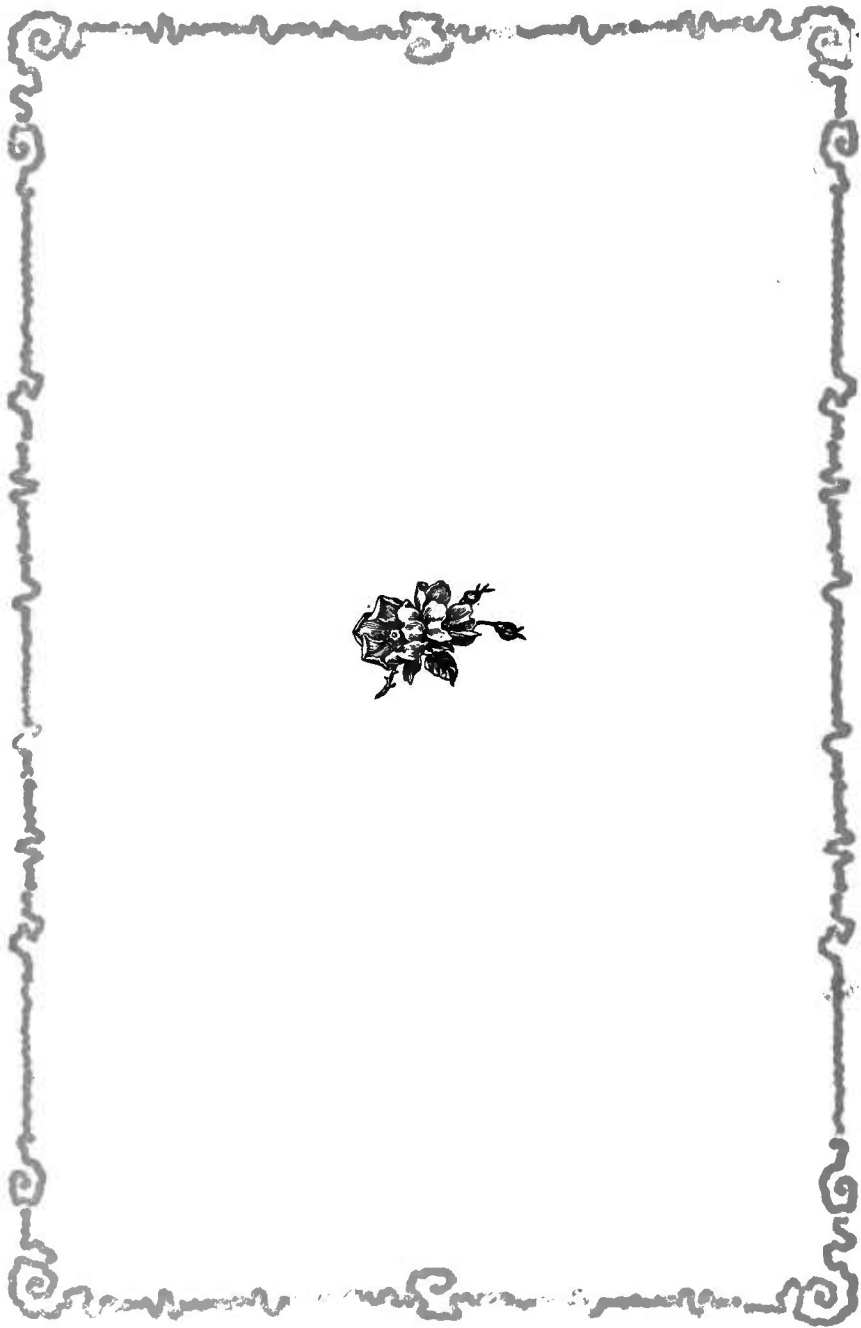
Si cahires no lodo ou na miseria!
Como num fóco de immundicie, ás vezes,
Tomba ao raio da febre e dos revezes
A alma branca dos anjos, nivea, aérea;

Si cahires, ó pomba immaculada!
O' alvo de meus sonhos mais sublimes!
Arrancar-te queria dentre os crimes,
Trazer-te á luz do sol, ou dar-te ao nada!

Ao nada, sim! que era esse o meu desejo!
Ver-te na fronte a c'roa emmurchecida;
Eu sedento de amor e tu sem vida!

Si pudesse animar-te o ultimo beijo!
Mergulhador da sombra o meu sorriso,
Abrira-te na morte um paraíso!

Agosto — 1881.



Excelsior!

Recitada no theatro S. Carlos
por occasião do 3.º anniversario da
Sociedade Luiz de Camões.

I

Camões! quando entre as aguas sobraçavas
A' luz do raio, ás coleras do vento,
Teu canto eterno, o eterno monumento
Aos fastos do paiz que tanto amavas;

Tendo na fronte a dor por diadema,
Propheta das grandezas do universo,
Atiravas ao mundo em aureo verso,
Do amor da patria o divinal poema.

Hoje o teu berço acabrunhado, exangue,
No mar dos povos — lento paroxismo! —
Vertendo, gota a gota, o ultimo sangue,

O sangue do pudor que exalça a historia,
A's praias da esperança ergue do abysmo
Outra immensa epopeia — a tua gloria!

II

Portugal! tu que attonitas as gentes
Viam passar — esplendida romagem!
De um lado a solidão, d'outro a voragem,
Sorrindo á morte e ao tempo as náus frementes,

Tu que levaste á ultima paragem
Da terra, as tuas flammulas ardentes,
Tu não podes cair! São impotentes
As sanhas do bretão. Eia! coragem!

Tremer do escarneo vil é mais que um crime
E o teu valor, que a idade não consome,
Aos impetos do brío a força imprime!

Das sombras do porvir rasgando o enigma,
Levanta a novos louros o teu nome,
E o nome de Camões salva do estigma.

23 — Maio — 1883 — Campinas.



© trabalho

Este soneto, ultima producção litteraria do poeta, foi escripto a pedido do sr. A. B. de Castro Mendes e figurou impresso na secção de trabalhos typographicos na exposição regional, em Campinas.

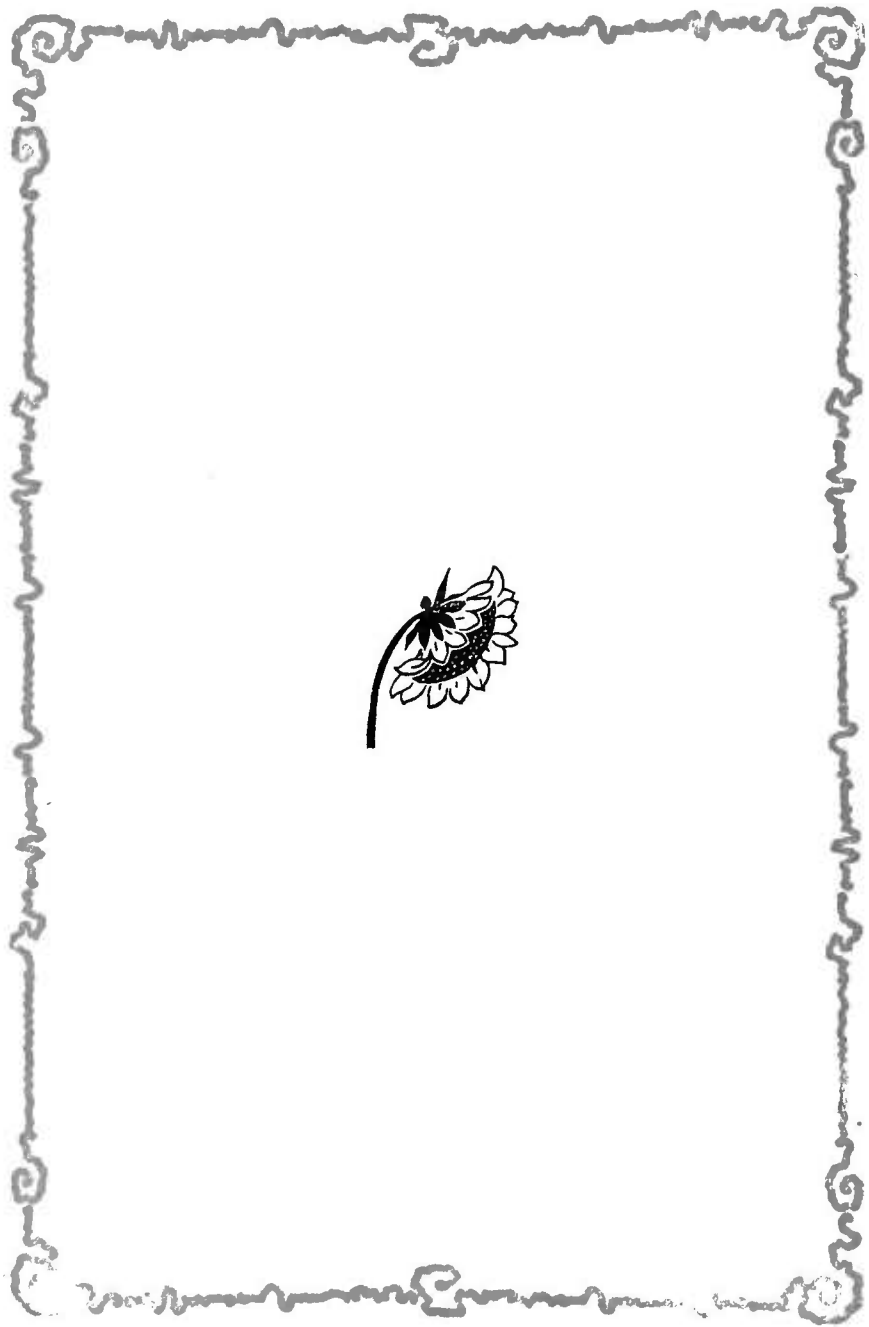
Dos templos que sagra a historia
A' vida, á luz, ao progresso,
Abrem-se as portas e o ingresso,
Nas aureas festas da gloria,

— A'quelles que a dôr não cança,
Que a lucta exalta e engrandece,
Que a força põem na esperanza,
No trabalho — o riso e a prece !

Sois vós, ó filhos do povo,
Que ardeis num impeto novo,
Erguendo, por toda a parte,

D'entre os tropheus da verdade,
Os dons da sciencia e da arte,
Nos hymnos da liberdade !

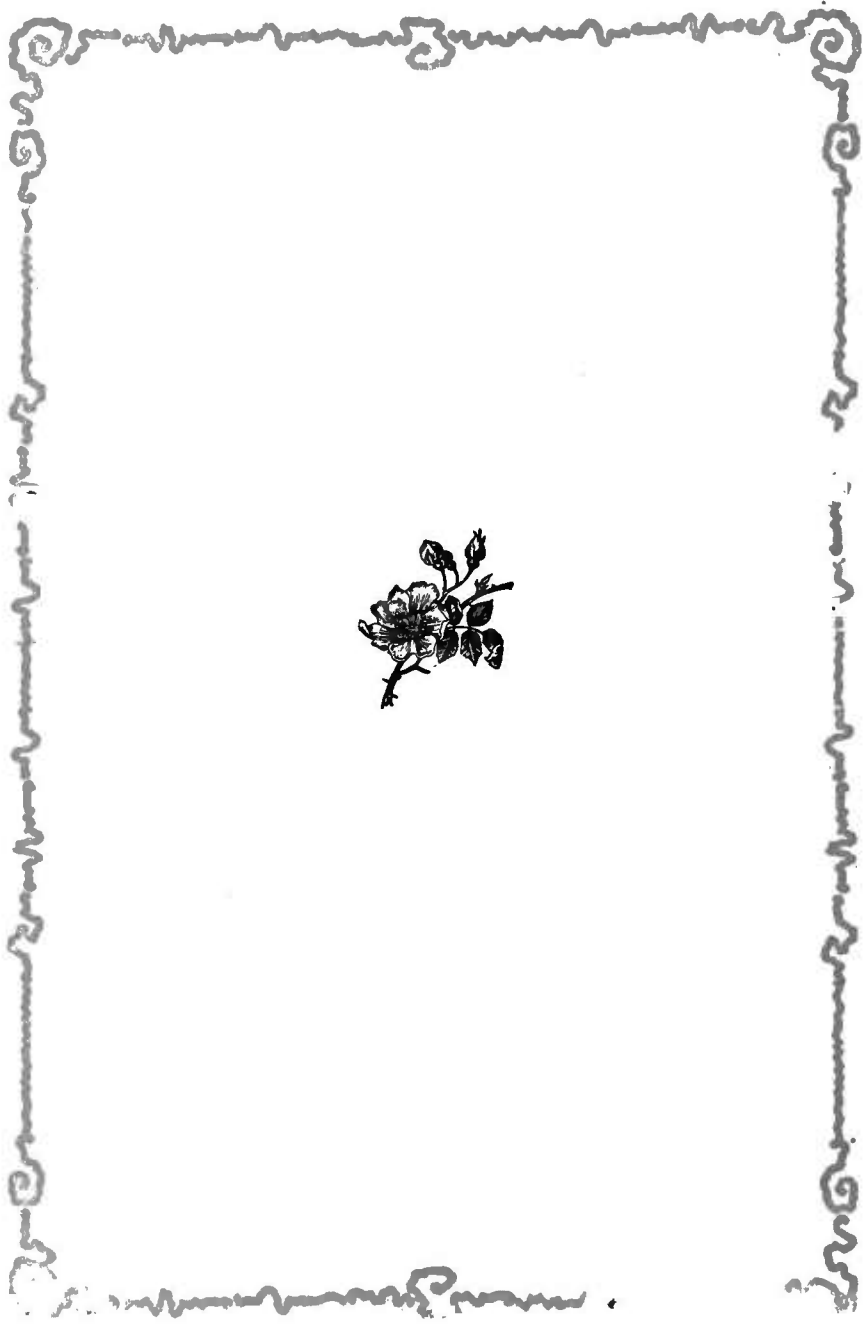
Dezembro — 1885.



NOTAS DO AUTOR

E

NOTA DA TERCEIRA EDIÇÃO



NOTAS DO AUTOR

NOTA — A

Setembro, o terno mez, enfumaçado já-pag. 1.

Allude-se áquellas densas camadas de vapor transparente em que se envolve a nossa atmosphaera pelos mezes da primavera, naturalmente produzidas pelo fogo das *roçadas* e que dão aquellas tardes cheias de languidez e de encanto, banhando no perfume acre das montanhas o seu immenso véu de escumilha, preso no espaço como por um botão de ouro — o sol.

NOTA — B

Unindo a alegre toada
Co'a dança dos *tangarás* - pag. 24.

Os *tangarás* são dos mais delicados e curiosos passaros das nossas florestas. Unem-se em bandos pelas arvores: um toma o ramo superior e começa a cantar para dois que dançam saltando alegremente e tomando posições que denotam uma regra fixa; os outros parecem applaudir batendo as azas e acompanhando attentamente a garrulice e o movimento dos bailarinos.

NOTA — C

Ignis Soror! - pag. 29.

A cidade de Campinas deu um exemplo magnifico de iniciativa popular num assumpto do maior alcance para a prosperidade das nações. Entre os seus habitantes levantou-se por acções o capital de 70 contos de réis com que foi edificado o elegante palacete destinado á educação da mocidade e que sob o nome de *Collegio Culto á Sciencia*, está funcionando regularmente desde 12 de Janeiro de 1874.

Foram os principaes auxiliares desta idéa os srs. commendador Joaquim Bonifacio do Amaral e Antonio Pompeu de Camargo.

NOTA — D

Hymno do Riachuelo - pag. 63.

O combate naval do *Riachuelo* me parece que foi o mais bello feito d'armas que tivemos na guerra do Paraguay; e no qual, entre outros, se immortalizou o nome do almirante Barroso, hoje barão do Amazonas. Estes versos foram escriptos expressamente para serem recitados pelo eminente actor Joaquim Augusto. Lisongeia-me hoje a lembrança de, apezar do pouquissimo que são elles como obra d'arte, haverem dado motivo a uma ovação áquelle valente militar no theatro de Nitheroy.

NOTA — E

Já no choque da abordagem
Contra um vaso se erguem tres - pag. 66.

Historico: — tres navios paraguayos envolveram, ao mesmo tempo, um dos nossos para abordal-o e foram heroicamente repellidos.

NOTA — F

Um e outro... e outro logo
Encontra, bate, quebrou! - pag. 67.

O que decidiu a sorte e deu a victoria naquelle desesperado lance em que os nossos eram colhidos de surpresa, foi o caso do commandante da frôta, Barroso, mandar fazer do navio *Amazonas* um como ariete que com o esporão da prôa abria os vasos do inimigo e dava com elles perdidos.

NOTA — G

Um dia, nas margens do claro Atibaia, - pag. 81.

O Atibaia é o rio que corta o município de Campinas.

NOTA — H

Ai, não! que dos pretos as almas não morrem! - pag. 82.

E' crença entre muitos pretos africanos, que hão de voltar depois da morte ao seu paiz e viver com sua gente. Isto tem dado causa a não poucos suicídios de escravos.

NOTA — I

Dois Colombos - pag. 85.

Estes versos foram escriptos numa folha do lindissimo album offerecido ao maestro brasileiro A. Carlos Gomes, em a noite de seu beneficio levado a effeito na côrte, em 1870, com a sua opera *Il Guarany*, tão festejada na Europa e que o sancclonou como um vulto predestinado para a gloria dos Rossini e dos Verdi.

NOTA — J

Pudor e amor - pag. 95.

E' uma gymnastica de rimas esta composição, e não tem outro merito além dessê. Lendo a poesia *Outr'ora* do sr. A. Cunha, apresentada na *Revista Contemporanea* de Portugal e Brasil, vol. 4.º pag. 598, por F. X. de

Novaes, a qual tem dez rimas em cada estrophe, tive a ideia de experimentar até onde podia chegar este esforço da forma para conter o pensamento; então escrevi essas quadras com quatorze rimas cada uma.

NOTA — K

O *Sem-fim* lamentoso erguia langue - pag. 130.

O *Sem-fim* é um passaro assim chamado vulgarmente em razão do seu piar monotono que pronuncia distinctamente essas duas palavras. No verão, quando o dia vai mais calmoso e principalmente no correr da noite, não cessa elle de repetir aquelle seu cantar melancolico, isolado entre as moitas, tão solitario, que desperta n'alma uma como *sympathia* profunda e mysteriosa aquella tristeza do pobre animalzinho.

NOTA - L

O *trabalho* - pag. 143.

Os meus amigos commendador J. E. de Carvalho Monte-Negro e J. M. d'Almeida Barbosa fundaram uma grande colonia denominada — Nova Colombia. Ahi passámos reunidos — o Carlos Ferreira, aquelles dignos cavalheiros e outras pessoas, — alguns dias de saudossissima convivencia. Numa noite pediu-nos o sr. Monte-Negro que deixassemos de improviso uma lembrança no album da fazenda. Escrevi essas linhas que valem só como um testemunho de immensa admiração pelo incansavel propugnador do trabalho livre nesta terra.

NOTA — M

Aspiração - pag. 149.

E' a resposta a uma delicada e encomiastica poesia que me dirigiu L. C. Guimarães Junior.

NOTA — N

A morta - 157.

Pobre creança ! Eu pensei que tinha velado a tua serena imagem bem dentro d'alma com o manto extenso da minha saudade ! Um jornalista mais perspicaz do que eu foi descobrir-te no meu seio a fronte emmurhecida pelos roxos vincos da agonia. Um dos illustres redactores da folha *A Provincia de S. Paulo*, afagando a humilde corôa que deixei á cabeceira de teu tumulo, disse isto :

«POESIA — Na respectiva secção, transcrevemos da *Gazeta de Campinas* uma bella composição do nosso distincto collega Quirino dos Santos.

Versos lindissimos pela singeleza, cheios de inspiração e lagrimas, relembram na intima e saudosa emoção uma pagina dolorosa e real da vida do autor.»

Oh ! si eu me senti assim na tua lembrança, é que um raio do teu divino espirito passou por mim tremulo ainda das harmonias do céu, e deixando no meu coração o humido beijo do teu limpido olhar.

NOTA — O

Era alli que, de tarde, as filhas do *aggregado* - pag. 164.

O *aggregado*, como é sabido, no interior do nosso paiz, é o homem que mora de favor pelas fazendas, cultivando as terras que lhe dão, por não ter de seu.

NOTA — P

Caô-póra - pag. 173.

E' uma lenda. Acreditavam os indigenas que habitavam primitivamente a provincia de S. Paulo, na existencia de um monstro, metade bicho, metade homem, a que davam este nome.

Si uma mulher lhe cahia nas mãos (este o assumpto dos versos) gozava-a até o ponto de fazel-a morrer inanimada. Aquella que o avistasse de longe, estando grávida, podia ter a certeza de ser o filho desgraçado por toda a vida. D'ahi vem o chamar-se *cay-póra* a uma pessôa infeliz.

Caô-póra quer dizer morador do matto. Ainda hoje os nossos sertanejos contam muitas *historias* deste monstro, dando-lhe os appellidos *cacha-póra*, *cay-póra*, etc. Os termos *cocar* e *taba* que se acham na poesia, significam — o primeiro, grinalda de pennas que usavam os indigenas, e o segundo o aldeamento delles.

NOTA — Q

Sorriso de amor - pag. 201.

Posto em excellente musica pelo sr. J. P. de Sant'Anna Gomes.

Sant'Anna Gomes, irmão de Carlos Gomes, é um bellissimo talento que podia acompanhar de perto ao autor do *Salvador Rosa*, si a sua grande modestia e nimio desprendimento da gloria não o afastassem tanto das lides afadigosas. E' pena !

NOTA — R

Remorsos - pag. 203.

A's vezes a mais leve *falta* não nos abala profundamente a consciencia ? E na exaggeração que a gente faz do *remorso* não está a prova da abundancia dos bons instinctos ?

O poeta, mais que todos, tem direito a que se lhe releve essa exaggeração.

NOTA — S

A meu irmão J. Quirino do Nascimento - pag. 211.

Já não vive o dr. J. Quirino do Nascimento, aquelle peregrino engenho e excepcional character que passou como um relampago, deixando um traço luminoso pela sua carreira, como a fita de fogo escripta no espaço por um astro cahido das regiões infinitas.

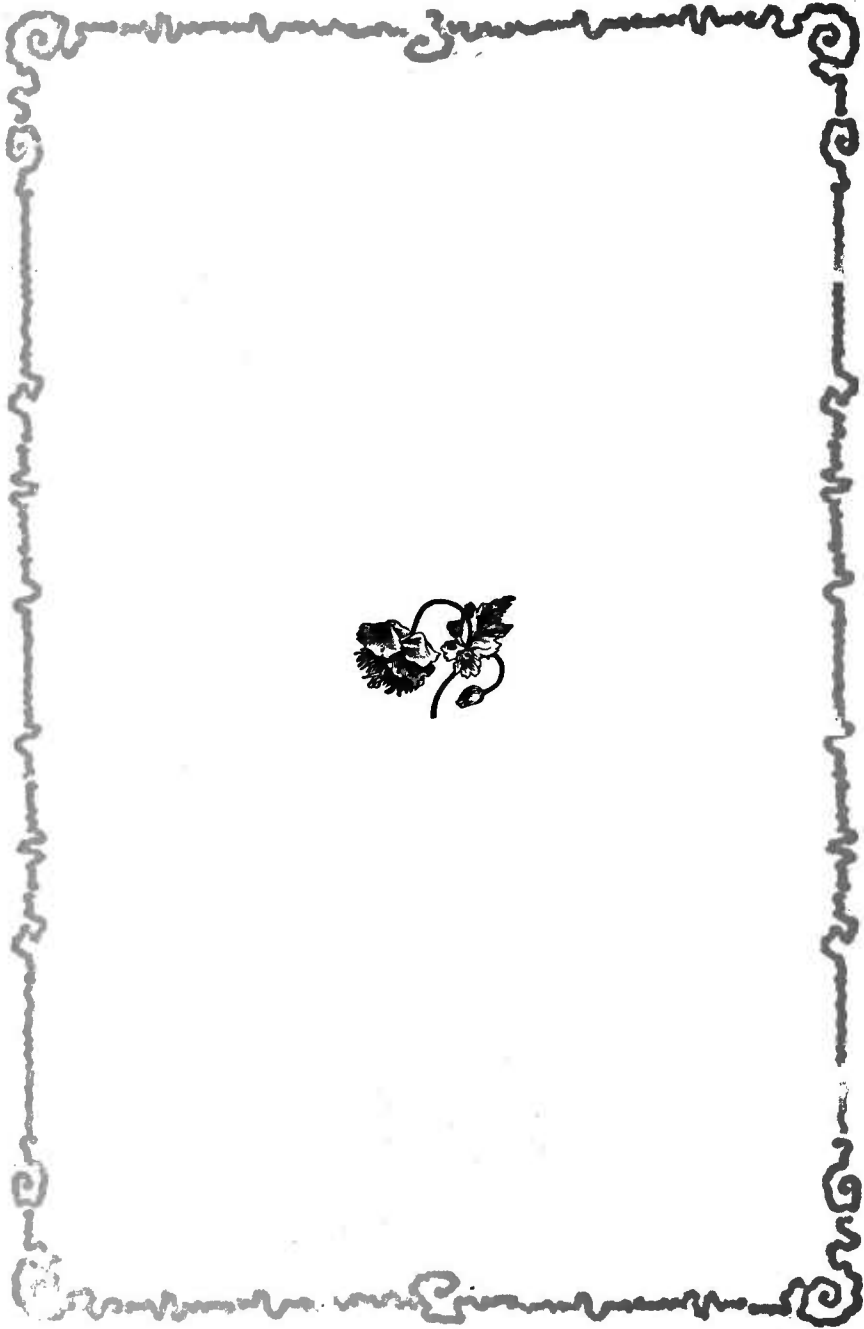
Eu que tive em meus braços aquella cabeça agonizante, esplendida de altas esperanças e despedaçada como a arvore da montanha aos ventos da tempestade: eu que recebi o ultimo suspiro áquella bocca onde pousava o sorriso eterno dos sublimes sentimentos que ennobrecem a alma humana; eu, o irmão desolado e abatido por tão grande perda, hei de ainda reviver-lhe a memoria algum dia si a sorte me não cortar o ensejo e a vontade.

Dorme, pois, o somno da tua noite infinda, ó martyr dos sonhos d'ouro que ainda te fluctuam na cruz da morte como uma vaga aureola de raios fulgurantes!

NOTA — T

O Sacy - pag. 225.

A lenda do *Sacy* é uma das mais conhecidas e vulgares. Acredita o povo na existencia de uma especie de genio maligno com a figura de um negrinho de barrete vermelho que costuma percorrer os campos, assustando os cavallos e engalfinliando-se nelles a fazer enormes correrias. Além disso tem lá o seu tanto quanto de casquillo o tal demonio, pois que o seu maior gosto é...beijar donzellas, as quaes depois do osculo, quasi sempre roubado já se sabe, tornam-se tristes, tristes, e desfeitas que é lastima vê-las. Vão lá ter amores com o diabo! A' sombra dessa desculpa, quanta *travessura* não fariam por ali as doidas filhas de Eva. E depois... e depois os versos são um pallido esboço de um desses peccaditos



NOTA DA TERCEIRA EDIÇÃO

As poesias impressas no presente volume, da pagina 243 em diante, são pela primeira vez reunidas ao livro das *Estrellas Errantes*.

Ha entre ellas diversos ineditos, copiados de originaes cuidadosamente guardados pela Exma. familia do illustre morto, e por ella confiados, com a maior gentileza, aos organisadores da presente edição.

Esses trabalhos, quasi todos inspirados a uma lyra de vinte annos, tinham sido pelo autor excluidos das publicações anteriores de sua collecção de versos. Porque ? Não quiz, talvez, devassar a extranhos as primeiras

elocubrações de seu cerebro privilegiado de moço poeta ; talvez recebeu os golpes impiedosos da critica indigena, e deixou taes producções no abandono.

E' verdade que têm sido passíveis de censura os que exhibem á luz da publicidade as composições iniciais dos grandes literatos.

Mas, no presente caso, como não se trata de julgar, porem, de glorificar um campineiro illustre, os seus primeiros versos aqui são enfeixados, e por elles se avaliará do vôo primevo da aguia que ia ter um magestoso surto.

Os demais trabalhos, como ficou dito no prefacio, andavam esparsos e foram respigados na *Gazeta de Campinas* em que nos ultimos tempos o Dr. Francisco Quirino collaborou. Tinham o direito de figurar nas *Estrellas Errantes*.

Ainda uma palavra. Apesar de todo o esforço, não foi possível, por completo, uniformisar a graphia deste livro, nem mesmo expurgal-o dos inevitaveis erros de imprensa.

Sirva isto de explicação aos que notarem essas falhas.



INDICE

	PAG.
Prefacio	1
A vida	1
O raio	7
Quien ama no vive	11
Horas de luz	13
Menina e moça	19
Amor de salvação	22
Ignis Soror!	29
Suzanna, a odalisca .	33
Nessun maggior dolore!	39
Duas creanças que a tremer se olhavam	41
A volta	43
Anjo do inferno ou do céu	47
Hyems	51
Nunca mais.	55
Canto inaugural	59
Hymno do Riachuelo	63

	PAG.
Um dia exaurido nas luctas da sorte	69
Sombras e raios	73
O olhar	75
Ao partir	77
O filho da lavandeira	81
Dois Colombos	85
Esperar	91
Pudor e amor	95
A Carlos Ferreira.	97
Supplica	101
A louca	105
Anhelos .	111
Dois tempos	115
Duvidas .	119
Sonhos	123
Todo y nada	127
Noite de estio.	129
Quinze annos	133
Poesia... real	137
No baile.	141
O trabalho	143
Enlevo	145
Aspiração	149
A ultima luz	155
A morta .	157
No tumulto de uma creança	161
Renovare.	163
Desalento	167
Caô-pora.	173
A uma noiva	179
Ai, não quero o teu perdão .	183
A partida	189

	PAG
Fascinação	193
Murmurio	195
O Beljo	199
Sorriso de amor	201
Remorsos	203
A meu Irmão J. Quirino do Nascimento	211
Saudades.	215
Sina	217
Hymno da Loja Independencia .	221
O Sacy	225
A' memoria do Libertador	231
A' esperança	239
A gloria	241
Hymno	243
Quando o crepusc'lo desenvolve o manto	245
Esperança e morte	247
Recordação	249
A'	253
A saudade	255
Quem filtra por nossas almas	257
A canção do escravo .-	259
A rosa e a nuvem	265
Hontem, hoje, amanhã !	267
Triste de quem sentio na fronte altiva	271
Vês, ó bella, a tarde	273
Queixa saudosa	275
O coração	279
Dolorida .	281
O tronco secco	283
Quatro estações no amor	287
Quando ao peito é noite .	289
Stella .	291

	PAG.
Hymno	295
Mãe	297
Ballada	299
Soli et semper.	301
A esmóla	303
Redempção	305
Poema da lagrima	307
Das nossas fronte serenas	309
Carlos Gomes .	311
I — Que fizeram de ti, victima imbelle.	313
II — Si foi mais negra a dor quando subiste	315
Os dois espelhos.	317
Si cahires no lodo ou na miseria	319
Excelsior !	321
O trabalho	323
Notas do autor	327
Nota da terceira edição	337



Typ. a vapor LIVRO AZUL — Campinas — A. B. de Castro Mendes







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).